BRASILIA

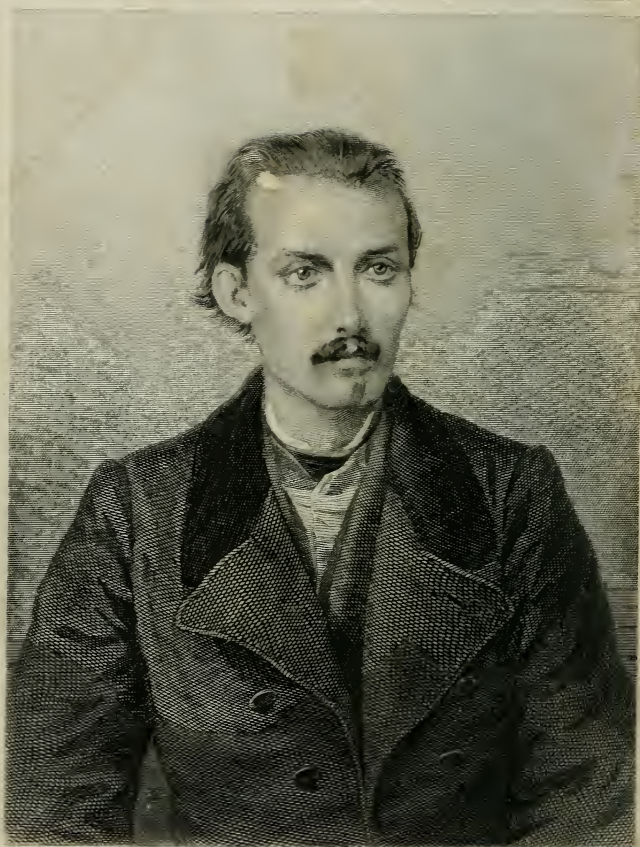
BIBLIOTECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUTHORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

SOB OS AUSPICIOS DE S. M. I. O Sr D. PEDRO II

CASIMIRO DE ABREU

OBRAS COMPLETAS

DE

CASIMIRO J. M. DE ABREU

COLLIGIDAS, ANOTADAS

PRECEDIDAS DE UM JUIZO CRITICO DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTHOR E SEUS ESCRIPTOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

NOVA EDIÇÃO ORNADA COM O SEU RETRATO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER, ÉDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO

14, RUA DE L'ABBAYE, 14

INTRODUCÇÃO

I

ADVERTENCIA

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Ha dez annos que a inevitavel mão da morte, cortára em flor um dos mais esperançosos poetas brasilienses, e suas obras, segundo a legislação patria, entram no dominio publico e fazem hoje parte da herança do povo, como um legado de seu auctor.

Annuindo á justa reclamação dos amantes da nossa moderna litteratura, abro-lhe um lugar de honra entre os seus irmãos mais velhos, os auctores nacionaes que formam e devem formar com as suas antigas obras, esquecidas até aqui sob a poeira do tempo, pois que é elle bastante digno de figurar na *Brasilia*, bibliotheca nacional, cuja publicação se tem demorado por obstaculos de todo o genero não obstante a sua reconhecida importancia e evidente utilidade, não sendo o menor d'estes obstaculos a carencia de favores, aliás prodi-

galisados em tentativas menos valiosas á gloria litteraria do nosso paiz.

As *Primaveras* de Casimiro de Abreu foram recebidas com enthusiasmo e lidas com avidez pelo publico e mórmente pelo bello sexo não só do imperio, como da nosso antiga metropole. O fim prematuro do illustre cantor augmentou-lhes o merito, dando-lhes o realce que, outorga o sello sagrado do tumulo e a sancção da morte, e a edição nitida e luxuosa, feita sob as vistas do proprio auctor, (1) esgotou-se para logo, e só seis a sete annos depois appareceram as novas edições portuguezas do Porto (2) e de Lisboa, (3) com algumas novas producções do malogrado poeta.

Differe a presente edição das tres anteriores. Não só é mais completa como menos confusa, pois evitei a reproducção de algumas poesias não já com differentes, mas sob os mesmos titulos apresentados debaixo da apparencia de novidade, taes quaes se veem nas duas edições portuguezas. (4) O auctor, logo depois da impressão das suas obras, mostrou-se descontente da falta de ordem que guardára na distribuição de suas composições pelos tres ou quatro livros (5) de que se compoem as suas *Primaveras*, e seu editor esperava o restabelecimento de sua saûde para dar segunda edição muito melhorada e augmentada a esse respeito; ambos porêm, auctor e editor, foram tolhidos nesse projecto pelo sôpro da morte.

No primeiro livro, a que o poeta consagra as suas poesias do exilio, (6) como chamava a sua forçada residencia em Portugal, faltam muitas das poesias escriptas fóra da patria, as quaes todavia se encontram derramadas pelos livros seguintes, (7) assim como tambem contem outras feitas já na terra natal e que podem e devem ter melhor cabimento entre as suas *Brasilianas*. (8)

O segundo livro que comprehende os cantos de amor, contem poesias deslocadas do livro das composições diversas, que é o terceiro, (9) assim como n'este ha producções inspiradas

pelo amor, que pertencem indubitavelmente ao segundo, (10) afóra as avulsas, que não são poucas. (11)

Ao livro terceiro destinou o auctor as poesias diversas pela variedade de seus assumptos, mas ainda assim deparam-se n'elle as poesias mais convenientes ao seu *Livro negro*, (12) as suas *Canções do exilio* e cantos de amor, (14) sendo necessario supprir essas faltas com as poesias avulsas. (15)

O *Livro negro* é composto de um pequeno numero de poesias; ha ahi muitas, porêm, que se acham no caso de lhe pertencer pelo seu estylo repassado da mais pungente e acerba melancolia e pelo seu colorido funebre, que só lhe podia fornecer o fel de que lhe impregnaram o coração ainda infantil, pela contrariedade com que torceram as nobres vocações da sua alma. (16)

Alem das poesias insertas nas *Primaveras*, existem outras que por occasião do passamento do auctor ficaram derramadas em numero de doze ou treze por varias revistas e gazetas. (17) Convem, pois, distribuil-as pelos diversos livros da sua preciosa collecção, deixando apenas de parte o pouco que escreveu em prosa (18) e o seu poema dramatico, (19) relativo aos ultimos momentos do grande cantor dos Luziadas.

Ousei pois fazer o que faria o auctor; conservei as suas divisões, mas transpuz de uns para outros livros as composições que pediam essa traslação, pelos seus assumptos e pelo seu estylo, junctando-lhes convenientemente as poesias avulsas, de modo a tornar a sua obra mais perfeita quanto á distribuição das materias, collocando as poesias em harmonia com o assumpto de cada livro. Essa nova classificação, se devo assim chamar a essas pequenas modificações, em nada altera os pensamentos do poeta; antes apresenta as suas idéas mais facilmente ao exame e comprehenção dos que leem e meditam sobre as poesias, embora os homens positivos ou dados unicamente ás sciencias, a tomem por litteratura frivola. (20)

Seguindo o plano adoptado para as obras d'esta collecção,

juntei-lhe o juizo critico dos auctores nacionaes e estrangeiros, sendo n'esta parte a presente edição mais completa do que as portuguezas, onde faltam alguns pareceres não menos importantes, do que os publicados nas duas edições citadas. (21)

Corôa a presente edição uma apotheosis poetica ou collecção de poesias tributadas á memoria do auctor, pelos seus amigos e admiradores Bruno Seabra, Almeida Cunha, J. V. da Silva Azevedo, Ernesto Cibrão, e C. A. Barbosa de Oliveira; guardada a precedencia segundo a ordem chronologica da apparição, sendo que para melhor uniformidade com o titulo geral, supprimi os titulos de cada uma, dados por seus auctores, os quaes pouco ou nada differem entre si. (22)

II

JUIZO CRITICO

DOS ESCRIPTORES NACIONAES E EXTRANGEIROS

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brazileiras de receber mais um mimo.

Casimiro d'Abreu acaba de publicar as suas *Primaveras*. Cumpre ser moço, na verdade, para no meio da indifferença que enregela a sociedade, no meio do borborinho metallico que sôa a todos os ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoista — Attendei-me! — vou cantar os segredos de ternura da alma humana; vou expôr-vos na lingua a mais doce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos, como estão em todos os corações, mas de que tão accuradamente vos distrahis. — Cumpre ser moço para tental-o, e cumpre ter recebido do céo essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poetica, para conseguil-o. Casimiro d'Abreu o conseguiu; seus versos são fluentes, ricos de melodia, apropriados ao assumpto, doces como elle. Qual é o assumpto? Podeis perguntal-o? O que póde cantar um moço senão o que lhe transborda do peito? — O amor.

A saudade da patria, a confiança nos destinos d'ella, a

saudade da familia, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno, acha-se no seu thesouro. É porêm o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escripto com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e d'animação, a nossa imprensa deve mostrar ao joven poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indifferente como parece: aqui e alli ainda batem corações sympathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente exprimidos, e não faltam espiritos que prezem e cultivem as bellas-letras.

Se para esses quizer viver Casimiro d'Abreu, se tiver a co ragem de dizer aos mais — *Odi profanum vulgus et arceo*, — animações lhe não hão-de faltar, e longe de retirar-se da liça, depois de tão bella estreia, accrescentará mais cordas á sua lyra, aproveitará o raro talento de metrificação que mostra possuir, em alguma composição de mais alento. Para então o aguardamos nós; que hoje com tanto prazer lemos os seus versos e os acceitamos como um agouro ou uma promes sa, para collocal-o na primeira linha dos nossos vates e mos trar com analyse de critico os seus titulos a essa gloria. (25)

JUSTINIANO ROCHA.

Saudemos a apparição de mais um bello livro de boa e verdadeira poesia, filha do coração e não do calculo.

Pertence o joven poeta á eschola brasileiro-romantica e d'entre os seus chefes parece dar preferencia a Gonçalves Dias. Conscio do seu talento, desejar-lhe-iamos mais alguma originalidade, pois que a imitação é um escolho, de que a sua fertil musa devera arredal-o. Por maior que seja a admiração de um esperançoso mancebo pelas obras dos grandes mestres,

cumpre comtudo que não lhes sacrifique o seu estro. Por tal modo impressionou a Casimiro de Abreu a leitura da riquissima canção do exilio de Gonçalves Dias, que a vemos por mais de uma vez transfolheada em seus versos.

De todas as producções, originadas pela saudade da patria, preferimos a que denominou, *O lar*, que começa por estes melancolicos e sonoros versos :

« Longe da patria, sob um céo diverso,
« Onde o sol, etc. »

Verdadeiro sentimento inspirou-o quando tal escrevia; vê-se que o poeta sente o que diz, e que a sua tristeza não é artificial nem de convenção.

Das *Brasilianas*, cujo titulo pediu emprestado ás brilhanhantes poesias de Porto Alegre, agradou-nos mais a intitulada, *A voz do Rio*, onde cheio de santo patriotismo exclama :

« Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
« O mar é manso, etc. »

Se Casimiro de Abreu não pode luctar em vigor de imaginação com o cantor do *Corcovado* e da *Destruição das florestas*, é mais meiga a sua harpa e mais accessivel o seu canto.

É muitas vezes prejudicial aos poetas a summa facilidade em metrificar, fazendo-os sacrificar o pensamento á forma. A prova d'esta asserção encontrará o leitor muitas vezes nas composições de Casimiro de Abreu, verbi gratia, a que tem por titulo, *Poesia e Amor*, onde deparará com lugares que lhe causarão tedio pelo zumzum da rima. Sirva de exemplo a seguinte estrophe :

« A gota de orvalho,
« Temendo, etc. »

onde uma simples idéa é afogada n'uma alluvião de palavras.

Com chave de ouro fecha o poeta o primeiro livro dos seus canticos. Curta e sublime é a sua poesia denominada, *Deus*. Tam grandioso é o pensamento que despedaça o envólucro, em que está contido, deixando ver por sobre elle uma serie de raciocinios, que o auctor artificiosamente occultava. Inimitavel é este final:

« Minha mãe a sorrir olhou p'ra os céos
« E respondeu, etc. »

Simples e elegante é a descripção que nos faz da primavera, e depois de tantas definições ainda soube dizer com graça e propriedade :

« A primavera é a estação dos risos,
« Deus, etc. »

O mesmo reparo, que fizemos á canção, *Poesia e amor*, applica-se ainda com justiça á *Valsa*, onde o poeta usou e abusou do metro de tres e quatro syllabas, com pouca vantagem empregado na nossa versificação.

Pepita é uma formosa lyra, repassada de *lamartinismo*, onde se engasta este delicadissimo pensamento :

« Minh' alma é mundo virge', ilha perdida
« Em lagos de crystaes;
« Vem, Pepita, etc. »

Dirigindo-se á *Mocidade* convida-a a consagrar ao amor a primavera da vida, e tomando o tom do velho Anacreonte, exhorta-a n'estes termos :

« Amemos! Este mundo é tam tristonho!
« A vida, etc. »

Minha alma é triste! que contraste com a jovialidade d'um mancebo, para quem o futuro sorri cheio de promessas. Quiz demonstrar-nos que sabia tanger o alaúde de Job e de Jeremias.

Sempre feliz en seus similes, compara os seus cantos com o lyrio murcho pelos ardores do estio :

« Como a criança, que banhada em prantos
« Procura o brinco, etc. »

N'este mesmo genero recommenda-se a mimosa nenia consagrada ao seu amigo Affonso Messeder, em que se mostra digno emulo do Sr. D. Firmino e de Gonçalves Dias. Como este final é sublime de melancolia, de resignação, e de esperança de alem do tumulo !

« Descança ! se no céo ha luz mais pura,
« De certo gosarás, etc. »

Sacro enthusiasmo, dictado pela mais pura amizade, inspira-lhe elevados pensamentos na ode endereçada a Macedo Junior. Com que effusão lhe diz :

« Não desmintas, irmão, este propheta,
« Sybarita, etc. »

A desvellada e religiosa educação que no materno regaço recebeu Casimiro de Abreu, revela-se toda no seu mavioso canto, *O homem de metal*, cheio de moralidade e sentimentalismo.

Para pagar um tributo ao gosto da epocha, quiz tambem o auctor queimar alguns grãos de incenso nas aras de Byron e de Alfredo de Musset, e aproximar-se n'este ponto a Alvares de Azevedo e Junqueira Freire, de quem seu estro tanto distanciava. Com franqueza diremos que no nosso humilde conceito o *Livro Negro* é o que mais nos desagradou de toda essa interessantissima collecção, que recebeu no baptismo da imprensa o nome de *Primaveras*. (24)

J. C. Fernandes Pinheiro.

As Primaveras formam uma collecção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo ardentes como é ardente a febre : são cantos da mocidade.

Quando se abandona o collo d'uma mãe querida e se entra no mundo, scena grande, cheia de luzes e de bulicio, a commoção é violenta, a alma estremece e... começam os sonhos. E como é bello sonhar!

A imaginação cria um mundo á parte, rodeado de horisontes todos novos; atira-se por ahi alem, rindo e folgando, seguindo seus caprichos de menina voluvel; na voz da brisa escuta harmonias do céo e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ella mesma ideou e que só ella vê.

A par dos sonhos, apparecem as primaveras d'essas scenas, que fazem esquecer as dôres d'um passado inteiro, cobrem de flores o presente e tornam-se uma fonte inesgotavel de mágoas para o futuro.

Scenas como todos almejam e como alguns apreciam. São lindas paizagens do Chanaan dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aquelles que chegam a gosar as suas delicias!

Se tudo isso, porêm, vive e palpita no bello livro de Casimiro d'Abreu, não faltam as côres sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo apparece ás vezes uma contracção ironica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d'alguma dôr secreta.

Nas primaveras ha flores sepulchraes ao lado de flores festivas.

No primeiro livro ha d'esses versos que brotam do coração, quando pelo cahir da tarde a doce virgem da melancholia nos vem enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lagrima; porêm são lagrimas que alliviam e consolam; a melancholia é uma bella companheira.

Por isso tambem não é das harmonias que ella inspira, que

fallamos presentemente, mas sim da ultima parte do volume, e sobretudo do *Livro Negro*, onde se percebe o cunho d'uma idéa grave e um espirito, sob a impressão d'algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais agradaveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante; tomou o pincel e desenhou com effusão a linda scena, *Le carnaval de Venise.* Dias depois o artista esmoreceu, e sobre a mesma tela, mesmo em cima d'aquellas figuras alegres pintou, *Le départ des pêcheurs*.

Foi um sorriso suffocado por um soluço, diz Pelletan, o narrador d'esta scena. Casimiro d'Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o *Livro Negro*. São suas ultimas vozes, e por isso fecha-se o livro das *Primaveras* com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não importa; iremos ouvindo as suas canções, embora depois os eccos funebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta colloca o ramilhete de suas flores sob o olhar terno e compassivo : esse olhar será seu *talisman*, seu *palladium*, e ao terminar, assim diz :

> « Se entre as rosas das minhas primaveras
> « Houver rosas, etc. »

A prece já foi murmurada, agora póde a lyra entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dous sentidos. Não é a tristeza que, desenhando-se no rosto d'aquelle que abandona o berço natal, desapparece quando desapparece a sombra do amigo, que da praia acena um adeus ; não é a tristeza que some quando se somem as serranias nos confins do horisonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do tecto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre

com o tempo: a saudade foge d'essa regra; á medida que os minutos se escôam, vai ella tomando mais vastas proporções.

Casimiro d'Abreu teve de partir criança ainda para fóra de seu paiz; abandonou o solo da patria e foi viver algum tempo em Portugal. D'áhi cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das duas composições intituladas, *Canção do exilio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é mimosa, porêm faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo titulo.

Alem d'isso, a outra é mais sentida, e vê-se mesmo que foi escripta sob toda a influencia da melancholia serena, que desperta a saudade do céo americano.

> « Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
> « Meu Deus, etc. »

É a oração do moço, que cedo arrebatado d'um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da patria e embriagar-se de poeira e de vida.

> « Quero dormir á sombra dos coqueiros,
> « As folhas, etc. »

Os versos correm sonoros e tristes, como as cachoeiras de que nos falla o poeta; foi sem duvida uma canção modulada pelas horas placidas da noite, á lembrança do luar tranquillo da sua terra.

Um dos caracteristicos notaveis do snr. Abreu é a singeleza d'expressão. Nada de phrases enredadas e locuções difficeis; falla sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem ler os seus versos.

Não é d'esses poetas enigmaticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de

mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é d'esses, cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar, com palavras sesquipedaes e atroantes, como o ribombo do canhão.

Demais, o nosso joven poeta é sempre intimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernaculo sagrado das suas recordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas que ahi conserva religiosamente : esperanças em flor ou esperanças murchas; — sorrisos, impressões de criança, lembranças ternas, ligando-se ás vezes a pequenas cousas, — tudo apparece.

No genero familiar apparecem os bellos dotes que acabamos d'apontar á sua verdadeira luz.

A patria encerra tudo que ha de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou nosso leito de menino e os explendores da natureza que nos cercou de suas galas. É tambem o lar da familia, as sombras amigas, que nos rodearàm nos primeiros pasos; é sobre tudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céo de poesia não se encontra alli!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça inmensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relampagos na crista d'altaneira montanha, criou assim, póde-se dizer, a eschóla da familia na poesia.

Espirito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lyra desprende sons altivos ao desenhar o caracter magnanimo de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Rheno, Job o Excommungado, que içava na torre de seu *burg* um formidavel estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquellas imagens graciosas da Grecia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mysterios encantadores do Harem,

tremia d'enthusiasmo no meio d'exhalações guerreiras, acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azues do Mediterraneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tam rica como a primeira, com quanto mais modesta, poesia que não tem como horisonte o céo franjado de nuvens encantadas, porêm unicamente as quatro paredes d'uma casa; poesia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novello de fumo que se escapa do tecto.

Divina, porêm, é ella na sua simplicidade. As luctas do mundo prostram o corpo e o espirito; as agitações convulsivas e burlescas d'isso que se chama sociedade, aquebrantam as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de descrença. Então a casa da familia se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some-se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo domestico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge ao som de seus cantares!

Casimiro d'Abreu, é, como já dissemos, mui feliz n'esse genero.

Lêde aquella ingenua poesia, *Meus oito annos*, e vereis com que amenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

« Oh! dias de minha infancia!
« Oh! meu céo, etc. »

E depois:

« Livre filho das montanhas,
« Eu ia, etc. »

Minha mãe — é repassada d'uncção e de sentimento.

« De noite, alta noite, quando eu já dormia,
« Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos.
« Quem é que meus labios dormentes roçava,
« Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
« Minha mãe! »

No Lar — é uma das melhores peças do volume. O coração ahi está todo inteiro.

No Lar — descreve o poeta sua volta á patria : primeiro a alegria, depois recordações intimas, e em seguida enthusiasmo sancto, avidez de sol e d'amor. São d'esses versos que se leem com os olhos humidos.

O desterro teve um fim : eis o proscripto no meio das sombras da sua infancia.

« Eis-me na patria, no paiz das flores,
« O filho prodigo, etc. »

Tudo é bello ahi; as reminiscencias apparecem em borbotões e a alma refaz-se n'essa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá ler estes versos de Casimiro d'Abreu, sem sentir um estremecimento no coração?

« E a casa? as salas, estes moveis... tudo,
« O crucifixo, etc. »

Quem não terá na vida paginas irmãs d'esta?

« E alli, n'aquelle canto... o berço armado!
« E minha mana, etc. »

O resto é prece fervorosa d'amor, hymno de fé e d'esperança.

No Lar — é a poesia mais intima e familiar do nosso poeta.

Occupar-nos-hemos agora de suas *Brazilianas*.

A poesia nacional brazileira vai deixando pouco a pouco as fórmas vagas da utopia, e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as fórmas mimosas d'uma donzella.

Da chrysalida pura, muito imaginaria, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos factos.

A poesia nacional não é mais do que a epopéa animada, onde se veem gravar as idéas e os costumes d'um povo, e a natureza d'um paiz com suas imagens horrendas ou seductoras.

Toda a nação tem essa epopéa, livro de paginas particularissimas, e cuja còr é verdadeiramente local, porque suas feições ahi se estampam fielmente, bem como o céo azul ou negro se reflecte no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflecte no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional está hoje sufficientemente demonstrada e geralmente acceita.

Com quanto assim seja, muitos ha que duvidam da sua existencia entre nós.

Appella-se para a falta de tradições ; diz-se que os costumes não tomaram por em quanto caracteristicos salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solemne a essas palavras vai apparecendo a cada momento.

Nossos typos se desenham, e os costumes se gravam todos os dias com summa naturalidade.

Quanto ás tradições parece que o nosso passado não é de todo falho de festas heroicas, que a nossa historia offerece ao poeta paginas bellissimas, ricos assumptos de inspiração. D'essa verdade tambem não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu n'este solo, deixou-nos ao extinguir-se tanto mysterio sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela fascinação do bello a escrever esses poemas e desenhar esses heroes, agigantados como os de Homero, e ao mesmo tempo simples e rudes, com filhos que eram das mattas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada á poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São scenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veio em muitos pontos entrelaçar-se á nossa.

Com taes elementos e os denodados campeões que conta em sua phalange, a poesia brazileira vai ganhando terreno.

E assim é necessario.

A soberba rainha, que traja esse manto immenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja corôa são as aguas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerra; cantar aos sons compassados do *maracá*, os sonhos da indigena mollemente adormecida em sua rêde de pennas, e relatar na lyra os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorgeio de nossos passaros.

Em opposição ás nossas idéas, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem elles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, á roda do qual gravitam todas as suas creações: é o espirito, a cabeça, o homem.

D'ahi duas conclusões: a poesia nacional não póde existir, ou pelo menos a poesia não se deve occupar com as tradições indigenas. Quanto á primeira, porque não recebe o sello geral do homem ou antes não reflecte a humanidade, e em ultimo lugar quem penetra os profundos segredos das florestas, afasta-se inteiramente do ponto em que póde encontrar essa imagem. Acceitamos o principio e repellimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem, quer com o caracter dramatico da grande sociedade, quer sob a influencia de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filho dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras: sem despresarmos o cosmopolitismo na poesia, crêmos com fé na sua nacionalidade, e entendemos que o poeta, se deve atirar com ardor ao estudo d'essas memorias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

Moreninha e *Na Rêde* — são dous lindos ensaios da poesia nacional.

A Moreninha é uma composição graciosa, ligeira, expansiva como se póde perceber pelo titulo : todas as sextilhas ahi se acham habilmente ligadas, e não ha uma só que seja destituida de interesse.

Quem lê a *Moreninha*, julga mesmo acompanhar uma d'essas interessantes meninas, que passeia no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendendo suas flores, e tem vontade de exclamar como o poeta :

« Ai ! vejam como é bonita
« Com, etc. »

Admira-se ahi uma paciencia toda natural, e, ao passo que se respira o doce perfume da innocencia, sente-se uns longes da malicia, porêm d'uma malicia candida que enfeitiça.

« Tu és bella, moreninha,
« Sentada, etc. »

O poeta, porêm, não quer as flores do samburá, quer as flores do coração :

« Eu disse então : « Meus amores,
« Deixa, etc. »

A menina enrubecida lá foge pelos campos, e, ao contal-o, diz o poeta :

« Tua ias de saia curta,
« Saltando, etc. »

Moreninha — é das mais mimosas poesias do volume. Deve ser lida por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porêm, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições legitimas de braziliana. Não ha entre nós esse typo

de vendedeira de flores ; essa idéa é alguma reminiscencia de Portugal.

É comtudo justificavel o titulo. O poeta não pinta unicamente; de seus attributos o mais sublime é o dom de criar.

Casimiro d'Abreu criou, ou antes collocou, aquella imagem risonha em nossos campos, com as côres e graças de nossas donzellas : viveza de falla, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha* á *fresca* sombra do *til*. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da scena.

É tambem digna de nota a poesia intitulada — *Na Rêde*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala, dormindo, n'essa cama engraçada das florestas.

Na Rêde — traz á lembrança a voluptuosa, *Sara la Baigneuse*, das Orientaes.

Temos ligeiramente apreciado o primeiro livro das, *Primavèras*. Vivemos alli na graciosa quadra da infancia ; — passemos por agora aos arroubos ardentes da mocidade,

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao coração a imagem feiticeira d'uma mulher, que seja uma d'essas fórmas aérias e vagas que vem reclinar-se á nossa cabeceira, que seja um d'esses entes divinos que andam e sentem e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração intende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de alem-mundo !

Não nos referimos unicamente áquelles que passam a vida sob a impressão magnetica d'um raio de lyrismo ; não fallamos unicamente d'essas figuras pallidas de Azevedo e Nova-

lis, que, segundo a phrase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hymno no jardim da poesia.

Não; é mesmo d'esses, em cujo cerebro está sempre em fusão alguma idéa portentosa; é dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com seus labyrinthos.

Espiritos profundos, nem por isso se esquivam á lei do coração e pagam seu tributo da melhor boa vontade.

Garrett, em um dos seus livros mais espirituosos, fallando sobre a influencia do amor, acaba por estabelecer a regra — que todo poeta deve andar sempre namorado.

Comprehende-se perfeitamente.

O coração do poeta é immenso, necessita d'um sentimento immenso. É uma machina gigantesca, que deve trabalhar com material equivalente. Do contrario, ou permanecendo em vergonhosa inercia, suas numerosas e delicadas molas gastar-se-iam miseravelmente.

Verdade é que Garrett com seu principio parece exigir para o amor do poeta uma criatura em carne e osso; a tanto não chegamos nós; mas emfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espiritos com pretenções a uma seriedade absurda, que criticam as doces emanações do coração do poeta, e que para distrahil-o lhe apontam unicamente horisontes vastissimos, que nem mesmo elles enxergam. São vozes que não acham ecco, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Em quanto a poesia fôr filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro d'Abreu tem a sua *Graziella*.

O segundo livro está cheio de primorosas canções, em que se bebe o halito puro d'um peito de virgem, e se sente o vivo pestanejar d'uns olhos pretos.

Observam-se dous coloridos distinctos nas composições amorosas do joven poeta.

Umas são effluvios sagrados, solemnes mesmo, que rebentam do peito no ardor da paixão ; outras são inspirações joviaes, facetas moduladas junto ao sagrado objecto d'um amor candido e familiar.

Nas primeiras está o canto de amor, — *Pepita*, *Visão*, etc.; e nas segundas, — *Scena intima*, *Segredos* e mais algumas.

A bella poesia intitulada, *Primaveras*, saudação ás flores do coração e ás flores do campo, encerra o pensamento do segundo livro.

> « Alegre e verde se balança o galho.
> « Suspira, etc. »

E assim acaba :

> « Na mocidade, na estação fogosa,
> « Ama-se, etc. »

Seria por demais inutil analysar as boas producções que se encontram n'esse livro : alem de serem em grande numero, a simples leitura revela todo o seu merito. Fallaremos sómente de algumas, e rapidamente.

O canto de amor é a oração pura que os labios tremem aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencial na lyra do poeta, e tem sido vibrada em todos os tempos; por isso vai-se tornando cada dia mais difficil a poesia amorosa. O sello da originalidade em taes casos não é cousa de pouca monta.

Casimiro d'Abreu tem a habilidade de fallar do amor quasi sempre, como d'uma materia nova.

O canto do amor é melodioso e sublime.

É admiravel a phrase elegante do poeta ; não é como a onda que sahe das profundezas do abismo e se atira ás nuvens ; é antes como a lympha cristallina, que vai murmurando através do valle.

> « Oh! vem depréssa, minha vida foge...
> « Sou como, etc. »

Pepita —distingue belleza de fórma e escolha de imagens: tem certo ar de indolencia que diz muito bem a uma revelação de amores n'este abençoado clima tropical.

« Minh'alma é um mundo virge', ilha perdida
« Em lagos, etc. »

Na Visão — narra-se o nascimento d'uma paixão; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos, como na construcção e na rima.

Uma Noite — o poeta vê passar as gallas da festa o rosto virginal de uma criança, e assim diz:

« Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
« Minh'alma, etc. »

O poeta descuidou-se — a sombra fugiu:

« Não voltou; talvez ella adormecesse
« Junto, etc. »

E no fim:

« Onde foste, visão de meus amores?
« Minh'alma, etc »

Sempre sonhos — é uma aspiração fogosa ao céo dos amores. É a historia de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se por ventura podesse pender a fronte sobre o seu collo. Como é sentida esta promessa.

« Eu velára, Senhor, pelos seus dias
« Como, etc. »

Um pequeno parenthesis. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas phrases, que, sem quebrar ou destruir a idéa geral, com tudo são fóra de sentido.

Nem sempre se esparze, principalmente quando ha belleza, mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, n'esta rica poesia — *Sempre sonhos*, — lê-se no fim da penultima estrophe, quando o poeta falla de si e do seu amor :

« Nós, dous cysnes vagando em manso lago,
« Amor — nossos bateis. »

São duas idéas que não se abraçam ; para que, os cysnes com os bateis ? É um verso que cahiu da penna insensivelmente. Está fechado o parenthesis.

Especial menção merece o — *Amor e Medo. Amor e Medo* é poesia de primeira ordem. Ahi mostra o poeta a razão da affectada frieza a seu idolo :

« És bella — eu moço, — tens amor, eu medo. »

Ha quadras lindissimas, por onde se vê a habilidade de versificação de que dispõe Casimiro d'Abreu ; é admiravel a multidão de pensamentos que elle encerra em um só verso.

« Ai! se eu te visse em languidez sublime,
« Na face, etc. »

« Dize — que sina da pureza de anjo
« Das vestes, etc. »

E esta imagem é lindissima.

Amor e Medo — é uma revelação *franca* de mais ; porém é revelação feita com muita arte.

Scena intima — é uma scena de ciumes, de arrufos, como se diz vulgarmente ; o anjo está zangado com a poeta ; com toda a graça se offerece em holocausto para pagar seus peccados.

« Prende-me... n'estes teus braços
« Em doces, etc. »

O Juramento — é gracioso e cordial : é um juramento de

dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora. *Segredos* — é a semi-confissão de seus bellos amores.

Quando — é um interessante dialogo, cujas personagens não é necessario dizer : é uma conversa sobre o passado ; — *ella* lembra-se de tudo ; porêm no fim a memoria fraqueia.

« Como tremias — alli, vida,
« Se em mim, etc. »

O segundo livro das *Primaveras*, está assim cheio de bellas paginas : uma abundante e facil maneira graciosa de apresentar as imagens, comparações riquissimas, são qualidades que ahi se observam a cada passo.

Não é sem commoção que passamos a tractar do terceiro e ultimo livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As scenas da infancia ha muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno

É o orgão sonoro que acorda o immenso templo da natureza com hosannas de amor, e que termina lentamente em surdo murmurio, no meio de notas graves e solemnes.

É a lua, que por uma bella noite de estio, trocando seus raios de amor com os olhares pensativos de alguma virgem, ou alumiando um rosto de mancebo na febre de insomnia, vai finalmente sepultar-se pallida e descórada no meio da floresta escura.

Apparece ahi por vezes um sorriso, alguma nota alegre que o orgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a lua desprende á sua morte.

E é unicamente no principio, porque o *Livro Negro* é todo elle sombrio, pesaroso e dominado por uma dôr profunda. O *Livro Negro*, é o ultimo arranco da agonia.

Minh'alma é triste, é a poesia mais tocante do começo do

terceiro livro. É assim realmente que se falla quando a dôr nos abraça :

« Minh'alma é triste como a voz do sino
« Carpindo, etc. »

Já tivemos occasião de fallar na belleza de comparações que se encontra nas *Primaveras ;* teem quasi todas um caracter de singeleza e de candura admiraveis.

« Como a criança, que banhada em prantos
« Procura, etc. »

Ou então :

« Ai ! loucos sonhos de mancebo ardente !
« Espr'anças, etc. »

A côr *lamartiniana* espalhada n'este triste quadro, não se desmente nunca : o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

Minh'alma é triste, não é uma conjuração negra do destino, nem blasphemia no meio de imprecações ; é uma lamentação branda e melancholica.

Não é o hymno em que se grita de raiva, é o hymno em que se chora de dôr :

« Dizem que ha gosos no correr da vida...
« Só eu não sei em que o prazer consiste !
« No amor, na gloria, na mundana lida.
« Foram-se as flores, a minh'alma é triste. »

A morte de Messeder, é tambem composição notavel ; a saudação a *Macedo Junior*, prima pelo vigor do pensamento, e, com quanto saudação frenetica, o poeta ahi derramou algumas côres negras, sempre que falla de si.

Palavras a alguem, está escripta com muita verdade : é um conselho dado do coração.

Fallando a *esse alguem*, diz o poeta :

« Conchinha das lisas praias,
« Nasceste, etc. »

O Baile, tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzellas, que no vergel da mocidade, podendo aspirar o doce perfume que exhalam as flores do céo e cultivarem um amor puro e sancto, que Deus abençoa, gastam toda a sua attenção no salão do baile, seus sonhos na walsa desenfreada, e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyché* e os babados d'um vestido novo.

O coração para ellas é cousa inutil ; póde bem ficar em casa guardado na caixinha das joias.

Pobres criaturas! Preferem o resplendor do lustre á luz serena da divindade da noite, e sabe Deus quanta nuvem de poeira não vai morrendo n'essas almas de criança.

Tornam-se ainda recommendaveis no terceiro livro, *A Illusão*, *Uma Historia*, *No Leito*, e outras mais.

Dissemos que ha seus vislumbres de prazer aqui e acolá : *Sonhando* — é uma prova da nossa asserção. Ao lado da scena contemporanea ha a scena dramatica intitulada, *No Jardim*.

« Ella estava sentada em meus joelhos,
« E brincava, etc. »

Apparece uma borboleta.
A menina corre e o poeta extasia-se no brinquedo infantil.

« Iam, vinham á roda das acacias
« Brincavam, etc. »

O *Livro Negro*, agradou-nos summamente.

Dôres, é poesia de primeira ordem, não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escripta.

É das poesias que mais nos impressionaram.

« Ha dòres fundas, agonias lentas,
« Dramas, etc. »

Não são as dôres que se experimentam por cousa de uma sombra que o nosso amor procura, a que o poeta se refere.

« Doces fallas de amor, que o vento espalha,
« Juras sentidas, etc. »

O coração suspira, é verdade, a fronte abate-se.

« Mas depois outros olhos nos captivam
« E loucos vamos em delirios novos
« Arder n'outra paixão. »

Então diz o poeta :

« Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
« E moço, etc. »

E assim vai descrevendo em versos plangentes, e ao mesmo tempo altivos, a mágoa profunda, sob cuja influencia funesta uma alma joven succumbe pouco a pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito : o coração vai perdendo todo o viço — os labios descóram e o suicidio nos acena ao longe.

E o que acontece...

« Ergue-se a taça do festim da orgia,
« Gasta-se, etc. »

E mais adiante :

« A dôr se apaga no fervor dos vinhos,
« E no regaço, etc. »

Ainda não é tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo officio que o côro na tragedia antiga : está sempre de observação para approvar ou reprovar. Porque leis? Por leis que só elle entende.

Personagem secco, frio, estupido, seu rosto de bronze se contrahe ás vezes por um sorriso sardonico e com braço de

ferro esmaga os criminosos, que fazem oscillar um pouco a sua balança infernal.

> « Depois o mundo diz : — Que libertino!
> « A folgar, etc. »

O mundo! o mundo! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau como um espirito infernal e falso como a mentira? Ha de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em face com que direito falla, vêr-se-ha immediatamente condemnado a um ostracismo perpetuo ; proteste-se embora falle-se, em Deus, — na razão ; — são palavras ôcas, a sentença ha de cumprir-se, porque o mundo vale mais que tudo isso.

O canto do *Livro Negro*, que começa :

> « Pobre criança, que te affliges tanto,
> « Porque, etc. »

é como as outras do mesmo livro, intima e profunda.

Ultima folha, é a ultima falla entrecortada de soluços ; é o ultimo grito de estertor em um leito de dôres.

É a ultima voz, e por isso lenta, grave e meio abafada. *Ultima folha*, é digno remate do *Livro Negro*.

Agora, que temos summariamente examinado as *Primaveras*, aventuraremos algumas idéas a respeito da sua ultima parte, considerada no ponto de vista artistico.

Apparece hoje uma classe de falsos regeneradores, com mania de classicos, que pretendem arrancar á poesia certos attributos, que para elles são gravissimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o tabernaculo sagrado da arte, da injuria dos vandalos litterarios. Alem d'outras cousas, entra nos seus planos a guerra encarniçada aos poetas *sombrios*, como elles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu ecco, e como tal os sons que desfere sempre devem ser fieis. Se o coração pula, a penna corre pelo papel, e ahi deixa estampado um hymno de felicidade e de gratidão.

Se o coração se contrahe, o hymno necessariamente é de mágoa.

Por isso não admittimos que se condemne com epithetos ridiculos o poeta, que sem rebuço, candida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possivel que se queira banir do mundo a dôr, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não, certamente; seria atéirrisorio dizel-o: por conseguinte tal condemnação é injusta.

Não queremos justificar os vôos infructiferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porêm não consentimos que se lance o estigma sobre os poetas, que, cumpungidos, exhalam a sua alma em canticos sonoros, relatando martyrios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ah! não: deixai que na poesia pelo menos, o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que seus labio murmurem uma canção de agonia; a mal, porque?

« Tu és homem, *donc tu souffres* » diz Chateaubriand, e ha de dizer-se ao poeta: « tu não tens direito de chorar? »

Não, meus senhores, não queremos affectação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando elle ri, e abraçamol-o quando elle chora.

É nossa regra.

Comprehendemos toda a grandeza e liberdade da arte, jámais desculparemos a esses, que á capa de regeneração,

querem tirar-lhe o que ella tem de mais sublime, para depois sujeital-a a principios acanhados e absurdos.

A arte fez-se com o genio, e como tal é livre e é immensa.

Seguimos a opinião do chefe da eschóla romantica em França, ou antes do *liberalismo litterario*. Quando se examina um livro não se tracta de saber se o assumpto é bom ou mau ; porêm se está bem ou mal desenvolvido. Ou antes, todos os assumptos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e teremos concluido.

Casimiro d'Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe póde fazer é o emprego de certas imagens estranhas á nossa natureza.

Elle, que sabe tão bem colorir seus versos com as côres do nosso céo e dos nossos campos, para que nos ha de fallar por vezes — em *rouxinol*, em *carvalhos*, e cousas similhantes? Por ventura falham-nos imagens seductoras e expressivas? Não é tão explendido o nosso solo, e não offerece elle ao poeta um campo tão vasto e tão rico para as suas phantasias ?

Bem sabemos que Casimiro d'Abreu assim falla uma vez ou outra, em razão de ter habitado por algum tempo paiz estrangeiro ; porêm, não importa, deveria servir-se unicamente d'essa linguaguem tropical, que diz tão bem aos nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição colloca lado a lado, os objectos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo :

« A gota de orvalho
« Tremendo no galho
« Do velho *carvalho*
« Nas folhas do *ingá*. »

A rima do joven poeta é uma das suas qualidades mais salientes; é sempre natural e azada. Porêm não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima

com as palavras em *em*, é inteiramente forçada. Na poesia — *Canção de Exilio*, assim diz elle:

« O paiz estrangeiro mais bellezas
« Do que a patria não *tem*,
« E este mundo não vale um só dos beijos
« Tão doces de uma *mãe*. »

É isso commum nos poetas portuguezes; porêm não podemos acompanhal-os de modo algum.

Outras pequenas faltas tem Casimiro d'Abreu; mas são faltas de cantor na primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quaes não vale a pena fallar.

O poeta das *Primaveras* póde incorrer na pecha de repetir algumas vezes as suas imagens; nós consideraremos tal tendencia como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto; porêm a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma nem outra cousa.

Alem d'isso, nas *Primaveras* ha mais d'uma rosa e mais d'um sabiá.

Rematando aqui o nosso trabalho, não podemos deixar de soltar um grito de enthusiasmo e sympathia ao nosso poeta.

O Brazil é um paiz cheio de vida; o campo da poesia é vasto como o infinito, e ahi está em eterna florescencia, apesar dos seus eternos exploradores; o talento tem por estrella o olhar do Eterno. Por tudo isso, esperamos que Casimiro de Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia o seu nome gravado no nosso pantheon litterario.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flores de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outomno com seus fructos dourados. (25)

Pedro Luiz P. de Sousa.

Mais um livro no mundo das letras patrias, mais uma centelhasinha luminosa no céo azul d'esta terra bemfadada, porêm eivada já de descrença e desalento no verdor dos annos, porque desprovida d'animação entibiam-se as forças, minguam-se as esperanças e esvae-se a fé no futuro, porque o presente é frieirão e desanimador para tudo, menos para o vapor, que, com a sua velocidade nos tem trazido o açodamento de fazer fortuna depressa. Collocam-se trilhos ainda sobre pedrôuços desabridos, que nos conduzam a Californias e Australias, e deixam-se em desaproveitamento e cobertas d'urzes, estradas de boa viação, que nos levem a areopagos, que nos alumiem a intelligencia e que nos enriqueçam as nossas amesquinhadas e esquecidas bibliothecas.

Bem vindo seja pois o livro das *Primaveras*. Casimiro de Abreu é um operario do futuro, carrega sobre os seus hombros um pedaço da cantaria lavrada e facetada a cinzel, que ha de um dia ajustar-se ao edificio da litteratura patria. Mas ai! que lhe não soprem lufadas desabridas, que desfolhem e matem a florinha, que desabrocha a custo sob a pressão gélida d'uma indifferença esterilisadora.

Thomaz Chatterton morre de cansaço e de descrença aos desesete annos d'idade! Oh! que primavera fôra a d'aquelle prodigio sublime de precocidade nos vôos do genio; que decepções não experimentou o archanjo, que, d'um céo de sonhos dourados viera conspurcar as azas candidas n'um mundo de loucuras, de torpezas, e desenganos! André Chénier morre aos trinta e dous annos, porque a alma nobre e generosa do poeta lavrára um protesto solemne contra a sêde de sangue dos monstros da revolução franceza, e como o cysne nos trances do passamento, soltára as ultimas notas do canto magestoso dos anjos, cercado já do ether luminoso da eternidade, que transmitte de geração em geração o zêlo indelevel da im-

mortalidade e da veneração para as victimas dos homens abastardados de coração e desagradecidos d'animo.

Dutra Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire, passaram como meteóros luminosos em noite caliginosa ; mas deixaram apoz de si longo esteiro de luz ; seus nomes estão cercados da auréola da gloria, que a não mareia o indifferentismo dos homens glaciaes, idólatras das divindades dos Midas e dos Cressos.

Ai ! não roubem ao poeta seus sonhos dourados ; não gastem os perfumes inebriantes da flor de suas crenças ; não lhe apaguem o lume que Deus lhe pozera no coração ; deixem-no que viva elle no seu mundo innocente e arrebatador, que o alinde de miragens multicôres, que o povoe de fadas seductoras, que o opulente de pompas e de folguedos, e que dos angulos do seu edificio lhe respondam harpas inspiradas pela melodia dos anjos, que não deixem morrer os cantos, entorpecidos pelo desalento.

Primavera, época de flores e de perfumes, symbolo de primicias e de juventude ; sendal dourado que esconde entre côres deslumbrantes e phantasticas o inverno de hontem, e que faz esquecer por alguns momentos com suas pompas e atavios o inverno que ha de vir com seus nevoeiros negros, com suas tempestades desencadeadas, com seu descrer, pela desnudez d'alma, que vai colher á farta desillusões esterilisadoras e aborridas.

Primaveras — Eis pois o livro com que nos mimoseia Casimiro d'Abreu. É o repositorio de seus sonhos de poeta joven, a quem a natureza deu muito e a arte pouco, porque as suas vocações foram transviadas, suas aspirações foram estorvadas ; aguia, já na infancia aquilatou suas forças, ensaiou seus vôos, adejou sobre regiões altas e livres, pairou algum tempo, e lá de cima soltou alguns threnos do devanear d'alma do que nascera poeta, e queria amplidão para satisfazer á necessidade de seus instinctos ; quando porêm descera de seus primeiros vôos, agourentaram-lhe as azas, pozeram-lhe peias, e os vôos

ficaram tolhidos pela pressão esmagadora d'uma atmosphera de ferro. Eis Casimiro d'Abreu; eis uma vocação senão perdida « porque tudo póde Deus, e muito o genio » ao menos fanada e transviada pela contrariedade que o tolhe, o enerva e lhe recheia de torturas o coração, que, ulcerado, solta gemidos com Harvey e Eduardo Young em lugar de desatar-se em risos e delicias com Moscho, Sapho e Anacreonte.

Como todo o livro de canções, é o de Casimiro d'Abreu um complexo de folhas soltas; póde apanhar-se uma ou outra sem que o vergel soffra em sua symetria e harmonia. A florinha singela e pallida do resedá, a soberba e aprimorada magnolia, a humilde trepadeira silvestre, a explendida e fragrante rosa, a modesta violeta que se esconde, o jasmim d'Italia que se ostenta orgulhoso do seu perfume, tudo se acha ennovelado no ardim, e n'esta agglomeração consiste a sua mais aprimorada ouçainha, sua mais culminante e seductora belleza.

As canções são inspirações de momento e trovadas de jacto; o objecto que as inspirou embebe-se inteiro nas suas estrophes e fecha-as com o que tem de melhor; não se espaçam, nem se pejam de circumloquios e sobejidões. O azul do céo, o astro do dia, os astros da noite, o alcantil ennegrido das montanhas, a alcatifa verdejante dos campos, o perpassar preguiçoso do regato, que serpêa e rumoreja, o mar, que tumultuoso róla incessante as suas ondas alvacentas no rochedo da encosta, o bramir do trovão, a brandura das auras matinaes, o gorgeio dos passarinhos, o amor casto e puro, ou antes o ideal do amor, tudo arrebata, tudo extasia, tudo enche o peito do poeta, tudo o inspira.

Cada um d'estes objectos, cada hora de meditação, cada circumstancia da vida, desenham um quadro differencial, modelado diversamente, diversamente colorido, adereçado e recamado com donaires e louçainhas de galas e folguedos, ou com o dó e desatavios de mágoas e pesadumes. E, no entanto as lagrimas teem sua poesia solemne e sublime. A côr melan-

cholica, que repassa o canto, tem tanta suavidade, tanta uncção, que interessa e arrebata. Essa contenção do espirito, que perscruta os entre-seios d'alma e lhes arranca os segredos intimos, tem tanta sanctidade, que nos desperta tambem sentimentos nobres, porque desapega o homem das impurezas terrestres e o eléva á contemplação do infinito e com ella á idéa suprema da omnipotencia. E no entanto, na placidez, na tranquillidade, no silencio, ha muita poesia. O arrebol duvidoso que precede o bruxolear da manhã, tem mais poesia que o sol no meridiano opulento de raios deslumbrantes; a sua côr de prata subindo vagarosa pelo campo azul do céo recamado de globos que fulguram em uma noite serena, tem encantos como um seio de virgem palpitando a um primeiro amor; o regato que foge manso e manso rumojerando a medo, escondendo-se na selva da campina, namorado pelo enxame de borboletas iriantes que o beijam, recuam e voltam a fruir novos gosos, tem mais poesia que o mar desenfreado bramindo de furor; na mudez da selva, nos perfumes das flores silvestres, no gorgeio amoroso do sabiá sobre o leque das palmeiras, ha mais poesia que nos saraus das cidades, no ruido estrepitoso dos carros, e nas musicas estrondosas dos amphitheatros.

As Primaveras — Oh! sim, tenho este florilegio diante dos olhos; vou colher as flores que n'elle se enfaixam ligadas por fios côr de rosa, mas por vezes entressachadas com a côr sombria do azedume e com a pallidez morbida do desalento.

Temos como certo que a poesia hodierna com seus vôos liberrimos, não quer nem póde acceitar as classificações, preceitos e mandamentos caprichosos da arte antiga. A eschóla nova, em via de desenvolvimento e de progresso, ainda não foi rigorosamente firmada e definida; refutam-se accepções varias e contradictorias ácerca da noção genuina da eschóla, dita romantica. O pensamento vôa á vontade; sem peias não conhece os senatusconsultos d'outras eras; é revel aos codigos velhos e obsoletos; cavalleiro truanesco da idade media, vai pelo

mundo com sua cóta d'armas e capellina, com seu broquel e lança em cata d'aventuras, não se subordina a generos exclusivos, nem se estreita nos moldes homericos, aristotelicos e horacianos.

Modulam-se canções d'amores, entôam-se dithyrambos nos festins ruidosos, descrevem-se as scenas da natureza campezina, geme-se de dôr nos luctos e pesadumes da elegia ; tudo isto se enfaixa, tudo isto se associa, tudo vem como ramilhetes cheios de variedade ; ao lado dos goivos e da saudade veem as rosas festivas dos noivados e dos saraus ; não se tem julgado a poesia nova obrigada á regularidade e symetria das estancias, como querem os antigos ; em compensação porêm, a melodia rhythmica tem chegado ao mais requintado grau d'aperfeiçoamento ; a cadencia metrica parece haver tocado a méta do primor artistico : dão-nos excellentes exemplos e modelos, Antonio Feliciano de Castilho, João de Lemos e alguns outros.

Almeida Garrett é o Moysés portuguez da litteratura nova ; conduziu os Israelitas á terra da promissão ; deixou-lhes o Genesis para a reformação, insinuando-lhes (como outros já o haviam feito) a sacudir o jugo de prácticas pagãs ; porêm aquella montanha immensa, que não podia conter o fogo que ardia em seu seio, tinha explosões amiudadas e as lavas multicôres e luminosas que se succediam, projectavam-se por todos os caminhos, que nem tempo havia para affeiçoar estradas, nem para recamar e aprimorar leitos para tão magestosos hospedes, e por vezes a familia soberana dos sonhos e devaneios d'um dos maiores poetas do nosso seculo, caminha com suas vestes roçagantes de purpura e d'ouro, sobre asperezas e algares pouco aproveitaveis ; mas emfim o mestre não dava contas, criava o seu mundo como lhe aprazia : os reformadores soem ser excessivos ; é sestro antigo e quiçá providencial. Casimiro d'Abreu acceita esta direcção ; as *Primaveras* parecem-nos filiadas a esta eschóla. O seu primeiro livro contém saudades da patria ; é a nostalgia poetica ; é *o gosto amargo*

d'infelizes; o pungir delicioso d'acerbo espinho. Este sentimento mavioso, que tem por séde um peito que muito amou, e que ama ainda, e que não póde voar, não póde franquear o espaço para abraçar tantos objectos que o arrebatam; é por certo uma mina de opulencia inesgotavel para cantos; sensibilisa sempre; move affectos com uma ternura merencorica, difficil de definir.

Se Casimiro d'Abreu não poude encontrar veeiros dos mais fartos e opulentos, não é culpa sua, nem tão pouco o será de qualquer outro; é que, Gonçalves Dias mais feliz, opulentou-se escavando e apropriando-se de grande somma de preciosidades com que realça e aprimora seus carmes a duas mil leguas das montanhas verdes do paiz natal.

É necessario cavar muito fundo para achar a béta tão bem explorada; demais, as canções do exilio foram trovadas por um joven que ainda tinha visto e ouvido pouco; eram vôos do espirito, repassados de dôr intima, na ausencia do que lhe era mais caro: eram effluvios das flores do genio, ao despontar de uma primavera precoce.

Ao primeiro livro seguem-se algumas poesias a que o auctor denominou *Brazilianas*. Fôra sem duvida intento seu desenhar n'estes quadros as luzes e sombras do *ninho seu paterno,* e dar-lhes o que em linguagem hodierna se diz — côr local; — por outra, imprimir n'estes cantos o caracter nacional, ou typo americano. Empreza difficil e ardua nos parece o extremar estes arraiaes. Com a mesma linguagem que de nossos avós herdamos, com a mesma indole; habitos, usos e costumes identicos, a mesma civilisação; quando tudo nos vem cahindo parallelo, ao par e ao passo, não acreditamos em separação de provincias litterarias com typos e caracteristicos differenciaes: nem cremos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, colhidas sabe Deus como, adivinhado o resto, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios;

mas, emfim, nem todos assim pensam (26); deixemos a cada um seu livre alvedrio, nem a nosso proposito vem questão de similhante jaez; passemos pois ao assumpto que nos chama a terreiro e sejamos breve.

A primeira poesia d'esta collecção tem por titulo, *Moreninha;* é em metro de sete syllabas, está bem trovada em sextilhas, rimando desaffrontadamente de dous a dous versos, e terminando artisticamente sempre em agudo, o que em verdade lhe dá primor; com todas estas bellezas de fórma, é comtudo a moreninha do nosso poeta, um typo que não conhecemos, por que não o temos como nol-o pinta. Uma joven que enrubece ao mais ligeiro cortejo, com suas tranças graciosamente ataviadas de fitas, com suas flores no samburá, rufando seu pandeiro, sentada n'um banquinho da praça publica, esperando que lhe venham feirar as flores, será um bello sonho, uma criação phantastica, bonita; existirá esse typo algures, mas nós sem duvida o não possuimos. As demais poesias d'esta collecção são mais ou menos graciosas e em diversas metrificações. No encalço das *Brazilianas* vem o segundo livro; ahi deparamos nós com bellas poesias, pensamentos arrojados, elegancia de fórmas, symetria nos delineamentos e correcção nos contornos; é um jardimzinho bem traçado e caprichosamente alinhado por um desenho feliz; seus canteirinhos estão symetricos, e seus alfobres deixam correr graciosamente as aguas que vicejaram o plantio e que fizeram brotar tão amenas flores em manhã de primavera.

O primeiro canto que se nos offerece aqui é um hymno á primavera; é em quadras de medida saphyca, rimando os dous extremos entre si, assim como os dous meios; corre com fluidez e bem. As duas poesias que seguem, *Scena intima* e *Juramento*, são em metro de sete syllabas; o primeiro entremeia-se com um quebrado de tres syllabas, rimando com outro similhante que põe remate a cada estancia.

Estas duas canções dão-nos uns longes das suavissimas e

fragrantes folhas cahidas de Almeida Garrett, folhas allegoricas e mysteriosas, que nem por cahidas deixam de exhalar um balsamo que suavisa e se embebe nos seios d'alma. No meio porêm d'estes bellos cantos temos para nós como muito bons, o que tem por titulo, *Canto de amor* e outro, *Amor e Medo* : ambos são saphicos ; o primeiro tem rima obrigada, alternando nos quatro versos de cada estrophe ; o segundo rima o segundo e quarto. Estas duas poesias estão opulentas de pensamento e bellas de metrificação, correm com summa fluidez, porque seu mechanismo é bem elaborado, e por isso, sua afinação agrada a qualquer ouvido avezado ao alamiré de melodias metricas.

No terceiro livro a lyra não desmente a primorosa afinação de suas cordas; ha n'este bello repositorio cantos que podem sem fatuidade pretenciosa alcar as altas regiões da poesia lyrica, emparelhar-se com as mais escolhidas producções, não desmerecer primazias, nem destoar da gamma ferida pelos mestres d'arte.

A segunda poesia d'este livro tem por titulo, *Illusão ;* ahi o poeta mostra-nos que póde haver-se bem com o metro de nove syllabas; para nós as tres pausas que regem necessariamente este genero de versos, tornam-o de uma suavidade e cadencia a que nada iguala ; nem podemos conceber o porque o illustre professor Freire de Carvalho, em suas lições de poetica, chamando-o erradamente verso de dez syllabas, ou de Gregorio de Mattos (quando Metastasio já d'esses havia usado) nos diz que nem lhes sente melodia, nem lhes descobre graça; é por certo inconcebivel este juizo do distincto professor do lyceu de Lisboa. Em summa, dizem alguns desculpadores de desacertos alheios, que em materia de gosto se não admittem controversias ; temos para nós que assim não é ; porque o gosto tem normas e tem preceitos ; e ai da poesia e da litteratura se esta apreciação se fizesse a talante de qualquer contrabandista desalmado, que nos viesse dizer : a vossa

producção não presta, sem que nos trouxesse os porquês, bem arranjadinhos, bem arrazoados e bem comparados com os modelos tidos e havidos como normas legitimas. Hajam se o quizerem como cancellada e não escripta a nossa digressão; deixemos a obliquidade *per accidens* e vamos nosso caminho.

Temos n'este livro o canto, *Minh'alma é triste.* Esta nenia, em verso saphico, é em quadras obrigadas á rima, alternando nos quatro versos de cada estrophe; é um suspiro magoado; é o lamentar d'uma alma que não encontra o prazer em parte alguma, não o conhece, não sabe em que elle consiste, e que não tem saboreado os fructos sazonados da felicidade; será isto assim? É porêm inverosimil; comtudo é boa inspiração e instrumentada em cadencia que agrada e deleita. O canto funereo á morte de Affonso Messeder, é uma elegia plangente, é uma guaia repassada do sentimento puro da saudade d'um amigo, que era um irmão; essa nenia falla-nos ao coração; revela-nos um pensamento sombrio de morte, que paira sobre o espirito do poeta, e mostra-nos uma alma que começa a enfermar de descrença e desalento; é em metro decasyllabo com quebrado; está regularmente desenhado.

A poesia a Macedo Junior, em sextilhas decasyllabicas com quebrados, rimando apenas este em cada estancia, é sonora e cadente; mas ainda tem mais riqueza no pensamento que a domina; são bons conselhos dados a um moço de quatorze annos, cheio de inspirações, opulento de talentos precoces; ha n'este canto preceitos bons de seguir; ha um pharolzinho que aponta a róta para evitar desaproveitamentos e excessos de enthusiasmos, que tem transviado tanta gente, e gente que podia valer alguma cousa para nós outros, que conversamos com as letras, e que contemplamos com meditação séria as producções do espirito.

No Leito. Eis um canto magoado, muito de ouvir e muito

de deliciar-nos, porque sente-se-lhe os perfumes da poesia do coração. É este canto em metro de sete syllabas e corre fluido e desempedido. Aqui o poeta estava infermo, tinha febre, seu coração, suas arterias palpitavam com aquella acceleração tumultuosa que nos attestam esse orgasmo da vida em que a mente se exalta a regiões supremas; em que existe por vezes tanta lucidez, que aquelle que soffre torna-se por momentos um orador, ou um poeta, porque o espirito sóbe acima de seu nivel ordinario nos éstos do calor vital.

Recommendamos a leitura d'este hymno de amor, de incertezas, de saudades e de despedidas;

Fecha o poeta o seu volume de, *Primaveras* com o *Livro negro.* Oh, que antes o houvera rematado com um livro còr de rosa, recamado de matizes do céo, ao annunciar o erguer do sol do meio das aguas do oceano no seu banho da madrugada.

Nas paginas d'este livro trava-se muito soffrer; por seus cantos turvos e melancholicos revela-se muita descrença, muita desesperança ; nas guaias que alli se escutam, ha muita dôr, muito pesadume; a alma está envolta nos crepes sombrios e lutuosos d'um padecimento que a entorpece e desalenta, e por isso o alaúde tambem desce um pouco da afinação e destòa uma ou outra corda, porque no fim de tantas harmonias as cordas não comportam tensão, tanto tempo prolongada e lá vem descendo alguma, e certo é o desafinar.

O cantor que nos faz ouvir harmonias melodiosas e arrebatadoras por muito tempo, lá lhe vai por fim falseando uma ou outra nota e acaba por enrouquecer, ainda que seja Duprez, Ronconi e Taquinardi, traduzindo as melodias arrebatadoras de Porpora, Paesiello, ou Cimarrosa. Em summa, o soffrer intimo tem arcanos impenetraveis. Respeito aos segredos d'um coração, que se estorce em dôres intimas. Silencio sobre o *Livro negro.*

O poeta, emfim, póde fazer calar aos curiosos e maldizentes com aquelles bellos versos do suavissimo Castilho :

« Ao sem ventura, que entender meu canto,
« Meu canto e minhas lagrimas envio. » (27.)

J. M. Velho da Silva.

Casimiro d'Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta criança, como Millevoye, e como elle contrariado pela solicitude da familia, — acabou por triumphar en segredo; — e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o quero da authoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao posso do genio. Menos feliz, porêm, do que o illustre elegiaco francez, não sahiu das mãos guiadoras e previdentes d'um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e tres annos para cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flores, que lhe brotavam n'alma ardente e apaixonada.

Casimiro d'Abreu, morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, auctor d'um volume de poesias (1855-1858), das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas, como formosas e todas como promettedoras. Sem mestres em livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella fronte e em sua quasi ininterrompida meditação — não aprendia, adivinhava — como, tal-

vez, não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel auctor do — *Amour maternel* e de *Emma et Égirard.*

É assim se fez um poeta, e esse poeta fez um livro, — eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brazas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van-Houte!

« Tudo me roubam meus crueis tyrannos :
« Familia, etc. »

É formoso e doe esse grito d'uma grande alma, que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e já vergado, como a palmeira do deserto ao sopro do simoum.

Casimiro, o auctor das, *Primaveras*, entrou hontem no mundo com as mãos cheias de flores, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem a adornar a campa.

Como Alvares d'Azevedo, a victima de si propria, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a criança de quinze annos, que sahiu do berço para entrar no tumulo, espalhando açucenas no caminho, — Casimiro é uma gloria roubada ás letras brazileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome.

. . . .

Para mim, — e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco, — para mim a musa, que inspirou o, *Amor e Medo,* merece bem as attenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no tumulo, fechado apenas, de Casimiro d'Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flores que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie :

« Quando eu te fujo e me desvio canto,
« Da luz de fogo, etc. »

Meu Deus! que é doloroso vêr tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura!

E assim, Gonçalves Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro, — fallecido no Rio de Janeiro, aos vinte e dous annos annos de idade, sob as lagrimas e o tecto d'um illustre litterato, patricio, amigo e, digamol-o; guia e mestre do infeliz auctor da formosissima nenia a uma suicida! E assim, Antonio Coelho Lousada, poeta e romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas! E assim, Soares de Passos; e assim tantos!

Uma dôr resignada e religiosamente soffrida verte, na maior parte dos versos de Casimiro d'Abreu, um perfume de melancholia, melancholia que encanta e entristece. Tambem, presentira elle a morte, e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no tumulo o precedera de dous annos, prophetisou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso:

« Descansa! se no céo ha luz mais pura,
« De certo, etc. » (28)

ERNESTO CIBRÃO.

O viajor que contempla a quéda dos imperios tendo diante dos seus olhos as ruinas d'essas mesmas nacionalidades, não póde entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros, que são outros tantos legados que deixam

á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brazil, paiz novo e cujos passos na carrera das letras são ainda muito lentos, já tem comtudo visto perecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavam separados, outros exhalando no seio d'ella seus ultimos suspiros, tornando talvez mais acerba a sua dòr, e outros que, se não morrem physicamente perdem a existencia moral, descrendo d'uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses.

. . . .

Cheio de crença e possuidor d'um verdadeiro talento, Casimiro d'Abreu foi um d'estes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancholica tristeza, porêm forte e altivo, conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou n'esses lodaçaes, que pervertem a mocidade, e sua alma virgem, só tinha sanctas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se, leia o seu *Livro Negro*, que faz parte de suas bellas, *Primaveras*, e ahi verão os suspiros tristes e melancholicos do poeta sertanejo. Entretanto, a descarnada e negra mão da morte ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou áquelles que o conheceram! E porque, meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalise a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus! (29)

ANONYMO.

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenham no fundo do horisonte ao navegante que vem de leste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá; ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céo em alcantis gigantes, por entre os quaes passam as marés, arremettendo contra os rochedos, tisnados pelos seculos; ora, emfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e d'este á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabú, em planicies orladas de brancas praias d'areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flores, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldam, ao romper d'alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudoeste impetuoso, que encapella as ondas, arremessando-as pela terra dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céo d'azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horisonte é o oceano infindo, tem avivado muitas imaginacões ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarnecida, como nos velhos tempos feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, A. G. Teixeira e Sousa, que nos, *Tres dias d'um noivado*, roubou á terra patria algumas côres sinistras e delicadas de seus alcantis e prados.

Em Macahé, pequena cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poeticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como o de Sanct'Anna, que convidam a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horizonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo seu talento e erudição, o snr. Velho da Silva. Quantas vezes

não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua rica phantasia, ao ir pelas manhãs douradas de maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veio sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovidio, o seu intimo amigo, a practicar dos antigos mythos da grande Grecia, ou dos tempos em que outros poetas, os poetas de Venusa e Mantua, vinham tambem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar d'esmeralda?

É n'esta região sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento Casimiro d'Abreu.

Casimiro d'Abreu! nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que presarem a arte, os affectos nobres que dulcificam a ordem social, e a dedicação extrema, — qualidade rara em ambos os mundos aos netos decahidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avaliam-se hoje as dedicações pelos teres do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos calculos da utilidade individual de cada um. E venham fallar de poesia, de amor, d'abnegação a burguezes aristocratas, que despresam todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tedio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em producções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa, não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de goso menos ideal.

Casimiro José Marques d'Abreu, filho de José Joaquim Marques d'Abreu, e de D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brazileira, nasceu em 4 de janeiro de 1837 na Barra de S. João. Seu pae era negociante, e destinou-o á sua profissão, apesar do talento para o desenho, que

desde a tenra infancia elle mostrava, como primeiro indicio da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veio para o escriptorio do pae, no Rio de Janeiro, d'onde, mostrando-se indocil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de novembro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras queridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercaram, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e do Minho. Algumas folhas portuguezas receberam com applauso as primicias de seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavam as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizeram voltar. Chegou ao Rio em 11 de julho de 1857, e seguiu para Indayassú, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos d'um primeiro amor quasi infantil, em vez das cópas dos laranjaes, que acolhiam ternos encontros, achou para recordar-se, em estancia pouco distante, os cyprestes d'um tumulo, a memoria de um martyrio e o sussurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravam tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veio de novo empregar-se no commercio, entrando em setembro para a casa dos snrs. Camara, Cabral e Costa, onde se conservou até 13 de junho de 1859. Durante esse periodo medraram-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que os preconceitos paternos o haviam condemnado. Não entendiam os superiores que as letras se podessem casar com o commercio; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vieram aggravar as intimas dôres d'aquella organisação delicada e nimiamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o

nosso joven poeta partiu a 5 d'abril de 1860 para Indayassú, a fim de visital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda até 4 de junho, época em que voltou á côrte. Sorria-lhe já a fortuna com suas dadivas, pois o pae legára-lhe bens para honesta e descansada existencia, viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações; podia pois julgar o seu futuro bello e feliz ao par de sua mãe, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe vencera as saudades do primeiro affecto, quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quiz ir para a Madeira; mas, sendo a estação muito agradavel na serra em que passára a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de julho. Foi d'ahi que veio a noticia da sua supposta morte, que tanto affligiu os amigos das letras e as almas sensiveis, que já o conheciam pelo volume de poesias que publicára. No fim de setembro, avisinhando-se a estação invernosa, resolveu voltar á sua fazenda, onde chegou em 3 d'outubro. Filho extremoso, vendo aproximar-se a hora dos ultimos adeuses, mandou chamar sua mãe, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começaram a faltar-lhe as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanso, — pois para elle, martyr da sensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivera. A religião quiz consolar aquellas dôres d'alma, tão fundas e estremecidas, que não podiam sahir-lhe do pensamento; — mas o joven idealista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavam-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre haviam encontrado n'elle extrema bondade; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica :

— Pois a dôr da morte será tão insupportavel?!

Quem lhe acenava no céo, por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podiam occultar a luz d'um mundo melhor? Quem o chamava, com a doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povôa d'imagens divinas o leito do soffrimento?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperança d'uma reunião proxima, morreu o auctor das, *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pae. Acalentam-o ao longe as ondas, quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares veem nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados (50).

Reinaldo Carlos Montóro.

Quasi que da infancia data o poetar de Casimiro.

Um dia, ainda mui joven, deliciava-se elle a sonhar no beatifico remanso do viver domestico e nas doçuras das caricias maternas, quando lhe pareceu ouvir a voz angelica de sua irmã mais moça.

Subita emoção se apodera d'elle, que mais e mais recresce ante a magestade imponente d'esse gigante denominado, *Serra dos Orgãos*, das sombras que o crepusculo derramava pelo leito dos valles, e como elle proprio diz : « Pela voz melancholica do cahir das cachoeiras, e pelo pungir da saudade. »

O menino travou pressuroso da harpa, que o coração e o

genio lhe afinaram á porfia, e modulou o seu primeiro canto, *Ave Marias.*

Foi uma fatalidade que se perdesse a estreia poetica de Casimiro d'Abreu, e tanto mais de sentir quando elle diz algures, que por essa poesia perdida trocára todo este volume.

Pouco depois, em obediencia ás injuncções de seu pae, teve a auspiciosa criança de deixar familia e patria, que tão d'alma presava, e atravessar o Atlantico. Chegado a Portugal viu serras mui pittorescas, rios magestosos, um sol como só o tem na Europa a Italia, a mais variegada flora, as mais bellas e saborosas fructas, mas... aquella não era a sua patria, e quer, *nas ribas magestosas do Tejo*, quer nas varzeas do Douro, comparava sol, terra, plantas, flores, fructas, montanhas e rios d'alli, mas não deparava a belleza grandiosa dos sertões do seu amado Brazil. A nostalgia fel-o pulsar de novo as cordas do docil instrumento; cantou e muito, mas a maior parte d'essas paginas candidas não vivem; rasgára-as o auctor.

Já o poeta brazileiro estava ha dous annos longe do paiz natal. Não desconhecia, antes admirava os mil e um attractivos da rainha do Occidente. Deslisavam-se em sua memoria as gloriosas tradições d'esse povo heroico, que mais que nenhum outro contribuiu para descobrir mares ignotos e novas terras. Sobretudo actuava em sua imaginação de poeta o nome do principe dos poetas portuguezes. Para elle, o maior brazão de Portugal não o entalharam os argonautas ousados a expedições arriscadas, nem esses combates *titanicos* e desiguaes, travados na Asia e na Africa, não; fôra Camões.

O cantor soldado, que na gruta de Macau isolado, pobre e perseguido por poderosos, cantava em versos altisonantes as glorias dos lusos, tocára-lhe o coração sensivel, exaltára sua alma de poeta.

Estava elle no desabrochar das illusões, quando o horisonte

se nos arraia de miragens phantasticas ; tinha ess enthusiasmo proprio das almas que não sahiram *castradas* das mãos da natureza, e ao mesmo tempo fé em Deus e esperança no porvir.

E como não ser assim, se seus primeiros annos os passára no regaço amigo da familia, acalentado pelo ciciar da brisa, ramalhando nas arvores seculares da matta virgem, vendo por sobre si um céo limpido e constellado, como só o teem os paizes tropicaes, aspirando o perfume embalsamado que as brizas trazem das selvas?

Até alli, Casimiro havia feito holocausto de todas as suas tentativas poeticas; entretanto bem sentia elle que, como Chenier, tinha alguma cousa na cabeça ; era mister que sahisse da penumbra da obscuridade; offereceu-se ensejo, escrevendo para o theatro de Dom Fernando uma scena dramatica, que foi representada no dia 18 de janeiro de 1856, soı o titulo de, *Camões e o Jáo*. Este canto dos 17 annos, mais filho do engenho que da arte, apresenta, não raro, lampejos reveladores d'alta vocação poetica. O publico portuguez acolheu entre bravos e applausos a estreia do joven vate brazileiro. Casimiro tomou este acolhimento como : « Vozes d'um povo amigo, que bradavam ávante ao joven poeta, que na carreira encetava seus primeiros passos. »

Ha alli versos que destôam pela dureza e homonymia das desinencias e profusão das mesmas vogaes, como :

« Impávidas hasteadas nas muralhas. »

Mas se nos lembrarmos de que é a estreia d'uma criança, havemos de forçosamente concluir que ninguem com taes elementos escreveria melhor.

Quem ha ahi tão obcecado e duro, cujos olhos se lhe não humedeçam ao ouvir o dialogar sentido e triste do auctor dos *Lusiadas* e do fiel escravo javanez?

Só o genio é capaz de voar tão alto sem as azas da arte...

A vocação de Casimiro foi sempre contrariada por seus progenitores; temiam que seu filho tivesse a sorte de Camões e Tolentino. Apenas chegado de Portugal, foi-lhe forçoso ir para o commercio; mas alli mesmo, depois do serviço satisfeito, internava-se no seu quarto e entregava-se ao seu predilecto colloquio com as musas. D'essas horas vagas sahiram quasi todas, *As primaveras*, lindissimo florilegio, composto das mais delicadas e redolentes flores.

Como é natural, o poeta deu o logar de honra ao canto que dedica ao anjo do seu primeiro amor. Quem ha que se não enleve aos vinte annos por uma virgem, dourada visão de seus sonhos, depois encarnação dos seus mais puros e ardentes affectos.

Lêde a endeixa e vereis que enthusiasmo febril, melancholia, saudade, doçura e prazer transpira alli :

« Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
« — Marinheiro de amor, etc. »

Feliz a mulher que fez desabrochar taes flores e que as poude perfumar com o seu amor.

Depois inspira-o a nostalgia, esse sentimento amargo que nos acompanha fóra da patria ou do seio da nossa familia.

« Debalde eu olho e procuro
« Tudo, etc. »

Como é bello e repassado de saudade e ternura, o canto que em paiz estranho elle dedica a sua mãe, o ente que lhe era mais caro.

« De noite, alta noite, quando eu já dormia
« Sonhando, etc. »

Absorto pela idéa sublime de Deus, ante a qual todas as

outras se amesquinham, paraphraseou o hymno de David : — *Cœli et terræ enarrant gloriam Dei.*

« Toda essa ternura
« Que, etc. »

Que fé e uncção religiosa !

Lêde-o tambem nos seus threnos á primavera, essa mocidade do anno, como alguem lhe chama, e admirareis a suavidade do metro e a belleza singela das idéas.

« Alegre e verde se balança o galho,
« Suspira, etc. »

Agora vêde com que mimo e magica palheta elle retrata o objecto do seu *culto* :

« Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
« Seus labios, etc. »

A musa de Casimiro é quasi que invariavelmente melancholica e terna ; rarissimas vezes devassa os dominios de Anacreonte, como nas quintilhas, a *Pepita.*

Inspira-se quasi sempre dos affectos benevolos com seu toque de tristeza, que lhe diz bem ; tem affinação metrica e maguificencia de pensamentos ; sirva de exemplo o bellissimo canto saphico, *Amor e Medo :*

« Como te enganas! meu amor é chamma
« Que, etc. » (31)

MACIEL DO AMARAL.

Casimiro d'Abreu, author d'este belle livro das, *Primaveras*, desconhece os segredos da linguaguem com que se confeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes a fórma em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica da palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira, lamenta-se e chora. Diz-nos singelamente o que sente; dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima, em cada strophe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez, offerece-nos no seu livro das, *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o author.

O argumento d'esse livro, em um só canto, conciso e breve como a dôr intensa, é o summario da biographia exacta do poeta.

Applicado á maior parte das collecções de versos que eu conheço, este cotejo dária em resultado a antithese, em vez do accordo entre o poeta e o homem. É pois esta a feição caracteristica do livro de Casimiro d'Abreu, e é portanto sob esse aspecto que importa estudal-o.

Arrancado em annos tenros aos braços da familia, e trazido de casa de seus paes, na America do Sul, para um escriptorio commercial de Lisboa, Casimiro d'Abreu recebe ao desabrochar do seu talento o baptismo das lagrimas, que purifica para o logro da gloria os predestinados.

Assim como no espirito dos que cegam na infancia ficam indelevelmente stereotypados os ultimos quadros por onde pairou a alegria dos olhos, qual na retina do assassinado a imagem do que o apunhalou, assim na alma do expatriado vai inteira para o exilio a lembrança querida e perfeita dos seus montes nataes, o perfume da brisa que lhe brincou com os anneis louros do cabello, a casa paterna, o meandroso caminho das devezas, a

frescura do rio em que banhou os membros infantis, os tepidos beijos com que o amimou o amor materno, e mais que tudo isso, mais funda, mais luminosa, mais intima, a adorada imagem d'aquella mulher de olhos suaves e meiguissimo sorriso, que todos os poetas encontram uma vez aos dezeseis annos, palpavel imagem do sonho que sonharam sempre, lampejo de felicidade havida até então por impossivel, manifestação d'uma belleza que tinham por meramente subjectiva, como reminiscencia ou intuição d'um céo passado ou futuro, demonstração do bello finalmente, revelação do amor.

Casimiro d'Abreu obrigado pela vontade paterna, que debalde tenta suffocar no coração do adolescente os irrequietos embryões da poesia, que dentro se lhe debatem já como no seio do vulcão a elaboração da lava, parte com o coração lanhado por agonia acerba.

Não é já o pae, é elle proprio, navegante no oceano, naufrago na vida, que, com os olhos embaciados fitos no horisonte, onde esmorecidamente negreja ainda o vulto da patria, pede á Providencia que lhe ensine o segredo de ser vulgar, o meio de apagar a chamma que o devora, de sanar a ancia que o opprime, de arrancar o espinho que o dilacera como presentimento de infortunio eterno, de reduzir o coração que lhe não cabe no peito, de se mutilar até caber á larga no molde meão dos felizes da terra.

Impossivel! fadára-o Deus para a gloria: não lhe era dado hesitar entre a posteridade e a vida; era-lhe forçoso e irremissivel deixar esta, porque a immortalidade o estava já esperando como a filho dilecto.

A hesitação matou-o. A obediencia filial aconselhando-o a alliar os impetos da sua indole privilegiada com as obrigações da mais prosaica profissão, roubou-o á litteratura sem o dar á sociedade; o litterato desmedrou e finou-se sem que o negociante conseguisse nascer.

Lamentosa falta foi essa para as lettras portuguezas, e para

a gloria da poesia brazileira contemporanea, tão brilhantemente polida nos ultimos annos d'este seculo por operarios como Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias e Machado d'Assiz.

Se o positivismo das coisas precisava de vir recrutar um negociante na bohemia das letras, porque se não resgatou a substituição d'este só poeta, com a entrega d'esses mil aquartilhadores de versos que por cá andam a derrancar um prestimo, que, esporeado para outro sitio, deixaria por ventura de ser insipidamente inutil no seio do Cosmos?

Se Casimiro d'Abreu alliasse uma educação litteraria á pura sensibilidade da sua alma, á elevação do seu espirito, á clareza do seu criterio, e ao pendor da sua indole profundamente melancholica e scismadora, abalanço-me a dizer que o seu nome seria hoje, o do mais perfeito poeta que tem botado a moderna geração litteraria em Portugal e no Brazil.

Casimiro d'Abreu tem vinte annos; e o seu livro exhala de todas as folhas o perfume suavissimo d'esse madrugar da existencia, tão esplendido sempre de luz e de harmonia, d'enthusiasmo e d'amor...

Oh! dá que eu saude a tua memoria, meu divino rapaz, que tiveste a coragem de o ser, e de tal te prezares n'este seculo em que se finge a duvida, o desalento, e a descrença aos dezoito annos! n'este seculo em que não ha convivas ao alegre banquete da mocidade, porque os imberbes tomam o seu café e palitam os dentes em jejum! n'este seculo em que o espirito impotente tomou por moda descórar os beiços e pintar pés de gallinha ao canto dos olhos!...

Bem hajas tu, que foste verdadeiramente poeta no meio dos sensaborões, porque verdadeiramente foste sincero entre os presumidos!

Em quanto elles choramigavam a invocação á esgrouviada e despenteada musa do desalento e da indifferença, emmolhavas tu singelamente as mais bonitas flores da tua alma, e com o rubor na face e o amor no coração, depunhas o beijad

o

ramilhetinho no regaço da virgem dos teus sonhos, dizendo-lhe como a irmã :

« Pódes ler o *meu livro :* — adoro a infancia,
« Deixo, etc. »

Esta simples quadra é a exacta profissão de fé do poeta.

A primeira parte das poesias de Casimiro d'Abreu, as quaes, como que constituem a primeira época da sua vida, é datada de Lisboa ; a segunda e ultima do Brazil.

Nas primeiras ha um admiravel geito de saudade, um amor ardente, uma insoffrida aspiração de vida, e um calor palpitante e intimo, que parece desafogo e respiro da tropical natureza da America.

Logo nas primeiras paginas depara-se-nos uma pintura do Brazil, assignalada de toques magistraes, que immediatamente revelam um talento superior. Citarei como exemplo d'esse admiravel colorido uma só estrophe :

« Ao lado da cachoeira,
« Que, etc. »

A timidez adoravel, que é sempre inseparavel socia do amor impetuoso em annos tenros, aqui está retratada com invejaveis tintas. A mulher amada queixa-se d'essa apparente indifferença em que o seu vate esconde com esforço os estos febris d'uma paixão immensa. O poeta responde-lhe :

« É que esse vento que na varzea — ao longe,
« Do colmo, etc. »

A imaginação impaciente do poeta, borboloteia sempre sobre as floridas saudades da patria e a recordação prestigiosa de mulheres adoradas. Amemos ! amemos sempre ! pensa elle...

« A vida é um deserto aborrecido
« Sem, etc. »

Nas horas tristes em que a saudade lhe turbasse a vista

com lagrimas, e o tedio lhe obrigasse a soltar dos dedos a penna empregada no mercenario labor da arithmetica, que quadros não descortinaria lá bem longe no horisonte, por entre as cerradas trevas da sua vida, aquelle namorado espirito!

Junto d'elle, acorrentando-o e escarnecendo-o, a desaceiada labutação do trafego mercantil. Ao longe, convidativas, seductoras, deslumbrantes, todas as visões dos dezoito annos... A escada de sêda, palpitando á viração de noite estiva, suspensa do recortado balcão d'um castello gothico e sobranceira ao lago, onde dorme em gondola vasia banhada pelo luar o esquecido bandolim d'um trovador... Uma elegante e franzina amazona, d'amplo vestido de veludo e luvas de camurça, montando uma hacanea ingleza, perpassando a toda a brida e convidando-vos com um aceno e um sorriso as acompanhal-a, no meio do latir dos galgos e do toque d'avançar que estão dando as trompas na encruzilhada da floresta... Uma dança hespanhola n'um jardim de Granada, onde, debaixo do laranjal e ao som dos pandeiros e das castanholas, as mais esbeltas filhas da Andaluzia requebram a cinta fascinadora e bailam ainda mais com os olhos negros do que com os pequeninos pés... Morbidas circacianas de hombros nús e seio palpitante, languescendo em fôfas ottomanas, entre os calidos e enebriantes perfumes d'um harem no Bosphoro...

Quem não desejou, quem não sonhou, quem não viu tudo isso na idade da adolescencia, tendo no craneo o dom fatal d'um talento imaginoso, e nas veias o irrequieto e ardente sangue meridional?...

Querem vêr todo esse anceio de mocidade concentrado n'um quadro bem simples: leiam os versos intitulados, *Na rede*, nos quaes o poeta nos descreve a mulher amada, adormecida no seu leito suspenso no meio d'um bosque,

« — O céo por docel,
« De leve embalada no quieto balanço
« Qual, etc. »

Ouçam as ultimas strophes:

« Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta,
« O labio. etc. »

Alem d'esta, as poesias, *Anjo****, *Horas tristes*, *Sonhando*, *Noivado*, *Visão*, *Pepita*, *Moreninha*, e outras, são brilhantes provas da terrivel lucta em que deviam d'encontrar-se travados o genio do poeta e o espirito do caixeiro.

N'essas luctas em que não ha consolação nem treguas, consome-se rapidamente a existencia. Cada hora é uma lagrima, e cada lagrima uma parcella de vida que se esvae.

Uma tisica pulmonar veio ao encontro do pallido mancebo, e guiou-o pela via mais curta para o ponto negro que elle fitava no horisonte.

Foi á primeira golfada de sangue, foi ao primeiro abraço da terrivel enfermidade, que o poeta escreveu esses formosissimos versos, ungidos d'uma melancholia só comparavel á da, *Captiva*, d'André Chenier :

« Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
« Meu Deus! etc. »

N'esta poesia que se intitula, *Canção do exilio*, ha um ar de singeleza e de candura admiravel. Direis a virgem ao regressar do primeiro baile em que desafogou o seu infantil contentamento, desfolhando ao amanhecer as rosas da capella sobre o seu tumulo aberto.

As tres primeiras strophes suspiram assim :

« Meu Deus, eu sinto, e tu bem vês que eu morro
« Respirando, etc. »

O anjo bom de Casimiro d'Abreu acolheu entre a candura das suas azas, este ultimo e ardentedesejo do infeliz trovador.

O exilado, já ferido de morte, já apparelhado para a via-

gem do céo, regressou á patria que tanto amára para lhe depôr no seio o ultimo suspiro, e

« ... morrer cercado dos perfumes
« D'um, etc. »

Leram nas, *Confidencias*, de Lamartine a sentidissima descripção do seu regresso ao querido torrão em que torna a vêr o campanario da capellinha, onde sua mãe lhe ensinou a primeira oração, o jardim onde brincou os primeiros annos, o velho solar de seu pae, e o cemiterio onde dormem os seus avós? Se leram, confrontem as paginas d'esse livro com as estancias da poesia intitulada, *No lar*, e digam-me se não é a harpa do cantor das, *Meditações*, a mesma, cujas cordas estremecem sob os dedos de Casimiro d'Abreu.

Que palpitante verdade não revêem esses versos, que em analogas circumstancias todos nós presentimos uma vez vagamente, preludiados na nossa lyra interior!

« Foi aqui, foi alli, alem... mais longe,
« Que eu, etc. »

Os profundos estragos da enfermidade que interiormente o devorava, não permittiram a Casimiro d'Abreu aspirar por muito tempo esse perfumado ambiente da America, que os pulmões lhe devolviam aos labios transformado em poesia ou em sangue.

Depois das citações que temos feito seria crime não trasladar tambem algumas notas do canto derradeiro d'esse mavioso cysne.

Eis as ultimas strophes escriptas por Casimiro de Abreu. O poeta dirige-se do leito em que jaz á mulher que ama:

« Mas eu bemdigo estas dores,
« Mas eu, etc. »

Pouco tempo depois Casimiro d'Abreu exhalava o seu ultimo suspiro, contando vinte e dois annos!

O livro que deixou ahi está. É o poema d'uma existencia, baseado nos mais singelos elementos de poesia : viver soffrendo, amar esperando, e morrer sorrindo.

J. D. Ramalho Ortigão.

Espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrazavam a alma ; eis o que temos a admirar nas poesias que Casimiro d'Abreu escrevia sobre o joelho, quando o pungiam saudades lancinantes, quando o abrazava uma louca paixão, quando o salteiava um funebre presentimento. Como se receiasse que a morte o viesse interromper antes de tempo, Casimiro d'Abreu desfolhava com as mãos febris as flores da sua dupla grinalda de poesia e de juventude. Essas petalas de rosa, ainda hoje perfumadas e coloridas, são as que appareceram colligidas com o titulo de, *Primaveras*, e que tão grande e tão legitimo successo obtiveram em Portugal, successo que duplicou quando o publico soube que essa primavera tão abundante de flores e de perfumes, em vez de continuar nos ardores do estio, terminára nos regelos do tumulo.

Foi curta, como um sonho de noite de Maio, a existencia do poeta, curta e amargurada. Teve as sombras nocturnas a toldarem-lhe o esplendor da aurora ; por entre as arvores floridas que lhe assombravam as ridentes lamedas da vida nos primeiros passos, surgio-lhe, como esse branco phantasma que o infeliz Carlos VI de França vio levantar-se-lhe ante o coreel na deveza da floresta, o espectro lugubre da morte. Não

foi n'um céo azul que estalou de repente o raio ; o anjo fatal veio, como a aguia de Jupiter, raptar este novo Ganymedes em todo o esplendor da mocidade para o sentar nos celestes convivios ; o presentimento veio entristecer-lhe as horas rosadas da sua manhã tão curta. Não poude dizer com Musset que, saciado dos gosos da vida esperava a morte como consoladora do fastio já proximo.

Et que, quand on meurt jeune on est aimé des dieux.

Não, Casimiro d'Abreu não viu nunca senão a face negra da vida, e era entre os horrores do exilio que elle erguia a Deus essa prece sublime, toda repassada de lagrimas e impregnada de melancholia.

« Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
« Meu Deus, etc. »

Concedeu-lhe Deos essa ventura suprema ; levou-o ao Brazil porque elle anhelava, e permettio que um raio das estrellas fulgurantes do céo americano, (32) lhe illuminasse o cadaver juvenil.

Este amor ardente que tinha á sua patria era uma feição caracteristica do talento de Casimiro d'Abreu ; ao invez do que succede habitualmente, Casimiro d'Abreu veio do Brazil procurar fortuna a Portugal ; se os nossos compatriotas, no meio dos esplendores dos tropicos, sentem saudades tão profundas da sua branca aldeia, dos seus olivedos viçosos, do seu campanario humilde ; como não hade lancinar a nostalgia esses filhos do sol, perdidos na triste Europa, longe dos rios gigantes, do céo de fogo, das florestas colossaes d'esse paiz sublime ? por isso elle entoava a canção do exilio e dizia:

« Como a ave dos palmares
« Pelos, etc. »

Por isso elle, no meio do nosso inverno, erguia o pensamento para essa terra de luz, onde tivera o berço, e entoava um hymno cheio de amor e de saudade ás bellezas da sua patria, hymno onde parece espelhar-se todo o immenso ardor do céo americano.

« Ao lado da cachoeira,
« Que, etc. »

Esse desejo ardente de voltar á sua patria perseguia-o sempre; era o seu sonho constante, o desejo que o animava, que lhe inspirava as suas mais bellas estrophes, porque o são effectivamente os formosos versos d'essa, *Canção do exilio*, de que já transcrevi uma quadra e que, não resisto ao desejo de transcrever toda, porque n'ella se resume, como em nenhuma outra, a indole litteraria de Casimiro d'Abreu, a fragrancia de melancholia que lhe perfuma os versos, o ardor tropical que transluz em cada estrophe d'esse poeta essencialmente brazileiro :

« Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
« Meu Deus, etc. »

Satisfez-lhe Deus o ardentissimo desejo! foi no Brazil que elle expirou, foi entre as mangueiras banhadas pelo luar, que o tumulo se lhe abriu.

Este poeta goza no Brazil e em Portugal d'uma merecida popularidade, comprovada pela necessidade da republicação das suas poesias.

M. Pinheiro Chagas.

APOTHEOSIS POETICA

POESIAS

TRIBUTADAS A MEMORIA DO AUCTOR

Li as tuas *Primas-véras ;*
Devéras mimosas são ;
São lindas como os amores,
Parecem primas de flores...
Quizera ser teu irmão.

Que vida nos seios d'ellas!
Que perfumes que ellas tem!
Não ha sultão mais ditoso!
És um primo venturoso,
Não tem mais primas ninguem.

Alegres como andorinhas
Tens umas primas, Jesus!
As moreninhas faceiras!...
São jurytis ás carreiras
Pelas moitas dos bambús.

Outras pallidas suspiram,
Tão descontentes de si,
Que fazem dó!... coitadinhas!
Nos olhos das moreninhas
Terão ciumes de ti.

Outras são... ora, são tantas...
Não tem mais primas ninguem,
Não ha sultão mais ditoso;
És um primo venturoso,
De primas tens um harem!

Beijei-as uma por uma;
Não te faças Zelador!
Não fazem mal os meus beijos,
Que os labios dos sertanejos
São como ninhos de flor.

Mas... perdão! és um tyranno!
Repito ainda — perdão!
És um tyranno de raça:
Expôl-as assim na praça,
Para vendêl-as? — Pois não!

Para applausos? — Faço idéa!
Has de ter muitos — pois não!
Aqui no paiz das tretas,
Não se quer primas de letras,
Quer-se manteiga e feijão.

Se és um primo venturoso,
Que mimosas primas tens;

N'ellas vejo os teus azares,
Dou-te pois os meus pezares,
E retiro os parabens.

BRUNO SEABRA.

1859.

Canta e canta sempre!
C. D'ABREU.

Eu tambem li as tuas — primaveras,
E vi d'ellas as flores tão mimosas.
De jubilo beijei-as!
É que sentia em mim vir espelhar-se
A melodia terna de teus cantos,
De magicas sereias!

Vi tuas flores rebentarem lindas!
Vi os teus cantos de pungentes dores,
E outros de esperança;
Cantos, já de um mancebo pensativo,
E outros de saudades — cantos ternos,
Balbucios de criança!

E vi n'essas florinhas tão mimosas,
Um cantor promettendo ás nossas letras
Mais cantos no futuro;

E apenas n'esse céo todo estrellado,
N'essa roseira enflorcada e linda,
Eu vi um ponto escuro.

Era o teu — *Livro Negro* — negro? embora!
O coração do homem tambem sente
Alegrias e dores!
Como sons d'harpa meiga de poeta,
Que ás vezes choram e outras vezes riem
Nos canticos d'amores.

Vi — saudar-te esse irmão de teus cantares,
Mais uma c'rôa te lançar na fronte,
Abraçar-te em seu canto;
E tu, agradecer-lhe em cantos d'alma,
Tendo n'ella os mais tristes desalentos
E nos olhos o pranto!

É tarde! que disseste? Tu não viste
Como — Azevedo — se escondeu na campa?
Não viste, meu amigo?
A gloria não te importa? ao menos, poeta,
Com cantos de esperança encobre as penas
Que já trazes comtigo.

É tão triste o morrer-se quando a aurora
Da vida — em flor — nos vem banhar o craneo,
Aonde um fogo arde!
É tão tristo o morrer-se! e ouvir um poeta
Dizer a quem o anima : « Ai! já não posso...
Agora... é muito tarde!... »

O desalento é qual o sonho horrido
Que sempre que dormimos nos persegue ;
É á noite a sombra nossa
Quando vagamos ao claror da lua :
E a esperança é a virgem que dá a vida,
Que os corações remoça!

Ai! é tão triste vêr a flor que outr'ora
— Inda em botão — no hastil, tão indolente,
Sobre a terra cahida!
Cahiu, porque faltou-lhe a brisa meiga.
Assim, se te faltar a esperança,
Tu cahirás sem vida.

Não deixes de cantar! inda e tão cedo!...
O sol da nossa patria brilha agora
Com pallido abandono...
E a lua que prateia o lago liso,
Que desenha no chão todas as flores,
Parece que tem somno!...

Brinca o mar, geme a onda sobre a praia...
A mansa brisa vem cantar ás flores
Seus dons innocentinhos...
Na mata, á tarde, geme a rôla triste...
E os chilros se ouvem virem lá do bosque
De ternos passarinhos!...

E o sol, e a lua, e o mar que geme manso,
E a brisa, e a rôla, e os passaros dos bosques
Elevam um hymno a Deus!

Oh! canta, e vai á noite, solitario,
A Elle, e ao sol e á lua macilenta,
Soltar os cantos teus!

A ti qu'importa a festa do futuro?
Ah! se tu cantas, não almejas louros,
Nem paginas na historia.
Eu bem o sei. Cantar na flor dos annos,
Quando o peito é um vergel todo amoroso...
É a verdadeira gloria!

Como a flor que é botão inda entre-aberto,
Tendo perfumes — flor de primavera, —
Assim é nossa infancia,
Na juventude o coração é louco;
Na adolescencia a poesia é vida;
É um céo de fragrancia!

Oh! canta! e despe o véo dos desalentos
Que cobre a tua musa tão mimosa,
Que é como tu singela.
E despertando de tua harpa as vozes,
As canções surgirão inda mais puras
Que beijos de donzella!

Eia! ávante poeta! Canta ainda,
Um pouco... mais... pois que o cantar é vida!
Oh! canta os sonhos teus!
E se não queres ter d'aqui as glorias,
Canta o céo tão azul, o sol, a lua...
E canta o nosso Deus!...

Almeida Cunha.

Rio, 11 outubro 1859.

... Vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro,
Nas glorias do seu futuro,
Dourando a vida de luz,
De crenças, de amor, de fé,
Vel-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É' dôr de mais — pois não é?!...

C. d'Abreu.

Aquella pallida fronte,
Ardente como um vulcão,
Em que um brilhante horisonte
Sorria de inspiração;
Cuja musa, em meigos cantos,
Sorrindo ou vertendo prantos,
Sempre cantando, encantava;
— Pallida agora, mas fria,
Não mais desprende a harmonia
Que no seu antro encerrava!

Que é d'elle, o joven cantor,
Astro brazileo a surgir,
Que entre os seus cantos de amor
Fazia amores sentir?...
Que é d'elle, o joven amante,
Que do seu berço distante,
No verdor da mocidade,
Vendo outro céo, outras flores,
Não lhes achava primores
Por ter da patria saudade?...

Viram-no as margens do Tejo
Murmurar hymnos de amor,
Á patria mandando um beijo
Com dedicado fervor!
Que puro amor terno e santo
Revela aquelle seu canto
A sua mãe, relembrando
A falta d'essas caricias,
Que eram as suas delicias
No patrio ninho habitando!...

Tambem as margens do Douro
Viram-no triste, a gemer,
Dizendo na lyra d'ouro:
« Brazileiro hei de morrer. »
Só vendo ao longe a belleza,
Primores da natureza,
Encantos a mil e mil,
Que em longas, remotas eras
Quiz marcar nas — Primaveras
Eternas no seu Brazil.

Quem é que ao pranto resiste,
Seja poeta ou não seja,
Ouvindo — *Minh'alma é triste;*
Que o *Livro Negro* reveja?...
Parece que o soffrimento,
Funesto presentimento
D'amargor lhe enchia o peito!...
Cantava... — mas que cantar!
Era um bardo a suspirar,
Sempre em lagrimas desfeito!

Era a canção do exilado,
Que tristes mágoas encerra,
Soltando um céo abafado
Que sôa de serra em serra!
Elle era o nauta nos mares,
Procurando os patrios lares
C'os torvos olhos saudosos;
E ao ronco gemer do vento
Unindo um triste lamento
Entre suspiros queixosos!...

Que terno amor! que poesia
Na mente lhe borbulhava
Quando a saudade e harmonia
Do sabiá recordava!...
D'esse cantor das palmeiras,
Que nas matas brazileiras
Modula os ternos queixumes.
Que fogo de amor intenso,
Cantando o Brazil immenso,
Cercado de mil perfumes!

Que coração de poeta
(Livre das loucas orgias),
Que em musa casta e discreta,
Batia, ao som de harmonias!...
Que brandas, sentidas queixas
Ao som de ternas endeixas
Revelando os seus amores!...
Que bella esp'rança perdida,
N'esse futuro da vida
Do outomno, com seus primores!...

E tudo tombou — cahiu
Da praça ao tufão medonho,
Que no sepulchro sumiu
Tão bello arbusto risonho!...
Esse tufão, que tão cedo
A Dutra, Amaro e Azevedo
Na primavera cortou,
Sedento de atroz furor,
Ao fluminense cantor
Na terra em furia lançou.

E quatro lustros sómente,
Cheios de vida e fulgor,
Perderam seu brilho ardente
Na campa, em gelido horror!...
Que verde esp'rança murchada!
Que flor tão bella, esmagada.
Hoje sem brilho e sem côr!...
Que galardão tão subido,
Que de futuro perdido
Nesse brazileo cantor!...

Só d'elle resta a lembrança,
Que mudamente suspira
Accorde, mas sem esp'rança,
Nos tristes eccos da lyra!
Chora a familia saudosa,
Chora a musa lacrimosa,
Chora o Brazil, que o perdeu,
Chorará quem n'outras eras
Ler com mágoa as *Primaveras*
De — Casimiro de Abreu.

J. V. da Silva Azevedo.

> Recebe este voto, amigo,
> . . . .
> Em poucos versos singelos.
> Qualquer os fará mais bellos;
> Ninguem tão d'alma os faria.
>
> ALMEIDA GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope
Na cruz do tumulo;
E nem a relva tapetára a base
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas
E as doces lagrimas;
E nem as rosas da primeira corôa
Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto
Na quadra florida!
E a brisa perfumada do oriente
Passou assim na terra.

Criança e moço
Déste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo!
. . . .

E eu venho aqui, — á sombra do cadaver
E á luz do espirito
Que brilha lá no céo, — depôr um cofre
De goso e mágoas;

Que em noites de tristeza me sorriam
Estrellas fulgidas ;
Que, em dias de pesar, o sol ás vezes
Me alumiára.

A ti a flor que aos risos da ventura
Abrira o calix ;
A ti o pranto que orvalhou a rosa.
Por conservar-lhe o viço !

Guarda-o, poeta,
Á sombra protectora do cypreste
E á luz da tua gloria.

ERNESTO CIBRÃO.

Paris, Dezembro, 1860.

Viveu como uma flor tão curta vida,
Ou foi uma esperança fallecida,
Ou sonho que acabou ;
Sem gosar dos festins que o mundo afaga,
Como um batel que a tempestade traga,
Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades d'essas lindas eras
Em que tudo é sonhar ;

Seus pesares gemeu e suas dores,
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flor da mocidade
Entoando uma nenia de saudade
Por sobre os sonhos seus!
Foi saudar nova vida, novo sol;
Subiu inda da vida no arrebol,
Alegre aos pés de Deus.

C. A. Barbosa d'Oliveira.

Rio, Outubro, 1861.

IV

NOTICIA

SOBRE O AUTHOR E SUAS OBRAS

As miseras e pequenas aldéas possuem tambem as suas glorias, teem tambem os seus heroes e ufanam-se com ser o berço de algum genio, como as grandes e faustosas capitaes. Se a fortuna vasa indistinctamente a cornucopia dos seus thesouros, tambem o anjo da inspiração não escolhe os seus dilectos nos sumptuosos palacios; baixa sobre as mais humildes e modestas choupanas, e ahi lhes annuncia a sua missão; unge-lhes os labios com o fogo da poesia, accende-lhes na mente o estro divino e os converte em videntes.

Na villa da Barra de São João, da provincia do Rio de Janeiro, á margem de um pequeno rio que desce de um dos ramos das cordilheiras dos Orgãos, e que vai perder-se no Oceano Atlantico, eleva-se uma choupana, abrigada por velha e magestosa figueira. Ahi, n'essa risonha habitação nasceu Casimiro José Marques de Abreu aos 4 de Janeiro de 1837.

O menino predestinado para ser um dia poeta, viu ainda no berço surrirem-lhe as musas Foi sua infancia uma perigrinação poetica, e por toda a parte o cercava a inspiração. Nascido

no campo, contemplava ao mesmo tempo o céo e o mar, os campos e as matas; e sentia a briza da praia brincar com os seus cabellos, e o vento da montanha trazer-lhe de longe o perfume das florestas. Desprendido apenas das faxas infantis, corria por aquelles risonhos sitios, colhendo flores e apanhando borboletas (35).

Quando o permittia a lindesa da tarde, e as aguas quietas do rio reflectiam esse céo esplendido dos tropicos, e a briza ciciava na folhagem dos mangueiraes, lá ia com os seus companheiros de annos saltar pelos campos e folgar á orla do ribeiro. Outras vezes dirigia-se ás praias, esses lençoes de alvas arêas em que o Oceano vem espriguiçar-se; lá se entretinha no apanhar das conchas, em gritar com o mar que parecia encolerisar-se, bramir e recuar, e desfeito em ondas de espumosas flores, beijar-lhe os pés e fugir ainda murmurando os seus queixumes.

Então, dizia-elle; uma mulher de uma belleza extrema e de uma graça encantadora; uma virgem, como o patenteava a pureza dos seus bellos olhos e a suavidade da sua falla, coroada de rosas e surrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a seus folguedos, e partilhar das suas alegrias e dos seus pezares. Quando ella sacudia a cabeça, digna da estatuaria antiga, os seus cabellos louros, prezos na frente por uma grinalda, fulgiam e fluctuavam livres em graciosos anneis debruçando-se pelos seus hombros de alabastro. Trajava roupas talares tam alvas que as temia manchar quando as tocava. Mas o que sobretudo mais o admirava, era a pureza e brilho dos seus olhos azues, que reflectiam a côr do céo. Eram bellos! Nas horas da oração, de joelho a seu lado vi-a levar esses olhos para Deus e conserval-os assim por longo tempo como n'um extasis, e percebia que suspensa de suas palpebras tremia e brilhava uma lagrima, como o crystal no lampadario do templo (36).

Essa virgem que o Eterno criára de um surriso seu, que

brincava com as azas dos cherubins, que havia baixado do céo, e que, quando o omnipotente concluiu a obra da sua criação, achou-se de pé no meio de tanta magnificencia, debruçado sobre o hombro de Eva, o mais sublime de todos os seus primores, começou a apparecer-lhe por toda a parte e a todo o momento ; de manhã, ao despontar da aurora, ao desabrochar das flores, nas madrugadas da estrella d'alva ; de tarde ao declinar do dia, quando o sol ostenta entre seus arreboes a pompa de sua magestade, e as aves se acolhem a seus ninhos ; e de noite ao clarão da lua que caminha melancolicamente arrastando o seu manto de peregrinas estrellas (35).

E essa virgem que ainda em tam verdes annos ja lhe sorria ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flores do prado, para mais tarde, na hora da oração angelical, confiar-lhe os seus segredos divinos, era a — poesia ! (36).

O negociante portuguez José Joaquim Marquez de Abreu, pouca ou nenhuma importancia ligou á propensão precoce de seu filho, e apenas nos carinhosos affagos de sua mãe dona Luiza Joaquina das Nevez, senhora brasileira de amaveis qualidades, achava Casimiro de Abreu as approvações consoladoras e o apreço do seu talento para o desenho, indicio da riqueza da sua brilhante imaginação, como se expressa um dos seus mais importantes biographos (37).

Mal se iniciou nos rudimentos da lingua vernacula, foi arrancado ás caricias maternaes quem tam pouco tempo tinha para gosal-as n'este mundo, e mandado para as montanhas de Nova Friburgo. Ahi, um velho inglez enthusiasta e admirador da terra brasileira, João Henrique Freese, havia fundado no remanso da paz, no seio de um clima ameno pela sua temperatura européa, um internato dedicado á educação da nossa juventude (38). Casimiro de Abreu levava a expressa recommendação de ser educado para o commercio, contrariedade que torcia a sua vocação, pois aspirava a mais profundos estudos. Tinha então nove annos e aos quinze retirava-se sem que hou-

vesse concluido a educação litteraria, com grande saudade dos seus amigos e não menor consternação dos seus professores, contando entre aquelles em primeiro logar, o Sr. Christovam Corrêa de Castro, e entre estes, o Sr. Christovam Vieira de Freitas (39).

Foi n'este modesto sanctuario das letras, no seio da applicação, que se expandiu a sua alma ; foi n'um dia de saudades, motivadas pelas recordações da casa paterna, foi n'essa hora da oração angelical em que o mundo christão saúda a virgem sancta, que a poesia veio pela primeira vez ungir-lhe os labios com os seus threnos, mal balbuciados talvez (40), como o cantico das aves ainda em seus ninhos.

« Era de tarde, escreve elle ; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite ; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa, e pareceu-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena ! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei, *Ave Maria*. A saudade havia sido a minha primeira musa. » (41).

Tinha quinze annos e um amor quasi, senão infantil, veio trazer ás aspirações da sua alma esse perfume doce e voluptuoso, e encher um vacuo em seu coração, satisfazer a sua innocente vaidade de poeta, e a pueril necessidade da sua musa. Uma mulher era a deusa semelhante ao deus de Voltaire, que a não existir, fôra preciso invental-a. Amar como Dante, como Petrarcha, como Tasso, como Camões, como Gonzaga, era para elle mais do que uma felicidade, era uma — gloria !

A historia d'esses amores, narrou-a elle com toda a singeleza do seu coração n'estas bonitas expressões :

« Passou-se a idade infantil; entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e

santos como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

« Amei.

« E quem deixa de amar aos quinze annos? Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tam facilmente? Se não fôr a uma mulher, hade ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente, e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

« Oh! aos quinze annos o coração pede amor, como a terra sequiosa pede as chuvas do céo, e como a flor pendida uma gota de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios, que escaldam, desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

« Aos quinze annos amei.

« Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti: amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

« Fui feliz! muito feliz!

« Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumecida de tanto goso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

« Houve então alguem que me chamou poeta. » (42)

Encommendára o pae ao mestre um negociante, e o preceptor lhe entregava um poeta, como se as profissões se preparassem sem as necessarias propensões. Pensou José Joaquim Marques de Abreu contrariar o que se não contraria impunemente, a — vocação —, e todos os rogos de seu filho, unidos ás supplicas maternaes, foram inuteis, e despresados com toda a brutalidade. Transmittia-lhe uma herança mesquinha quando o céo havia sido tam prodigo para com o seu herdeiro!... A troca era por certo desvantajosa. Aos quinze annos, na estação das illusões, quando o estro lhe accendia tam magestosamente a imaginação, lá se foi elle, pobre criança, sentar-se á escriva-

ninha do escriptorio commercial de seu pae estabelecido na côrte do Rio de Janeiro, fingindo a calma, e imitando a reflexão das almas frias, talhadas para os balcões mercantis. « Foi n'um dia, diz elle; lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de Septembro. Abafando o grito do lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escriptorio, e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica, que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, — o dinheiro ! e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia. (43) »

N'esta lucta domestica, n'esta contrariedade continua que se renovava todos os dias, perdeu-se um grande poeta. Mataram-lhe o coração, torturaram-lhe a alma convertendo-lhe a vocação santa e pura em profissão mercantil, dando-se por concluidos os seus estudos, fechando-se-lhes as portas das academias, que franqueavam seus companheiros, inferiores em intelligencia, e, quando o viram com a linguagem das musas nos labios abrazados pela inspiração, attrahir as attenções publicas, constituir-se e ser saudado como poeta pelos amigos, admiraram-se da sua ousadia.

Ambos, porêm, pae e filho, tinham suas razões. José Joaquim Marques de Abreu, homem positivo, ou na phrase do poeta, homem de metal, (44) buscava a felicidade de seu filho, firmada nas bases dos maiores proveitos, e almejava fructos reaes ; e o que são as letras no Brasil, uma profissão? Não ; um mero e inutil passatempo. Casimiro de Abreu, vivendo mais ideal que realmente, bem pouco se lhe dava dos bens fugitivos que os homens do calculo teem por positivos. Sonhava, e novo Colombo procurava novos mundos, e, semelhante á primavera, juncava de flores o seu caminho, e enchia os ares de embriagantes perfumes, e ouvia o echo do porvir repetir-lhe os cantos que não morrem. Acreditava-se feliz, muito feliz, com o dom que lhe dera o céo, e esse dom era o pesa-

dello horrivel do seu progenitor, victima dos preconceitos do seculo que o viu nascer. Mas se esse dote fatal não era de agradecer, não era tambem para merecer a maldição, a ponto de ser o infeliz filho expellido do escriptorio paterno, mettido a bordo de um paquete como um fardo, e despachado para Portugal.

E era o proprio pae que, se arreceando do fado dos poetas, pedia a Deus em suas orações mentaes que livrasse seu filho das calamidades que parecem inherentes á sua existencia, quem fria e barbaramente o condemnava ao exilio! Quem o expunha ás vicissitudes da vida pergerina, longe da patria e da familia!

Escutemos a narração tocante da sua viagem em sua propria linguagem :

« A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor *Olinda*, transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dôr tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, se sumiram no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava devéras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava, a terra onde nasci; porque lá ficava meu pae e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

« Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céo confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram — meu Deos! minha patria! minha mãe! O pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

« E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quan-

do no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céo estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas aguas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo os seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldéa. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!... » (45)

A terra de Camões não podia extinguir os lampejos do seu genio, apagar a inspiração em sua alma pungida, agora por tantas e tam caras saudades. Uniram-se as musas portuguezas ás brasileiras para minorar saudades, para mitigar prantos, e as *Canções do exilio*, que são as suas melhores composições, e os dialogos de Camões e do Jáu, que os Portuguezes applaudiram, coroando os seus juvenis esforços, nasceram á sombra dos louros do cantor dos *Lusiadas*.

A doença dos proscriptos, a nostalgia pungente e consummidoura, não deixou jamais de minar-lhe a existencia, e os primeiros indicios da enfermidade, que o levou ao tumulo, se manifestavam no fim de dous annos de residencia fóra e longe da patria. Quiz regressar ás suas plagas saudosas, mas temendo as consequencias de uma viagem contraria ás ordens de seu pae, decidiu-se a fazer algumas incursões pelas margens do Minho e do Douro, e mais e mais se lhe avivaram as lembranças de scenas mais imponentes pelo grandioso de sua natureza selvagem e ao mesmo tempo sublime, e com ellas vieram as saudades do ninho natal. (46)

« Ja dous annos, reflectia elle, se passaram longe da patria. Dous annos? Diria dous seculos! E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos; oh! eu quero a minha terra! Quero respirar o ar natal,

o ar embalsamado d'aquellas campinas; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirae o indio de seu ninho e apresentae-o de improviso em Paris; será por un momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores, mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado, ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela choupana na encosta do monte, pelo murmurio das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancae a planta dos climas tropicaes e plantae-a na Europa; ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

« Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céo que o viu nascer. Feliz aquelle que póde receber todos os dias a benção e os afagos maternos. Mil vezes feliz porque não sente esta dôr que me arranca do peito as lagrimas ardentes, que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado que, crestada a fronte pelo halito maldito das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: — Não creio em Deus! Só esse! » (48)

A noticia do perigo que o ameaçára, a nova de que a enfermidade lhe ia qual o abutre de Prometheu, corroendo os pulmões, deram rebate ao coração materno. Venceram as lagrimas da mulher mãe, cedeu o coração do homem pae. Recebeu Casimiro de Abreu com alvoroço, a licença que punha termo á sua deportação, que convertia em realidade a esperança da sua alma. Havia dito entre os suspiros, que lhe arrancaram a nostalgia:

« Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descançarei na mesma terra que me vio nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos. » (49)

No dia 11 de Julho de 1857, depois de tres annos e nove mezes de ausencia, o dobro do tempo a que elle nas dôres da saudade qualificára de dous seculos, pizava as terras de seu berço. Reviu de novo o esplendido céo do Rio de Janeiro, a abra immensa com a sua serrania colossal e imponente, a plaga das palmeiras agitadas pelo sopro da viração, as ilhas como ninhos de fadas no meio de suas ondas azues, e as lagrimas de prazer lhe orvalharam os olhos. Ás canções do exilio succederam-se as inspirações da patria. Partiu depois para a fazenda paterna, cuja habitação branqueja sobre a relva florida por entre as moitas de larangeiras, que vão bordando as margens do regato Indayassú, o qual desce de um dos ramos da serra dos Orgãos, e serpejando, corre a confundir as suas aguas com as do rio de S. João. Era ahi que passava as ferias quando vinha do Instituto Collegial de Nova Friburgo, e esses sitios risonhos lhe acordaram n'alma as reminiscencias d'esses tempos felizes. Na sua poesia intitulada, *No lar*, vê-se o contentamento que lhe transborda do coração! Como cada objecto, por mais trivial que pareça, lhe desperta a mais tocante emoção. Passada, porêm, as impressões do momento, nova dôr veio apunhalal-o, e um grito funebre partiu da sua alma. Já não existia o objecto do seu primeiro amor, d'essa paixão da sua infancia, e apenas alguns cyprestes e um tumulo recente, em estancia não pouco distante, occultava a historia de um martyrio, que nem se quer trahiu o sussurro da viração prepassando pela folhagem do arvoredo, testemunho de ternos encontros, de queixumes pueris, e que agora, só lhe recordaram os passados dias de felicidade infantil.

Um mez depois voltava á vida commercial. Aos 11 de Agos-

to d'esse anno, entrava para a casa dos Srs. Camara, Cabral e Costa, (50) e ahi esteve pelo espaço de mais de dous annos.

Era dura e até barbara a insistencia, e esses dous annos passou-os como se um carcere o segredasse da sociedade. Vigiavam-no cuidadosamente, impedindo-o que se entregasse ás distrações do espirito e aos seus estudos favoritos, e severas reprehensões se succediam ás infracções que comettia ás recomendações paternas, quando deixava de ser um homem serio para prefirir uma pagina de Lamartine a uma moeda de cobre, (51) e, aggravando deste modo os seus soffrimentos, concorriam para o desenvolvimento do mal, cujo germen trouxera em sua delicada organisação. Exacerbaram-lhe os desgostos; ennegreceram-lhe as horas da existencia, e fizeram nascer em seu espirito melancolico os mais sombrios pensamentos. Levaram-lhe ao intimo d'alma o desalento, a descrença, o desespero, e a idéa fatal do suicidio pairou sobre seus dias tenebrosos.

Os symptomas da enfermidade, manifestaram-se mais claramente e mais assustadores. N'aquella elegia escripta do fundo d'alma e que elle chamou *Dôres*, está a auptosia do seu coração, a origem de todos os seus males. Tudo se perdeu para elle; roubaram-lhe um futuro inteiro; desfolharam-lhe as coroas dos sonhos do porvir, e arrancaram-lhe das azas do talento uma a uma todas as pennas de ouro. Apagaram-lhe as crenças, torceram-lhe a vocação, e fizeram desabar n'um só dia, todas as suas illusões douradas. É elle como a flor que nasce nas montanhas e que se vê transportada a uma estufa, sem luz e sem ar! Com o desalento n'alma disfarça as suas dôres, e caminha sem um queixume, curvado ao pezo da sua cruz! (52)

No seio da amizade encontrava o balsamo para as dôres reaes, esquecia o joven poeta os seus soffrimentos e ia depositar as revelações da sua musa. N'uma pequena arcadia de que

nos revelou a existencia o illustrado doutor Caetano Filgueiras, celebravam as suas sessões, esperimentavam as suas forças os novos poetas, recem-nacidos paladins que se amestravam para maiores luctas, em mais vastas e gloriosas arenas.

« Pago o quotidiano tributo á existencia material, diz o elegante chronista da arcadia juvenil, satisfeitos os deveres de cada profissão, a palestra litteraria nos reunia na faceira e tranquilla salinha de meu escriptorio.

« Alli, horas inteiras, alheios ás luctas do mundo, conchegados nos lugares e nas affeições, levitas do mesmo culto, filhos dos mesmos paes, a — pobreza e o trabalho ; em derredor do altar do nosso templo, a — meza do estudo... fallavamos de Deus, de amor, de sonhos ; conversavamos musica, pintura e poesia.

« Alli depunhamo so fructo das locubrações da vespera, e na singela festa das nossas crenças, novas inspirações bebiamos para o trabalho do seguinte dia. Era um continuo deslisar de amenissimos momentos ; era um suave fugir das murmurações dos profanos ; era em fim, um dulcissimo viver nas regiões da phantasia !... E foi esse o berço das *Primaveras*, das *Tentativas*, das *Chrysalidas* e das *Ephemeras*, e foi alli que irradiaram os nomes de Casimiro de Abreu, de Macedinho, de Gonçalves Braga, e com esplendido fulgor o de Machado de Assiz !

« A morte e o tempo derribaram o altar e dispersaram os levitas. Do templo só resta o chão em que se ergueu ; dos amigos só ficaram dous... dous para guardar, como Vestaes severas, o fogo sagrado das tradições d'aquelles dias, para resumir no profundo affecto que os liga, o laço que tam fortemente estreitava os cinco. » (53)

Desses certamens poeticos sahia Casimiro de Abreu completamente reanimado ; era o Anteu da poesia tocando nas areas da Arcadia. Entrava no dia seguinte para o escriptorio e todas as suas illusões se desvaneciam, varridas pelo sopro

da adversidade. Na presença dos seus tyrannos que lhe roubavam as palmas da gloria, os seus louros de estudo, o fogo do genio, as aspirações dos annos, (54) estorcia-se-lhe a alma nos paroxismos de sua lenta agonia, e a musa, sem a affectação dos poetas *byronianos* ou *mussetianos*, só lhe inspirava cantos elegiacos, que confiava ás paginas do seu *Livro negro*.

As doçuras da amizade, que de algum modo lhe mitigava tantos dissabores, trocaram-se em fel, tocadas pela mão da morte. Viu um a um todos os seus irmãos pela vocação das letras, todos os seus amigos pela sympathia do talento, baixarem á noite horrenda do sepulchro. Macedo Junior, o poeta dos quinze annos, que apenas balbuciava os versos das suas *Açucenas*; (55) Gonçalves Braga, que já nas suas *Tentativas*, dava bellas esperanças á poesia portugueza, (56) fanaram-se cortados na flor dos annos. Debruçado sobre o sepulchro de Affonso Messeder, (57) parece que o joven poeta prescruta os mysterios da campa, e antevê o seu proximo fim; acalentado em suas dôres pelos sonhos da vida do alem tumulo, saúda a aurora da eternidade, bem dizendo a sua derradeira hora que já não póde tardar.

Emfim, no dia 15 de Junho de 1858 conseguiu abandonar o escriptorio commercial, e entregou-se livremente ás suas favoritas distracções litterarias, e no anno seguinte, nos primeiros dias de Setembro, appareceram impressas as suas composições poeticas sob o titulo de *Primaveras*, que mereceram a saudacção da imprensa. (58) Depois da *Marilia de Dirceu*, ainda se não publicou na lingua portugueza, livro que, como este, reuna a maviosidade da sua harmonia á simplicidade da sua linguagem, e essas qualidades que não são as unicas, porêm sim as de maior consideração concorreram para a popularidade de que goza, e cada vez mais se amplifica na patria e fóra d'ella.

A fama que grangeára o filho, os elogios que ouvira do talento do joven poeta, e até os parabens que recebera pelos

seus triumphos poeticos, abrandaram a severidade paterna, mas era — muito tarde! José Joaquim Marques de Abreu, prostrado no leito da morte, em sua fazenda do Indayassú, fez proceder á leitura das *Primaveras*, e derramou algumas lagrimas. Quanta eloquencia muda não expressaram assim os seus olhos moribundos! Que intimas e profundas commoções não abalaram o seu coração! Expiou nos remorsos da sua agonia, as torturas porque fizeram passar tam precoce talento, tam viva imaginação, tam ingenuo, tam brando e mavioso poeta! Quanta verdade amarga a seu respeito! Quanta allusão á dura insistencia, á barbara contrariedade que elle e os seus amigos, amos ou verdugos, exercitaram contrariando as suas naturaes propensões! Foi essa noite talvez a mais longa da sua vida, e com anciedade viu raiar a madrugada seguinte. Deu então as suas ordens, e um proprio expresso tomou a direcção da côrte e veio buscar o joven poeta.

No dia 5 de Abril de 1860 partiu Casimiro de Abreu com a celeridade possivel e poude ainda beijar a mão do moribundo pae. A benção em hora tam solemne, conciliou-os para sempre. Conservou-se o filho ainda por algum tempo ao lado de sua mãe, consolando-a em seu infortunio, e a 4 de Julho de 1860 regressou á cidade do Rio de Janeiro.

Que de esperanças se lhe abriam n'alma! Ampliava-se-lhe o horisonte da vida! Tinha adiante de si o mais bello, o mais lisongeiro, o mais feliz futuro. Legára-lhe o pae, bens para modesto e tranquillo viver. Promettia-lhe novo amor realisar as suas douradas aspirações de ventura, e já se lhe desenhava na mente os dias correndo placidamente sobre as margens floridas do Indayassú. Via sua adorada mãe, e sua querida irmã partilhando com o objecto de suas mais ternas affeições, a sua felicidade immensa, sonho da vida, ingano d'alma, quando veio o anjo da morte roçar-lhe a fronte com as negras azas, e annunciar-lhe que a sua hora derradeira se repercutia nos campanarios celestes!

Que peripecia tam rapida em scenas tam curtas, e em tam poucos actos do drama da sua existencia! Que de combates se lhe travaram n'alma, já tam despedaçada por tantas contrariedades! Sopráralhe sempre ponteiro o bafo do destino! A morte debruçava-se sobre a sua vida, fanando-lhe as flores da primavera, tolhendo-lhe os fructos do outono que não havia de vir! Era a agonia de Alvares de Azevedo, presentindo na aurora do porvir o seu dia de gloria, e vendo a nuvem da morte toldar todo o horisonte da sua existencia, e exclamando com o accento da ultima dôr : « Que fatalidade! » Era o grito pungente de Lisboa Serra, desprendido do meio das cortadas esperanças : « Morrer tam cedo! » Era o fado, a mesma sina de Dutra e Mello, de Junqueira Freire, de Franco de Sá, e tantos e tantos e tam bellos talentos, verdadeiras estrellas d'alva apagadas na madrugada da vida! (59)

A ilha da Madeira, com o seu clima bafejado pelas brisas marinhas, e impregnado do perfume das flores da eterna primavera, parecia reunir os elementos necessarios e convenientes para a restauração da sua arruinada saude; hesitou, porêm, na sua escolha, quando a serra de Nova Friburgo, onde passára tam felizmente os annos da infancia, entregue aos estudos escolares, lhe estava acenando e pedindo a preferencia. Decidiu-se pelos ares da serra natal e partiu. Viramno ir os seus amigos sem o minimo vislumbre de esperança de tornal-o a ver, tam pronunciados levava em si os symptomas da terrivel e fatal enfermidade! Chegou a Nova Friburgo em 24 de Julho.

A noticia de seu passamento não tardou a divulgar-se n'esta côrte, trazida por alguns viajantes, e o sinistro agouro passou para as columnas dos jornaes. O *Diario do Rio de Janeiro* de 18 de Agosto de 1860 chegou a annunciar solemnemente o fallecimento do joven poeta. (60) Lavrou para logo a maior consternação entre os seus amigos e os não poucos admiradores, que contava n'um e n'outro sexo. (61) Desmen-

tiu-se a mentira no dia seguinte, (62) e uma carta de seu proprio punho, datada de 25 do mesmo mez, dirigida a F. de Paula Brito e por elle publicada na folha de maior circulação da capital do imperio, na qual se confessava melhor, lançou um raio de esperança nos corações consternados de seus sinceros e numerosos amigos. (63)

Vã esperança! Recrudescia a tuberculisação dos pulmões; abrasava-o a febre, afogava-o a tosse tenaz e violenta, e as golphadas de sangre se succediam. O coração e as arterias palpitavam tumultuosamente, e a mente, brilhante de poesia, exaltava-se rica de lucidez; o halito se inflammava e a palavra turbilhonava-lhe nos labios eloquentemente! Pobre rapaz! Ambicionava a vida que odeara outrora, e o circulo de seus dias se fechava, estreitando-se nas mãos da fatalidade! Casimiro de Abreu, vendo a cadaverisação do seu corpo, sentindo o desamparo das forças vitaes, decidiu-se a regressar á sua fazenda do Indayassú, onde com effeito chegou no dia 3 de Outubro. Era a sua vontade, nascida já agora de sua resignação, ir ao menos expirar nos braços do ente que mais estimava n'este mundo, — sua mãe. Se Deus attendeu alguns dos seus votos, foi esse por certo um d'elles, feito ainda lá na terra extrangeira, quando entoava as saudosas canções do exilio.

Felizmente para elle descansava na terra que lhe dera o berço. Poucos dias, porêm mui poucos, e esses mesmos sobresaltados, gosou da companhia de sua mãe, que se apressáva em vil-o acompanhar no seu ultimo leito. Velava-o á cabeceira o seu tio paterno, resignado e calmo, bem como os famulos, que jamais o deixaram, e os quaes tratára sempre com excessiva bondade. Os pobres escravos mal podiam occultar-lhe as lagrimas. Martyrisavam-no essas provas de sensibilidade, e para não atormentar os que o circundavam com o doloroso pungir de seus gemidos, abafava as mininas expressões de suas dôres. Aconselharam-lhe que acceitasse as consolações que offerece a religião aos moribundos, mas Casimiro

de Abreu sem recusal-as, não se mostrou disposto a recebel-as. A sua consciencia tranquilla de nada tinha que pedir perdão a Deus, e a sua alma candida podia comparecer perante o julgamento tremendo do seu eterno juiz.

Para consolar a desditosa mãe, compoz o poeta trechos sublimes que bem podera chamar cantos de alem tumulo. Antevendo o proximo fim da existencia, esperava, sem a menor inquietação o dia de amanhã, como Alvares de Azevedo, parà ir vel-o raiar na eternidade. Pousava á sua cabeceira o predilecto livro das *Primaveras*, e desfolhando-o por vezes lembrava-se dos seus dias felizes, dos annos mimosos passados á sombra das abobadas de verdura de seus risonhos bosques, quando as aves cantavam os hymnos de amor, e a brisa, impregnada dos perfumes das flores das larangeiras, vinha mansa e fogueira offerecer-se ás suas aspirações; aborreceu-se, porêm, dos seus proprios versos, e abraçando a mãe, e apertando-lhe a cabeça contra a sua, beijou-lhe as faces e pediu-lhe com instancia que lhe escondesse aquelle livro. Abriu depois a pasta depositaria dos seus rascunhos e inutilisou as poesias facetas, escriptas com aquelle sal attico que mostrava nas innocentes e graciosas palestras.

Via da janella do seu aposento a serra coroada de restos de florestas, com as grimpas arripiadas de penedos e toucadas de nuvens, e mais perto a varzea plantada de coqueiros. Á vista d'esse céo tam azul, d'essas scenas da natureza tam resplendentes de vida, que parecia animar-se ainda mais ao canto das aves e ao prepassar da brisa a brincar com as flores da primavera, seus olhos se ondéaram de lagrimas. Que lastima! Sentia extinguir-se-lhe lentamente a aura vital ainda na aurora da existencia, quando nas ondas de fogo da sua imaginação se formava um mundo ideal! Quando a patria, que tanto amava, esperava d'elle novos cantos para coroal-o de flores! Reanimando-se, ergueu-se sobre o leito, fitou em sua mãe os olhos já meios anuviados 'pelas sombras da morte, e

com palavras repassadas de melancolia, disse-lhe o seu derradeiro adeus. A mãe que havia corrido a apoial-o nos braços, balbuciou entre a esperança e a duvida:

— Não, meu filho, não morrerás ainda!

O joven alçou a cabeça, e, com o ultimo sorriso nos labios, exclamou:

— Pois é a morte tam temivel?

E essa cabeça sublime pendeu para sempre. Eram 5 horas e 25 minutos da tarde do dia 18 de Outubro de 1860! Assim finou se aos vinte e tres annos incompletos o mavioso e naturalissimo cantor das *Primaveras!* (64)

Na mansão dos mortos da villa da Barra de S. João, a outrora aldéa de Ipuca dos antigos Guanelhos, (65) levantam-se dous tumulos notaveis pela sua singeleza; ahi repousam Casimiro de Abreu e seu pae! E o Oceano, que geme n'essas longas praias de tantas recordações, (66) quebra apenas com o bramido de suas innumeras vagas o silencio da solidão e da saudade. Cantam longe do seu sepulchro as aves, e nem mesmo rebentam flores junto á campa do cantor das *Primaveras.*

Primaveras, é o titulo d'esse primoroso ramilhete de bonitas, melancolicas e melodiosas flores que nos deixou o poeta. E porque pediu á rainha das estações o seu nome para as suas poesias? Por ventura bordavam flores o caminho da existencia, que a cada passo lhe apresentava urzes e negros espinhos? Por ventura vinha a aurora juvenil com o seu facho de luz purpurina abrir-lhe as portas da vida, quando sómente ao crepusculo da tarde lhe baixou sobre a mente a inspiração do céo? Por ventura os seus versos fallam somente de flores e risos, de estrellas e mulheres e doces amores, e escrevem-se em paginas còr de rosa, com letras de ouro, ou são canções do exilio e do amor infeliz, e contrariado, saudades da patria que lhe aguçam os espinhos da coroa do martyrio, que lhe cinge o coração, e que lhe inspiram essas laudas enluctadas, humedecidas

de pranto seu, e que formam o seu *Livro negro* no meio dos cantos das *Primaveras?*

Aos cantos de pura inspiração, sem os atavios de requintada linguagem que revestem phrases em sua nudez e pobreza de pensamentos, modelados apenas algumas vezes pelos versos de Gonçalves Dias e Porto Alegre, que elle imita de longe, susurrando e pairando como dourada abelha sobre os campos floridos, em quanto que por elles passa rapidamente como um raio de sol, o beijaflores; ás modulações produzidas na idade dos risos e das flores; a tudo isso, em fim pensou o poeta que bem lhes caberia um titulo mais harmonioso e sympathico e que muitas vezes por si constitue a felicidade de um livro. Mas as *Primaveras*, não tiveram o seu outomno nem as flôres produziram frutos. Como esses arbustos de mera ornamentação, que patenteiam a sua inflorescencia sem que jamais comvertam as galas de sua vegetação em doces e sazonados pomos, floresceu e fanou-se o lyrio agreste á beira do seu lago, não tendo por vida mais do que um giro do sol!

Leem-se essas paginas escriptas tam melancolicamente; sente-se muitas vezes a humidade que lhes deixaram as lagrimas cahidas das palpebras do author, e fecha-se o livro com a alma repassada de doce tristeza, e como que emballada pelas harmonias que escutára. Ama-se, mas não se admira o poeta; segue-se, mas não ha que deter-se para pasmar-se com os vôos arrojados, que não tem. E donde nasce pois o seu merito? Vem todo da sua originalidade; desponta da falta de artificios; surge da natureza pura e louçã com que se exprime o poeta, o qual, na phrase de um dos seus mais distinctos criticos, desconhece os segredos da linguagem com que se confeita a pobreza do espirito, pois não estudou em alheios moldes a fórma em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mecanica da palavra, nem o contraponto da versificação; não é um genio desenvolvido, nem um grande litterato, é uma grande alma e um grande infeliz; não verseja, poeta; não canta, sus-

pira, lamenta-se, chora; diz-nos singelamente o que sente, dá-nos em cada verso um surriso, uma lagrima; em cada estrophe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez que, nos offerece no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance (66) de um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o author.

Dividem-se as *Primaveras*, em quatro livros. No primeiro estão as suas canções do exilio, e os cantos da patria, e os hymnos da sua alma ao seu Criador. É o melhor de todos elles. Inspiraram-no as saudades da terra natal, quando longe d'ella, ou o contentamento do seu regresso ao seio da patria. O segundo comprehende os cantos de amor. Ficticios ou reaes, peccam o mais das vezes pelo pensamento, que se trahe em sua linguagem lasciva ou duvidosa, e patentea mysterios da maior intimidade. N'este caso está o *Amor e Medo*, escripto com caracteres de fogo roubado ao facho do ente vivificador do Universo. Segue-se o terceiro, que não passa de uma miscellanea, e por tanto o menos valioso entre elles, e que ainda assim não deixa de ter o seu merito, pois encerra composições importantes, que poderiam dar-lhe o titulo de, livro da amizade. O quarto que contem as poesias elegiacas, as paginas do livro negro da sua alma, é por assim dizer, o seu auto-biographia. Nas *Dôres*, revelam-se os seus intimos soffrimentos, e em *Minh' alma é triste*, ouve-se o grito pungente e doloroso de um coração que se estortega em lentas agonias no meio d'esse prosaismo a que o vota a vida de morte. Serve-lhe de brilhante epilogo a *Ultima pagina*. Os illustres criticos, os Srs. Drs. Conego Fernandes Pinheiro e Velho da Silva, parecem condemnar essas paginas de luto, repassadas de não sei que *byronismo* ou *mussetismo*, e que todavia nada tem de affectação; consentirão, porêm, que divergindo de suas opiniões, me apadrinhe aqui com outra não menos valiosa, que é a do distincto Sr. Dr. P.-Luiz. Como nas obras sujeitas á censura da Inquisição, é necessario que os modernos authores

venham munidos da sua protestação de fé á acêrca de suas crenças, tanto é certo que o seculo é da incredulidade. Bem o anteviu Casimiro de Abreu quando disse na primeira obra que deu ao prelo: « E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado que, crestada a fronte pelo halito maldito das tempestades da vida solta n'um dia de desesperação a blasphemia atroz: « Não creio em Deus! » Só esse; eu não. Estou na idade das illusões; arde-me no peito o fogo dos meus desesete annos: creio em Deus, do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina (68). »

Casimiro de Abreu tem suas bellezas e seus defeitos. A perfeição uniforme seria impossivel, e a existir, talvez fizessem d'isso um defeito, como certo critico se queixava da monotonia da perfeição de Racine. Tudo n'elle é natural; o verso sahe-lhe do bico da penna já prompto. O poeta não lima, modula como o passarinho as suas melodias, sem saber se segue ou não os preceitos da arte, e com felicidade rarissima, apresenta bellas imagens e delicadas metaphoras (69), bonitas repetições (70), e trechos que por si só constituiriam um poema da maior belleza (71).

Seu estylo é fluente e sua linguagem, se bem que nada tenha de rica, é com tudo muito natural, ingenua ás vezes e sempre expressiva. Não ha n'ella a menor affectação estudada, apesar do uso de algumas palavras favoritas (72) ou empregadas caprichosamente contra a sua genuina accepção (73) serve-se lá de quando em quando de phrases vulgares improprias da poesia (74), cahe em pleonasmos (75), em viciosas redundancias (76) e repetições (77), em solecismos (78) e em orações imperfeitas pela falta de concordancia dos verbos em suas relações segundo os tempos, (79) e abusa de gallicismos que não se podem tolerar (80); mas apezar de todos esses defeitos em pequeno numero e tam espalhados pelas suas numerosas composições, raramente é ambiguo ou obscuro (81).

A homonymia das syllabas e das dissinencias, e o emprego de

vogaes mui abertas e sonoras (82); o concurso de consoantes, mais ou menos asperas, com que terminam umas e começam outras palavras (83); a concurrencia de sons que se tornam cacophonicos, formando a continuidade de dous termos uma nova derivação, que degenera em puro *calembourg* (84); o emprego abusivo da syncope até á duplicação na mesma palavra (85), são defeitos que interrompem aqui e alli, e infelizmente, não poucas vezes, a harmonia da sua linguagem.

A sua metrificação é boa. O poeta não guarda ordem alguma na collocação dos versos agudos e graves; mistura-os a esmo, e o emprego dos esdruxulos é raro e todo accidental. O seu metro é variado, mas adoptado que seja o verso, segue com elle até ao fim sem a menor mudança; assim tambem, talhada uma estrophe, serve de modelo para todas as mais, o que torna por de mais regulares e monotonas as poesias mais extensas. Vê-se que aprendeu a metrificar estudando nas poesias de Gonçalves Dias, e felizmente não deparou entre ellas, para imitação, com os insipidos e sesquipedaes versos alexandrinos, tam bem fulminados pelo Sr. Alexandre Herculano, e tam mal apadrinhados pelo Sr. A. F. de Castilho.

São as suas rimas pela maior parte, pobres (86) e os consoantes forçados, (87) e peccam pela sua abundancia, atirados ás mãos cheias, espalhados aos trez e aos quatro, quando conviria para maior cadencia, variar a rima e com ellas os consoantes (88). Poucos versos fez livres do jugo da rima, e ainda assim descuidou-se e rimou alguns d'elles indevidamente (89).

Pena é tambem que uma ou outra vez lhe atraiçoe a primorosa afinação das cordas da sua lyra, e pequem os seus versos não já pela falta (90) ou excesso (91) de numero de syllabas, e até pelo seu prosaismo, (92) como pela inexactidão dos accentos ou pausas, segundo o rhythmo adoptado pelo author (93).

A pesar de amar tanto a sua patria, de inspirar-se tanto

das scenas da natureza americana, e de haver proclamado como regra, que o filho dos Tropicos deve escrever n'uma linguagem propriamente sua, languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa com as suas matas seculares, (94) esquece o author a sua nacionalidade, e transporta para a sua palheta côres extrangeiras, que mal poderão pintar a terra e os céos da America, e decae nos mesmos vicios dos nossos poetas passados que sobre as margens do Tejo e do Douro se olvidaram de que eram brasileiros. Assim o author descreve as scenas da patria e falla-nos nas folhagens do choupo, e colloca o classico til ou o velho carvalho junto do silvestre ingá; ouve a calhandra cantar ao lado da juruty que suspira; reveste a vendedora de flores das ruas de Lisboa com trajes e feições nossas, e dá-lhe por açafate o samburá das nossas indigenas (95).

A scena dramatica, *Camões e o á Ju*, não é mal escripta; tem versos magestosos, mas faltam-lhe as reminicencias do cantor dos *Lusiadas;* carece de uma linguagem mais apropriada ao grande poeta, bebida por ventura nas suas proprias obras. As fallas são longas, e o Jáu mostra-se tam sabido como o seu proprio senhor.

Escreveu tambem Casimiro de Abreu em prosa, mas o que resta são apenas dous trechos ou antes dous specimens, que provam que elle seria tam grande prosador como mavioso poeta. A *Virgem loura*, é escripta em estylo florido, facil, poetico, cheio das galas da sua phantasia. *Camilla*, *Memorias de uma viagem*, não passa infelizmente de um fragmento, repleto de facecias em estylo *humoristico*, e que mostra como o seu talento se moldava a todos os generos, e como poderia, guiado pelo estudo e pela meditação, lançar-se a emprender obras de maior folego, e conquistar os louros dos triumphos litterarios.

Infeliz poeta! A natureza concedeu-lhe imaginação rica de poesia; poz-lhe nos labios uma linguagem maviosa; abrasou-

lhe o coração de amor e de esperanças; collocou-o no meio das scenas esplendidas do seu imperio entre as altas serranias dos Aymorés e os vastos plainos do Oceano, e sob o mais magestoso de seus céos, mas a fortuna que não lhe negou os seus mimos, negou-lhe mais do que isso; negou-lhe a ventura!

Com o stigma do infortunio sobre a pallida e larga fronte, só foi feliz um momento; então um sorriso lhe prepassou pelos labios, como um raio de felicidade divina; era a saudação á morte!...

E desappareceu para sempre.

Nictheroy, 1870.

V

NOTAS

(1) *As Primaveras de* CASIMIRO J. M. DE ABREU, *natural da provincia do Rio de Janeiro,* 1855-1858. Rio de Janeiro, typ. de Paula Brito, 1859, 1 v. in-4. portuguez.

Contem 70 poesias, alem de 1ª dedicatoria, divididas em 4 livros.

O I livro, Poesias do exilio e da patria, contem 10 producções alem de 4 brasilianas e 4 canticos; ao todo 18.

O II, Poesias d'amor, contem 26.

O III, Poesias diversas, 20.

O IV, Livro negro, 6.

Ha mais 13 posteriores á collecção, publicadas em varias revistas do Brasil e Portugal, sem fallar na reproducção de muitas das *Primaveras*, nas paginas do *Almanak de lembranças de* ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO e na *Revista popular* do Sr. B.-L. GARNIER, embora sob outros titulos, como o *Pranto de Virgem*, reimpressa no sobredito almanak, anno de 1860, p. 298, e que na collecção se intitula, *Quando tu choras*, etc.

Guardei na presente edição a divisão adoptada pelo author, com as alterações que julguei necessarias, como ver-se-ha n'esta introducção e nas seguintes notas.

(2) CASIMIRO J.-M. DE ABREU. *As Primaveras*. Segunda edição accrescentada com poesias ineditas do author; o juizo critico de dif-

ferentes escriptores e um prologo por J.-D. Ramalho Ortigão. Porto, typ. do *Jornal do Porto*, 1866.

(3) Casimiro J.-M. de Abreu. *As primaveras*. Segunda edição (terceira de Lisboa) accrescentada com novas poesias, o *Camões e o Jáu*, e dous romances em prosa; o juizo critico de varios escriptores brasileiros e um prologo por M. Pinheiro Chagas. Lisboa, typ. do Panorama, 1867.

(4) O Sr. Pinheiro Chagas alem de reproduzir no *supplemento ás Primaveras* a poesia *Lembrança*, já impressa em quarto lugar no livro terceiro a pagina 107, fez imprimir tambem no mesmo *Supplemento* as poesias *Castigo*, p. 175, e *Pranto da Virgem*, p. 179, as quaes não são outra cousa mais do que as composições do segundo livro sob os titulos, a primeira de, *Scena intima*, p. 45, e a segunda de, *Quando tu choras*, p. 62.
O Sr. Ramalho Ortigão reproduziu sómente, a *Lembrança*, no *liv. IV a p.* 216, quando já estava impressa no *liv. III, p.* 127.

(5) As *Primaveras*, na edição brasileira constam de tres livros, alem do *Livro negro*. O Sr. Pinheiro Chagas respeitou essa divisão; o Sr. Ramalho Ortigão comprehendeu o sobredito *Livro negro*, no Livro III das *Primaveras*, formando mais dous livros, quarto e quinto, contendo este a composição em prosa, *A virgem loura*, e aquelle as novas poesias.

(6) Duas das poesias do livro I, a i e iv, tem o mesmo titulo *Canção do exilio*, que Gonçalves Dias deu tambem a uma das suas mais populares producções. O titulo de *Canções do exilio*, cabe melhor á primeira parte do I livro n'esta edição, ficando as poesias com as denominações de, *Exilio* e *Meu lar*.

(7) Taes como, *Tres cantos* e *Illusão*, que se acham em primeiro e segundo lugar no livro III, e *Suspiros* publicados pelo author fóra da collecção.

(8) Como a poesia final do livro I, *No lar*, que por cousa alguma póde pertencer ás *Canções do exilio*.

(9) Nesse caso estão as poesias, vi e xvii do liv. III, *Clara* e *O que é sympathia?*

(10) *Sonhando*, que occupa o terceiro lugar no *liv. III*, é uma poesia amorosa que deve pertencer ao *liv. II*.

(11) São quatro : *Hontem á noite, Desejos, Elisa*, e *Lembras-te?* publicadas na *Revista popular*, e outros jornaes do imperio. A terceira, *Elisa*, vem na edição do Porto, mas não na de Lisboa.

(12) Devem passar do livro III para o *Livro negro*, as poesias *Lembrança*, *Minh' alma é triste, A morte de Affonso Messeder*, *No leito* e *Risos*.

(13) *Tres Cantos* e *Illusão*, ja mencionadas na nota 7.

(14) Veja-se nota 10.

(15) Avulsas, porque não entraram na collecção das *Primaveras*, e são *A rosa, A Faustino Xavier de Novaes*, *A amisade*, e *No Album de Nicoláu Vicente Pereira*.

(16) O *Livro negro* não tem mais do que seis poesias. Alem das que trata a nota 12, ha as seguintes que correm avulsas, e devem fazer parte do mesmo : *Ao author* pelo seu amigo Gonçalves Braga e a Gonçalves Braga pelo author sob o titulo *O meu livro negro*, e *Os meus sonhos*, *A vida*, *Lembrança*, e *A. J.*

(17) São as seguintes já menciaondas em varias notas *Lembras-te? Desejos*, *A rosa*, *Suspiros*, *Elisa*, *A vida*, *A. J.*, *Hontem á noite*, *A. Faustino Xavier de Novaes*, *A amizade*, *Os meus sonhos*, *Meu livro negro*, *No album de Nicolau Vicente Pereira*. Só a ultima é inedita ; todas as mais foram publicadas em vida do author; no entanto espalhou-se que elle deixára muitos manuscriptos a um amigo, como annunciou o *Acajá* de 30 de Novembro de 1860.

(18) *A Virgem loura* (paginas do coração) e *Camilla, Memorias de uma viagem*, fragmento. Vão n'esta collecção sob a epigraphe, *Obras em prosa*, e em ultimo lugar.

(19) *Camões e o Jáu, scena dramatica original*, de Casimiro de Abreu, representada no theatro de D. Fernando em 18 de Janeiro de 1856, Lisboa, typ. do Panorama, 1856, 1 vol. in-4 port. Acha-se reproduzida na edição das obras do author feita pelo Sr. Pinheiro Chagas. A respeito d'esta ultima edição, que está mui longe de hombrear pela sua nitidez e primor com as edicões do Rio de Janeiro

feita por PAULA BRITO e do Porto dirigida pelo Sr. RAMALHO ORTIGÃO, diz o proprio Sr. PINHEIRO CHAGAS o seguinte : « A edição a que estas pobres paginas servem de prefacio é o mais completo monumento que se tem erguido a CASIMIRO DE ABREU. Contem não só as poesias e as prosas publicadas nas outras edições, a collecção dos juizos criticos que sobre elle se publicaram nos jornaes brasileiros, mas tambem o *Camões e o Jáu*, scena dramatica que em Lisboa fez representar, e que foi coroada de applausos, e um fragmento de um romance publicado na Illustração luso-brasileira, que a sua partida para o Brasil e depois a morte interromperam. Este romance intitulava-se *Camilla, Memorias de uma viagem.* »

(20) « La littérature frivole, qui n'a d'autre but qu'elle-même et a longtemps rempli nos loisirs, tend chaque jour à se discréditer davantage. » CHARLES GALUSKY, *Préface du traducteur*, p. XII. V. *Cosmos, essai d'une description physique du monde*. par *Alexandre de Humboldt*, t. II.

(21) Taes como o do Sr. Conego J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO inserto na *Revista popular* d'esta côrte, e bem assim o juizo critico dos Srs. MACIEL DO AMARAL e RAMALHO ORTIGÃO que não vem na edição de Lisboa, e o do Sr. PINHEIRO CHAGAS, que não se acha na edição do Porto.

(22) Todas essas poesias trazem por titulo : *A Casimiro de Abreu*, excepto a do Sr. C. A. BARBOSA DE OLIVEIRA que se-intitula : *Viveu, cantou, morreu*, e a do Sr. ERNESTO CIBRÃO, que é a dedicatoria do volume de suas *Poesias*, impressas em Paris em 1861, sob o titulo : *A memoria de Casimiro de Abreu, poeta das Primaveras, consagra Ernesto Cibrão*. Honra ao poeta brasileiro essa lembrança do poeta portuguez, e por isso reproduzirei aqui as suas palavras relativamente a este facto, que tam nobremente o caracterisa.

« Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisação d'essa triste prophecia. CASIMIRO DE ABREU, o doce poeta das *Primaveras*, fôra-nos roubado ; — *Não tardou a sua vez !* Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodôou a folha, era de saudade, e subiu do coração aos olhos. » *Notas* das citadas *Poesias, A, p.* 262.

(23) *Brasil* de 14 de Outubro de 1859. Tornou-se o nome de

Casimiro de Abreu tam popular que já o tratamento de Sr. se não coaduna com a popularidade que gosa. Supprimi-o por isso n'este, e outros juizos publicados ainda em sua vida.

(24) *Revista popular*, t. IV, p. 91.

(25) Publicado n'esta côrte em 10 de Fevereiro de 1870.

(26) E n'este caso estou eu, a quem parece referir-se o illustrado author d'essas linhas. Ha mais de trinta annos que advogo a causa da nacionalidade da litteratura brasileira, e, graças á sua justiça, tenho-a visto constantemente triumphante. Não fiz mais do que seguir a iniciativa de eruditos escriptores, extremosos e dedicados amigos do Brasil, os Srs. Ferdinand Denis e Eugéne de Monglare. Vi depois os meus trabalhos coroados pelo mais feliz exito, e servirem de base a outros de melhor laira e criterio de mui distinctos e conscienciosos escriptores extrangeiros, como Juan Valera na Hespanha, Fernando Wolff na Allemanha, etc. Nem sei que haja mais quem negue a uma nação completamente independente, e que progride a olhos vistos no cultivo das bellas lettras, a nacionalidade da sua litteratura, e por tanto ficarei aqui. A presente nota tem outro fim, que é provar, tanto quanto permittam os seus acanhados limites, a injustiça do Sr. Dr. José Maria Velho da Silva, quando diz : « Nem crêmos que meia duzia de nomes proprios e appellativos, e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, *colhidas, sabe Deus como, advinhado o resto*, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios. »

Não é por certo a theogonia dos nossos selvagens que constitue a nacionalidade da nossa litteratura; ella resulta de outras causas, firma-se n'outras bases. Esses estudos archiologicos, *de ceremonias e lithurgia barbaras e achavascadas*, como lhe chama o illustre doutor, são bebidos em origens ao alcance de todos, que poderão, como bem ponderára Gonçalves Dias no prologo da sua memoria *Brasil e Oceania*, acclaral-os ou definil-os, visto como muitas vezes são relatados de maneira diversa por authoridades igualmente respeitaveis, mas nunca adivinhados, segundo a ironica asserção do amavel censor. No capitulo da *Historia da litteratura brasileira*, em que trato das tendencias dos selvagens brasileiros para a poesia, e e que apresento as suas lendas e tradições, eu disse :

« Os portuguezes podiam ignorar essas tradições, e por tanto não

admira o silencio até certo ponto do chronista dos jesuitas, SIMAÕ DE VASCONCELLOS, pois que sabemos como os indios eram mysteriosos em communical-as, e que alem d'isto os Tamoyos, que no seu nome se attribruiam a ascendencia sobre as outras tribus, seriam por ventura os unicos que as archivaram em seus cantos tradicionaes, e esses eram inimigos dos portuguezes. É porêm certo, que LERY não deixou passar sem reparo essa *Ligeira crença dos selvagens austraes*, quando disse : « Fiae-vos em tudo quanto THEVET amontôa confusamente e sem ordem no vigesimo primeiro livro de sua *Cosmographie* acêrca da lingua dos americanos, e ficae certos que quando vos fallar de *Mair monen* e de *Mair pochi*, vos apresentará as mais extravagantes chimeras. » LERY era calvinista e com tal votava um não sei que de desprezo contra o catholocismo de THEVET, tanto assin que a sua *Cosmographie* e a sua *France antartique*, acharam-se por mais de uma vez sob as suas criticas vistas, e mereceram as suas reflexões pelas minimas faltas. LERY, porêm, estando na Suissa em 1586, ouviu ler a Theodoro Turquet, senhor de Mayérne, a *Historia de um paiz situado no Novo Mundo*, por Hans Stadent, e confessa ingenuamente que, sobre tudo quanto elle escrevera, dissera a verdade. Ora Hans Staden nos diz, que perguntando aos Tamoyos, entre os quaes se achára prisioneiro por que raspavam a cabeça, deixando apenas coroadas por um punhado de cabellos, elles responderam que seus antepassados haviam adquerido esse costume de um homem chamado *Maire Humane*, que havia feito muitos milagres. « Dizem, accrescenta o viajante allemão, que é um dos apostolos ou um propheta » O Sr. Ferdinand Denis submetteu essas narrações theogonicas ao conhecimento dos que são verdadeiros juizes na materia, mas recusou-se a explical-as. « A authenticidade da origem, de que emanam, diz elle, me parece offerecer poucas duvidas. » *Revista popular, t. II, p.* 354.

A opinião do meu finado amigo e consocio GONÇALVES DIAS, tem muitos pontos de identidade com a minha, visto termol-a bebido nas mesmas fontes, sendo como era de esperar, o seu trabalho superior ao meu.

« Sei, diz o eminente historiador, que LERY, escriptor exacto, censura a falta de consciencia de THEVET e o acoima de vicios e defeitos que completamente o desabonariam ; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico? Não haveria alguma inimizade de partido religioso ou politico? O que mallogrou a expedição

de Villegaignon não é o que se manifesta nas diatribes d'esses dous authores e na acrimonia com que reciprocamente se tratam? Como quer que seja procurando a verdade aonde quer que a encontre, se não reputo muito exacto a theogonia de THEVET; mas o que se não póde deixar de reconhecer no extracto do Sr. FERDINAND DENIS é que a côr local, como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do author francez; a indole dos Tupis, o caracter das poucas tradições que d'elles nos restam, e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos n'ellas empregados, desafiam e desculpam a credulidade.

« Fallandc d'esta maneira, peço desculpas para mim poprio que me acho inclinado a dar-lhe alguma importancia. Se THEVET poude ter improvisado a sua theogonia, convirá dar-lhe o fôro de um eminente improvisador. » *Brasil e Oceania, Rev. trim do Inst. hist.*, t. XXX, p. 114.

Em frente ás *Americanas, canções dos bardos ou nhengaçáras do Brasil*, publicarei brevemente a traducção da theogonia de THEVET. tam completa como elle a escreveu; e fel-a copiar fielmente dos seus manuscriptos a minhas instancias, o erudito Sr. FERDINAND DENIS, obsequio que muito lhe agradeço.

(27) *Revista popular*, t. VIII, p. 222. Este artigo foi escripto em Macahé, em 15 de Setembro de 1860, e publicou-se depois da morte do joven poeta.

(28) Nota, a *Dedicatoria* das *Poesias* do author, p. 255.

(29) Publicado na côrte do Rio de Janeiro em 10 de Janeiro de 1861. O author occultou o seu nome n'uma inicial extrangeira, assignando-se *W*.

(30) *Revista popular*, t. XVI, p. 351. Este artigo sahiu acompanhado do sen retrato cuidadosamente gravado em aço, por F. Delannoy, na officina de Mangeon em Paris, por diligencias do Sr. B. L. Garnier, que cedeu os exemplares necessarios para a edição que se fez no Porto das suas obras, se é que não é a mesma chapa. O que orna a edição de Lisboa é uma pessima imitação, lithographada.

Concluindo este artigo, escripto no Rio de Janeiro aos 15 de Dezembro de 1862, e dizendo adeus ao seu amigo e finado poeta, despediu-se tambem das bellas letras, que sempre cultivou primorosamente o seu distincto author. Eis as suas expressões :

« Adeus amigo! Se á sombra d'esses bosques de eterna primavera, que tu e o Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma póde viver e expandir-se sem motejo dos nescios, te lembrares dos companheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençôe os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao martyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade! Embora nos lacerem os pés os espinhos da estrada, embora os materialistas se rião de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior idéa de Deus, porque é elle a *eterna esperança*.

« Findando estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas de intimo gozo, que são a minha mais bella recompensa. É grato para mim, que estreei nas lettras, criança obscura e expatriada, escrevendo em Macahé, e ahi recebendo generosas animações e os primeiros applausos, — consagrar tambem estas ultimas linhas á memoria de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufania em poder designar como segunda patria, como berço da intelligencia, como estancia dos meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o ser ao Petrarca brasileiro. »

Não comportando o plano d'esta *Introducção*, a transcripção do elegante artigo que escreveu o Sr. Reinaldo Motóro sob o titulo, *O adeus do poeta*, não posso todavia furtar-me ao desejo de transcreve-lo n'estas notas :

« Ao norte do Rio de Janeiro, um pequeno rio desce da Serra dos Orgãos, e vai perder-se no Atlantico, passando em frente d'uma modesta villa. Suas margens são pittorescas; erguem-se pelas collinas restos de matas, que unem á noite o seu doce murmurio com o das aguas que correm rapidas. Ahi o amador de pesca passa tardes de meditação a bordo da sua canôa, resguardado do sol pela sombra das largas folhas das bananeiras, e vendo passar os destroços das florestas, na corrente caprichosa do rio.

« Em uma de suas margens abre-se a fazenda do Indayassú, por varzeas tapetadas de relva florída, que tem moutas de larangeiras, onde as almas amantes irão repetir os versos immortaes d'aquelle que as cantou.

« Na casa de vivenda, em o dia que tratamos, havia o alvoroço d'uma grande novidade. Em um dos corredores interiores, á porta d'um quarto, estavam varias pessoas paradas, com a inquietação na

physionomia, e commentando com gestos expressivos o menor ruido que dentro se percebia. Entrando no quarto, via-se um grupo affectuoso e triste, para o qual se passava talvez então uma das horas solemnes da vida. Sobre um leito singelo, com aquelle modo d'existir do campo, estava deitado um joven de feições meigas, testa harmoniosamente contornada, traços aprofundados pela doença, olhos languidos e internados, e labios emmurchecidos, em que ainda pairava o ultimo sorriso da jovialidade. Com o corpo apoiado sobre o braço direito, segurando com a mão esquerda, já debil, um livro aberto sobre o aparador proximo, repartia o seu olhar, sereno como um raio de lua no estio, entre as paginas d'aquelle escripto, e uma senhora, que estava em pé junto ao leito, com o rosto entre solicito e afflicto.

« Esta dama, em idade mediana, tinha o rosto varonil da verdadeira mãe, e havia no todo energico de suas feições certa força, que não deixava de ter relações com a riqueza intellectual desenhada no rosto do mancebo. Do outro lado da cama, estava um homem de feições menos expressivas, mas benevolentes; calmo, sem a resignação que dá a indifferença, mas seguindo com cuidado reflectido todas as phases d'aquella scena, da qual conhecia as origens, e antevia a fatal consequencia. O homem d'idade era o tio paterno, e a senhora a mãe do joven doente, que os medicos haviam condemnado, e para quem só restava esperança de vida n'aquella affeição materna, que resiste a toda a evidencia.

« Vendo sua mãe tão inquieta, o joven tirou da gaveta do aparador alguns papeis, e disse-lhe :

« — Já leu estes ultimos versos, que escrevi no recanto da minha serra ? Leia-os ; verá que antevejo meu fim sem inquietação ; o dia d'amanhã ha de ser bello para mim, quando raiar na eternidade.

« -- Meu filho, tu has de viver. Não é possivel que Deus te roube á minha amizade, quando podemos viver unidos, ricos e felizes.

« — Acredita, pois, que a riqueza foi formada para os desherdados da felicidade, para os sonhadores do ideal? Que nós, os trabalhadores sem paga n'este mundo, que vive pelas idéas, mas amaldiçôa os seus authores, devemos tambem assentar-nos ao banquete social, para recebermos uma parte, embora mesquinha? Engana-se, minha mãe. — Quando me deu o sêr, já eu vinha marcado com o stigma do fogo do destino. Viver por entre os bosques, scismar á noite nas bordas dos navios, passar por entre sorrisos de mofa nas

ruas das cidades, e em paga de todos os affectos adquiridos, encontrarmos a indifferença, ou a morte de quem amamos, — eis o destino dos poetas. Acredite-me, minha mãe; só ha felicidade para mim, alem d'aquelles montes nublosos, que vê através da cortina, e que se vão erguendo até á minha serra querida : e sabe porquê? Lá em cima está o céo.

« A pobre senhora debulhou-se em pranto; o tio empallideceu; o mancebo tomou a mão d'aquella que tanto o queria, e levou-a aos labios. Ella disse-lhe :

« — Mas quando tu eras pequeno, nunca te vi triste; corrias pelos campos, subias aos coqueiros, e cantavas alegre ao voltar para casa com algum sabiá preso.

» — Lembra-se da minha infancia? Foi feliz, é verdade. Porque não me dá outra vez a Providencia aquella vida da borboleta, que não pára em um só ramo, e não se prende a flor alguma? Correr pelos campos, aspirar o ar fresco da madrugada, ouvir os sabiás trinando o hymno do alvorecer, ir escutar á beira da mata o sussurro dos animaes selvaticos, que saltam de ramo em ramo, é uma vida tão rapida, tão tranquilla para o coração! Mas depois, minha mãe, succede ao alvorecer das manhãs o alvorecer do coração; vem o amor; uns primeiros olhos pretos, umas fallas doces murmuradas á sombra dos coqueiros; e quando a primeira prenda d'amor, o primeiro beijo resôa pelas abobadas de verdura do laranjal, parece-nos que a vida é um canto infindo, que só tem principio no coração, e sempre a elle volta...

« Aqui uma tosse cavernosa e estridente atacou o joven; seus olhos perderam por momentos o fulgor; os assistentes apressaram-se a ir buscar uma beberagem, e deram-lhe algumas colheres d'ella. O doente voltou-se para sua mãe, e disse-lhe :

« — Dê-me um beijo, minha querida mãe.

« A mãe pousou as faces sobre os labios do filho, e este apertou-lhe a cabeça d'encontro á fronte; depois ergueu-se illuminado por um clarão de poesia; brilhavam-lhe os olhos como estrellas refulgentes em manto negro de tempestade : as palavras melancolicamente accentuadas, tinham a aspiração dolorosa para a felicidade perdida :

« — Esconda-me esses versos, minha mãe; não quero reavivar recordações dos ultimos annos. Quem sabe se podia um raio de luz penetrar ainda n'esta selva escura, em que fui buscar a morte? Quem sabe se esgotei antes de tempo o calix da vida? Morrer tão moço,

minha mãe! quando cantam as aves n'aquelles coqueiros da varzea, quando aquelle céo azul me está sorrindo nos longes da montanha, como é cruel! como ha falta de piedade para os corações por quem fui amado! A gloria nunca me negára os seus sorrisos d'esperança: quem sabe se amanhã me coroariam de flores? Quem sabe se havia na minha imaginação um mundo ideal, que iria ennobrecer a patria, que eu tanto amava, e que ainda amo n'esta hora derradeira! Terra do meu nascimento, e tu querida, que tanto amei, tu sombra amada da juventude, adeus! minha mãe, adeus!

« Corrêra a mãe a prendel-o nos braços, e disse-lhe anhelante:

« — Não, meu filho, tu não has de morrer agora!

« Ergueu a cabeça; um derradeiro sorriso pairou em seus labios, e respondeu:

« — Pois é a morte tão temivel?

« Depois cerraram-se-lhe os olhos, e a serenidade da paz baixou sobre suas feições. Perdera o Brazil um dos seus mais illustres filhos. Morrêra Casimiro d'Abreu. »

(31) Escripto no Rio de Janeiro em 25 de Outubro de 1864.

(32) A sympathia que mostra o Sr. PINHEIRO CHAGAS pelas letras brasileiras, tornal-o-ia digno de estima, se mais de uma vez não tivesse sido excessivamente injusto para comnosco.

Busca o escriptor portuguez apresentar-nos aos olhos da Europa como indignos herdeiros da lingua de Camões. Em sua opinião não só não sabemos a lingua nacional, como que trabalhamos incessantemente para a formação de um novo idioma!

Ouçamol-o primeiramente antes de julgal-o:

« O defeito, diz o author dos *Novos Ensaios Criticos*, em todos os livros brasileiros, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a falta de correcção na linguagem portugueza ou antes a mania de tornar *o brasileiro* uma lingua differente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis, e de insubordinações grammaticaes, que (tenham cautela!) chegarão a ser risiveis se quizerem tomar as proporções d'*uma* insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato.

« Se os escriptores brasileiros desejam realmente fazer *uma* lingua nova, corrompendo a antiga, como as linguas modernas da Europa se formaram da corrupção do latim, devemos advertil-os de que isso não prova senão o desprezo das regras mais elementares da philo-

logia. A transformação das linguas é *um* phenomeno, que se opéra sem que a vontade humana possa n'ella intervir por fórma alguma; *como* qualquer outro phenomeno physico, está sujeito a leis fixas e immutaveis, *como* a gravitação ou a expansão dos gazes. Max Muller demonstrou amplamente na sua *Sciencia da linguagem*, e com elle demonstraram-no todos os eruditos philologos da moderna eschola, que a philologia é *uma* sciencia da natureza e não *uma* sciencia historica. O fluxo e refluxo das linguas tem *um* caminhar tam certo como o fluxo e refluxo dos mares, que obedecem á acção longiqua da lua. Essa transformação pol-a Deus nas mãos dos ignorantes. O nivel da linguagem eleva-se, não se abaixa. É ao povo, esse ignorante sublime, que está confiado o sagrado deposito. Os sabios enriquecem *um* idioma, só o povo o trans*forma*. As *fórmas* grammaticaes não se alteram a bel-prazer dos escriptores; a indole de *uma* lingua, não são elles que a modificam por decreto. Parece-me necessario que os escriptores brasileiros se compenetrem bem d'esta verdade, hoje elementar.

Porque motivo *um* livro brasileiro se distinguirá na linguagem d'*um* livro portuguez, quando os livros de Prescot americano, não se distinguem dos livros de Macaulay, quanto Ticknor e Southey, Cooper e Walter Scott, Washington Irving e Charles Dickens escrevem exactamente o mesmo correcto inglez? Quando Arboleda et Zorrilla, Mármol e Espronceda entoam os seus inimitaveis versos no mesmo sonoro e altivo hespanhol? Estas dissinencias não podem indicar senão *um* erro da nossa parte ou da parte dos nossos irmãos ultramarinos. As linguas transformam-se corrompendo-se, e a corrupção, em quanto não é fonte de renovamento, é vicio e vicio fatal. Ora n'este caso ou nós estamos corrompendo o idioma, ou os escriptores brasileiros o corrompem. Mas nós cingimo-nos ás velhas regras, nós sem nos desviarmos da linha recta, em quanto os brasileiros se comprazem em seguir *umas* veredas escabrosas, por onde caminha aos tombos a lingua de Camões. É glorioso ser *um* d'esses escriptores, que fazem brotar *um* idioma novo do cadaver corrupto de *uma* velha lingua, mas não nos parece igualmente glorioso entrar na classe d'aquelles que receberam dos seus passados *uma* linguagem *formosa*, harmoniosa, e opulenta, e que a *estragam*, e que a *desfiguram*, *e maculam*, e concorrem d'essa fórma para a transformarem de corpo cheio de vida em cadaver purulento, de manto de purpura em farrapo ignobil.

« Approveitei este ensejo para dizer verdades que me pezavam muito na consciencia, e que parecerão talvez rudes, quanto se souber que são escriptores de primeira ordem, talentos verdadeiramente grandiosos, os que estão á frente d'essa cruzada de novo genero. Mas pareceu-me util recordar estes principios elementares de philologia, a quem, cego por *um* sentimento talvez louvavel, caminha visivelmente n'*uma* vereda errada, e vae arrastando por ella *uma* litteratura cheia de vida e florescente de promessas. » *Novos Ensaios criticos, Litt. braz.*, p. 221.

Começa o author oppondo ao velho portuguez, *lusitana lingua, o brasileiro*, e dando a esta palavra nova accepção; e chama a esse sestro seu, mania nossa!

A transformação das linguas é hoje um phenomeno impossivel, guardadas como se acham as fronteiras litterarias pelas sentinellas avançadas de Guttemberg.

Se os litteratos brasileiros tentassem formar novo idioma, corrompendo o portuguez de seus avós, concorreriam para o suicidio. Quando viesse a operar-se esse phenomeno ou corrupção, já elles seriam inintelligiveis para os novos palradores á brasileira pura.

Assim como o colono portuguez passando ao Brasil altera habitos da vida, muda de costumes, adopta novos usos, assim tambem a lingua portugueza tem-se modificado, e vae-se amplificando; cada povo segue differente estylo, e o estylo é o homem, segundo Buffon. Os Srs Roquette e Silvestre Ribeiro, que tratam d'estas modificações, não viram n'ellas o plano da insurrecção do author.

Aos encomios que tece aos Americanos pelo esmero com que cultivam a lingua, opporei as seguintes palavras de Sr Philarète Chasles: « La plupart des poëtes vantés par M. G. offrent les reflets décolorés de la métropole, les échos affaiblis de la nationalité britannique. Chez la plupart, la rapidité de l'exécution et l'incorrection du langage se joignent étrangement à une exagération descriptive, à un flot de métaphores vagues et énormes qui n'expriment rien. Quelques-uns renoncent même à la grammaire, et la formation nécessaire des mots anglais est mise en oubli par eux. » « *Études sur la litt. et les mœurs des Ang.-am. au dix-neuvième siècle*, p. 287. »

O author que precedentemente negára a nacionalidade e existencia da nossa litteratura, apesar da epigraphe do seu artigo, acaba por confessar que possuimos uma litteratura cheia de vida, e florescente de promessas!

É pena que o author exprobando aos brasileiros o despreso pelos principios elementares de philologia, não fosse mais cuidadoso em linguagem, estyllo e correcção grammatical.

A repetição do artigo numeral *um*, converte os seus escriptos em singular tabela arithmetica. Os que estão nas linhas transcriptas reduzem-se á seguinte operação :

$$1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1+1=20$$

A repetição do adverbio como em successivas comparações, torna as mesmas ambiguas e confusas.

Na phrase em que emprega os verbos *estragar*, *desfigurar* e *macular*, a amplificação não marcha por gradação de menor a maior, mas inversamente, o que é defeito.

A homonymia das dissinencias das palavras *formosa* e *harmoniosa*, *transforma*, *fórmas*, é indesculpavel.

A oração, *e concorrem desta fórma para a transformarem*, pedia que o ultimo verbo estivesse em infinito impessoal, e viciada assim, é insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato.

Isto prova que o illustre critico, a seu mau grado, tem quinhão na conspiração litteraria. Dou-lhe os parabens!

Ja agora não levantarei mão sem que faça outro reparo. Fallando ainda dos escriptores brasileiros diz o critico : « O fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos, e as paizagens, que descrevem, *conhecemol-as nós melhor do que elles*. O corpo dos poetas americanos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa. » *Ensaios criticos, A. Gonc. Dias*, p. 168. Descrevendo depois as nossas florestas, affirma o censor que as, *bromelias pendem em festões variegados dos troncos das arvores! Novos Ensaios criticos, litt. bras.*, p. 219. É pela razão inversa de que a alma do Sr Pinheiro Chagas está na terra de Colombo, e seu corpo na Europa.

Mais longe vae o romancista na *Virgem Guaraciaba*, mas fique por ora em paz.

(33) V. *Virgem loura, paginas do coração,* nas quaes narra essas particularidades da sua infancia.

(34) *Virgem loura, paginas do coração.*

(35) *Virgem loura*, já citada.

(36) Item.

(37) Reinaldo Carlos Montóro no artigo *Casimiro de Abreu. Revista popular* do Rio de Janeiro, t. XVI, p. 351.

(38) Curvado ao pezo dos annos retirou-se João Henrique Freese, deixando o Instituto Collegial de Nova Friburgo, o qual passou a ter o seu nome. Veio então residir em Nictheroy, juncto de sua Sra, Miss Isabel Freeze, cuja avançada idade e temperamento não se harmonisavam com o clima frio d'aquellas serranias. Já nem um d'elles existe, e só me resta a lembrança da amizade cordeal com que me honraram.

Entre os livros da minha modesta livraria, possuo alguns preciosos pela sua procedencia, mimos da amisade e da sympathia, e entre elles não poucos são dadivas suas. Em frente á preciosa collecção do jornal mercantil redigido por elle em 1838 : *The Rio Circular*, acham-se as seguintes linhas de seu punho :

« To Joaquim Norberto de Souza Silva, Esquire.

« Permit me, my dear Sir, to request your kind acceptance of these pages in token of my sincere esteem ; of the high estimation I hold your talents and acquirements; and as a small, a very small return for the many attentions and favours with which you have condescended to honor me.

« May Heaven be pleased to grant you health, and a long series of happy years, not only for the sake of your amiable family, but for that of your country, which needs much the benefit of those talents, with which you are, my dear Sir, so happily gifted!

« Such is the sincere wish, and fervent prayer of, my dear Sir, your faithful and obliged friend

Nictheroy, 4 july 1859.

« John H. Freese. »

(39) Em Lisboa, longe da patria, não esqueceu Casimiro de Abreu os seus amigos, como se vê no *Prologo* da sua scena dramatica. *Camões e o Jáu.*

(40) « Era, diz elle, um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios. » *Prologo* das *Primaveras*.

« Foi, pondera o Sr Maciel do Amaral, uma fatalidade que se perdesse a estréa poetica de Casimiro de Abreu, e tanto mais de sentir quando elle diz algures que, por essa poesia perdida trocára todo este volume. » *Casimiro deAbreu, segundo prologo* da edição do Porto.

(41) *As primaveras, prologo.*

(42) *A Virgem loura.*

(43) *Item.*

(44) Veja-se a sua poesia *Na estrada, scena contemporanea*, a qual intitularia melhor chamando-a, *O homem de metal.*

(45) *Prologo de Camões e o Jáu.*

(46) « Nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei ; a nostalgia apagava-me a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões. » *Prologo* das *Primaveras.*

(48) *Prol. de Camões e o Jáu.*

(49) *Item.*

(50) Estabelecidos na rua de S. Bento n. 37 B. com casa de consignação de generos de importação e exportação.

(51) *Prologo* das *Primaveras.*

(52) V. *Dores*, uma das poesias elegiacas do seu *Livro negro.*

(53) *O poeta e o livro, conversação preliminar*, servindo de prologo ás *Chrysalidas, poesias de* Machado de Assis , p. 8.

(54) *Ultima pagina*, poesia do *Livro negro.*

(55) José Joaquim Candido de Macedo junior, natural da provincia do Rio Grande do Sul. Estudava na Escola Central quando suc-

cumbiu a uma febre typhica, em 22 de Fevereiro de 1860, tendo apenas quinze annos de idade! Pretendia publicar as suas poesias sob o titulo de *Açucenas*, o que impediu-o a prematura morte. Essas composições, que revelavam em tão verdes annos um bello talento, e que elle muitas vezes me vinha ler a minha casa, foram remettidas a seus consternados paes por seu irmão pela parte materna o Sr Antonio Candido de Menezes, professor de desenho na Côrte do Rio de Janeiro.

O Sr Carlos do Rosario, redactor da *Chronica da quinzena* da *Revista popular* assim se expressou a seu respeito :

« O jovem poeta, o Sr Macedo junior, que ainda no penultimo numero da nossa revista deu uma brilhante prova do seu descommunal talento, tambem desceu á morada dos mortos, contando apenas quinze annos de idade! E' triste e desanimador similhante quadro com tanta frequencia apresentado a nossos olhos. » T. V, p. 380.

A brilhante prova a que se refere o illustre chronista, foi a sua ultima composição. Tem por titulo : *Agora eu te quero amar,* e é a seguinte :

« — És muito linda! O teu labio
Tem um riso de matar;
Quando tu choras, donzella,
Quem fica sem soluçar?
Tem feitiço de magia,
Mas eu... não te posso amar.

« Quando tu sahes a passeio
Que te requebras no andar,
Teu seio langue estremece
Como de amor a chorar,
Tens tantas graças — ai tantas!
Mas eu... não te posso amar!

« Teus olhos negros e ardentes
Vivem só a namorar;
Dizem volupia nas chammas
Que vibram a scintillar;
Fallam tantos.., tantos gozos..
Mas eu... não te posso amar!

« — Sou muito linda! Meu labio
Tem um riso seductor!
Tudo em mim, tudo, é volupia,
Tudo estremece de ardor:
Amor suspira o meu seio,
Meus olhos fallam amor!

« Na minh'alma nunca pousam
As affliçōes de uma dor,
Borboleta da inconstancia
Eu corro de flor em flor!
Busco em todas mel de gozo,
Em nenhuma achei amor!

« Hoje te vi; minha face
Perdeu logo a sua côr;
Ai tanto fogo nos olhos,
No seio tanto calor!
Borboleta, eu corto as azas
Não procuro mais amor.

« Eu te vi; agora triste
Não sou borboleta, não;
Sou mariposa perdida
Na chamma de uma paixão;
Agora eu quero sómente,
Sómente o teu coração!

« — Eu amo a flor desmaiada,
Na campina soluçando,
Junto ao regato, pendida,
Seus amores descantando,
Onde a briza pouse alegre,
E saia triste e chorando.

« Eu amo a rola singela
Gemendo na capoeira,
Mandando á luz que desmaia
Sua prece derradeira
N'um soluço, que estremece
Os galhos da larangeira.

« Eu amo um pranto cantado
Pela paixão da agonia,
Na hora em que a flor desmaia
Aos beijos da briza fria,
Quando o sol morre nas ondas,
Com seus raios de harmonia.

« Eu amo o deserto augusto
Repetindo a voz de amores
Da canção do pintasilgo;
Eu amo os prados, as flores,
Amo o riso em labio triste,
Amo o gemido das dores.

« Tudo o que é melancolia,
Tudo o que eu sinto chorar,
A voz augusta da noite
Que Deus só pode escutar;
Se eu amo tudo o que é triste,
Como é que eu te posso amar?

« — Amas a flor desmaiada,
E a rola gemendo o pranto,
Na solidão da agonia
Um triste e intimo canto,
Tudo o que rouba da noite
Um véo de dor ao seu manto?

« Pois eu sou a flor pendida
Que tem a dor por altar,
Son a rolinha singela
Que vive de soluçar;
Agora, bem vês, sou triste,
Não me podes inda amar?

« Não és donzella, eu bem vejo,
Não és borboleta não,
És mariposa incantada
Na chamma de uma paixão;
Não tem azas, borboleta,
Eu te dou meu coração! »

A seguinte poesia, que denominou, *Morreu!* é sufficiente para comprovar o juizo que de sua aptidão para as bellas letras fariam seus amigos, e transcrevendo-a desfólho uma flor sobre a sua esquecida sepultura :

Tua alma era um jardim sem sol nem vida
Sem as galas do orvalho por cortinas;
Anjo sonhando sem os raios d'ouro
Da aurora adormecida entre cortinas.

Um céo escuro te escondia ao mundo
E te orvalha as faces com o seu pranto,
Entre a dor do silencio, em que vivias
Balbuciava da agonia um canto.

Era trova de augustia e de saudade
De um sonho d'ouro, que criaste um dia;
Era a lagrima quente da tua alma
Que chorava em torrentes de harmonia.

Teu seio—ardia em chammas e desejos,
Buscava crença, amor e poesia,
Mas nem ao lampejar de uma esperança
Entre a lagrima um riso te sorria.

Eras o lyrio no espinhal occulto!
Se erguias o teu collo quasi morto
O espinho te feria a crença d'alma;
Nem uma estrella ao longe a teu conforto!

Rosa — sem agua, á sombra de um rochedo
Pendias sem um beijo só de amor!
Debrucei-me no abysmo de tu 'alma,
E lá fui-te beijar no meu ardor.

O orvalho de meu pranto te deu vida
E tua alma sorriu á luz do sol;
Não choravas á sombra da descrença,
Sorrias da esperança ao arrebol.

Lyrio de encanto, que pendia morto,
Tu nem já murmuravas um desejo;
Sem ar, teu labio mudo nem tremia,
E eu te dei vida e amores com meu beijo.

Viveste! Olhaste um mundo de esperanças,
Tudo teus olhos contemplavam rindo,
Ligeira, tu corrias descuidosa,
E crestavas ao sol teu rosto lindo.

Borboleta da vida, a flor da chamma,
Que quizeste beijar, queimou-te a sede;
Tu morrias ao fogo de teus sonhos
E brincavas da vida inda na rede.

Achaste em teu caminho muitas rosas,
Luz de mais, muitos campos. muitos céos.
E eu te vendo correr ás tontas — louca!
Murmurava : — « Ella morre, assim, meu Deus! »

Um dia, no meu leito de venturas,
Onde beijaste a c'roa dos amores,
Em vez dos lyrios, que eu colhi sorrindo,
Encontrei murchos goivos, seccas flores.

Eras tu, que morrias — para os homens,
Jáz sorrindo — tam faceira e bella!
Tu morrias p'ra mim; — e eu murmurava :
«—Despenhou-se no limbo a minha estrella! »

(56) Francisco Gonçalves Braga, poeta portuguez, publicou no Rio de Janeiro as suas *Tentativas poeticas*, 1 v. in-8°, 1856. Foi presidente do Gremio litterario portuguez. Como Macedo junior e Affonso Messeder, precedeu o seu amigo no tumulo, fallecendo poucos mezes antes d'elles. É pena ver talentos tam promettedores brusca e inopinadamente arrebatados pela mão da morte!

N'estas sentidas palavras, dictadas pela saudade, transmittiu o estimavel poeta paraense, o Sr Bruno Seabra, a noticia do seu passamento:

« Com os olhos fitos no céo, que é a patria dos espiritos sublimes, morreu um poeta.

« Ave ignota a gemer saudades, a soffrer desdítas, não teve se quer uma maldição nos labios nos dias de infortunio.

« A pureza da sua alma nobre nunca foi nodoada por um sentir indigno. O halito da calumnia não lhe roçou os labios, nem as suas faces descóraram na presença da verdade.

« Quando a fronte se lhe vergava ao peso das desditas, seu espirito, como que abatido, não tinha uma queixa para exprobar a sorte, nem um improperio para o destino.

« Silencioso e resignado, só nas lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos, revelava a dor profunda que lavrava no imo d'aquelle coração virgem.

« Se a felicidade bafejava a fronte de um amigo, seu espirito se expandia em uma exclamação de fé. Se alguem soffria, chorava com dor sagrada o soffrimento alheio. » *Revista popular*, t. VI, p. 250.

Na seguinte poesia a Eugenia Malchair, que n'um suicidio involveu os mysterios do seu martyrio, derramou Gonçalves Braga as ultimas flores que colhera a sua musa :

Elle est morte en cueillant des fleurs.
V. Hugo.

Quem quer que fosses, sombra que passaste
Por esse sonho que se chama vida,
Que morreste a sorrir por entre flores,
E que cantaste em tua despedida.

Quem quer que fosses, victima da sorte
Que ainda moça e a face tam serena
Cortaste do jardim d'esta existencia
Do teu viver a candida açucena.

Quem quer que fosses, infeliz ou doida,
Que da vida quebraste a rubra taça,
Ou por cega nas trevas da loucura
Ou por fraca na lucta com a desgraça :

Pobre mulher, lastimo-te! Quem sabe
Se um poema de amor e de delirio
Tinha d'alma nas paginas occultas,
E o devias findar com o teu martyrio?

Quem sabe se nas folhas do romance,
Abrazada em poeticos ardores,
Não desvairaste a mente, imaginando
Um sublime ideal dos teus amores?

Ou se tinhas, como eu, n'alma deserta
Um fundo abysmo, de affeições vasio,
D'onde manavam lagrymas de gelo
A transbordar sobre o teu rosto frio?

Mysterio!... Quantas vezes estaria
Pelas noites de insomnia delirante
Encostada a teu leito a seduzir-te,
Do suicidio a imagem fascinante?

Talvez não tendo outra affeição na terra,
Como a teu noivo, lhe entregaste o peito;
Vestiste sedas, espalhaste flores,
Foste-lhe noiva e déste-lhe o teu leito!

Morreste... e teu espirito, alta noite,
Ha de ir sobre o teu tumulo vagar,
E no teu leito, que ficou vasio,
Nunca mais com amor has de sonhar!

E talvez que existisse um ente amante
Que soubesse intender a tua dor,
Mas do destino o vento impetuoso
Faz o orvalho cahir longe da flor!

Ai triste de quem vê com os olhos d'alma
Um horisonte amplissimo de amores,
E que marcha da vida no deserto
Sem colher, nem da esperança, algumas flores!

Tu só colheste os goivos do sepulchro!
Foste dormir no leito do abandono!
Infeliz, que eu lastimo e não conheço,
Aonde acordarias do teu somno?

Deus o sabe! Alma triste, que soffrias
E definhavas n'um tormento interno,
Se a tua dor foi grande e o teu peccado,
É infinita a compaixão do Eterno!

Eu, que lamento todas as desgraças,
E que choro com dor todas as dores,
Sobre o teu nome, que ninguem já lembra,
Venho espalhar estas humildes flores!

(57) Affonso de A. Coitinho Messeder, estudante da Escola central d'esta côrte, morto em maio de 1858.

(58) Justiniano José da Rocha, no seu artigo *As Primaveras do Sr Casimiro de Abreu*, publicado no *Brasil*, e o Sr conego Dr J. C. Fernandes Pinheiro em artigo de igual titulo inserto na *Revista popular*, ja citados.

O Sr Carlos do Rosario, que redigia a *Chronica da quinzena* da sobredita *Revista*, assim se exprimiu a seu respeito :

« Logo no começo do mez que corre (setembro de 1859), foi annunciada a publicação de duas obras, uma nacional e outra naturalisada; a primeira consagrada á litteratura e a segunda á sciencia.

« Fallando-vos daquella, tenho apenas em mente a obrigação de noticiar-vos mais um livro feito entre nós, e para nós composto; não preciso analysal-o ; não me cumpre tam pouco recommendal-o, por isso que, melhor do que eu, sabeis apreciar os nossos talentos e a publicação de que trato pertence ao poeta brasileiro, o Sr Casimiro de Abreu.

« Os leitores da *Revista*, não ignoram quem seja o author do novo livro intitulado *Primaveras;* seu nome ja tem subscripto diversas poesias publicadas no nosso jornal, e n'ellas encontrou-se sempre facilidade de estylo, pensamentos elevádos, metrificação suave e linguagem castigada.

« O Sr Paula Brito incumbiu-se da impressão do volume e cabalmente demonstrou, que a arte typographica é tam conhecida no Rio de Janeiro, como em França, na Belgica, na Inglaterra; na realidade não se póde casar melhor a simplicidade com o luxo e a nitidez. » *Revista popular*, I an., t. III, p. 397.

Os Srs Bruno Seabra e Almeida Cunha cumprimentaram-no poeticamente. Suas composições vão insertas n'esta Introducção, na *Apotheosis poetica.*

(59) V. *Poetas moribundos*, na *Revista popular*, t. XII, p. 48. Nesse artigo commemorei uma illustre pleade de poetas nacionaes que, como cysnes, saudaram a morte á beira do sepulchro, taes são

Gregorio de Mattos, Luiz Paulino, Ferreira Barreto, Alvares de Azevedo, Lisboa Serra e Burnier. D'então para cá o numero tem crescido.

(60) No seguinte artigo da redacção :

« Falleceu em Nova Friburgo o jovem author das *Primaveras*, collecção de versos ultimamente publicada e que promettia mais um verdadeiro poeta á nossa litteratura.

« Casimiro de Abreu morre aos vinte annos como Alvares de Azevedo, como Dutra e Mello, como Junqueira Freire, como tantos outros que cheios de uma nobre inspiração, preludiavam um futuro litterario, grandioso e brilhante.

« Após longas contrariedades sorria-lhe agora a esperança, e com ella a fortuna. É agora tambem que uma tisica pulmonar o leva ao tumulo na quadra mais viçosa da vida, no momento em que a sua musa ia abrir sem duvida um vôo mais largo.

« D'ahi quem sabe? Talvez foi melhor para o poeta morrer ainda com a alma virgem e cheia de illusões fagueiras, e não gasta pelas decepções e pelo triste espectaculo de uma nação, que ao encetar a idade viril vacilla já caduca na decadencia moral para que a arrastaram.

« O nome de Casimiro de Abreu será mais uma saudade eterna para os que ainda prezam as glorias patrias, e se comprazem em pensar n'um futuro que poderia ter sido uma verdade.

« Á musa melancolica que lhe inspirára os suaves cantos da primavera, murmure-lhe em torno da agreste sepultura onde repousa, no ameno remanso de Nova Friburgo, um adeus sentido, como os bellos versos que lembrarão seu nome. »

(61) Lê-se *Noticiario* do *Diario do Rio de Janeiro*, n. 150 de 23 de Agosto de 1860 :

« Uma senhora, a quem causára grande impressão a falsa noticia da morte do joven poeta, author das *Primaveras*, escreveu ao nosso patricio o Sr Paula Brito, pedindo-lhe informações sobre o facto.

« Poeta tambem e amigo do Sr. Casimiro de Abreu, respondeu o Sr Paula Brito com o seguinte soneto, que merece ser lido por mais de um titulo :

A dor que tanto vos pungiu, senhora,
Sobre infaustas noticias espalhadas
Porquem anda escutando nas estradas
Da coruja o piar, quando está fóra,

Cesse, que outras noticias dam-se agora,
De mais limpidas fontes emanadas;
Ellas mitigam, da verdade ornadas;
A dor que tanto vos pungiu, senhora.

Se em novas tam fataes não ha segredo
Nova vida recobra e novo alento
Quem não podia de morrer ter medo

Porque fôra da morte heroico intento
As Primaveras acabar tam cedo
De quem todo é amor, todo é talento.

(62) Temos o prazer de annunciar que a noticia que nos foi communicada da morte do author das *Primaveras* o Sr Casimiro de Abreu, é completamente destituida de fundamento.

« Apezar de enfermo, o seu estado de saude não inspira serios receios.

« A pessoa que nos informou, chegou hontem de Nova Friburgo, onde almoçou e passeiou, domingo de manhã com o Sr Casimiro de Abreu. »

Noticiario do *Diario do Rio de Janeiro*, n. 148 de 21 de Agosto de 1860.

(63) *Jornal do Commercio*, n. 238 de 27 de Agosto de 1860. Sob a epigraphe : *O Sr Casimiro de Abreu*, publicou F. de Paula Brito o seguinte *communicado :*

« Sr Redactor. Para tranquillisar as pessoas que profundamente sentiram a noticia falsamente espalhada da morte do Sr Casimiro de Abreu, author das *Primaveras*, abaixo transcrevo as poucas linhas de uma carta que d'elle recebi :

« Nova Friburgo, 23 de Agosto de 1860.

. . . .

« Vou indo melhor, mas ainda soffro bastante da tosse : tambem ha apenas um mez que aqui estou.

« Seu amigo. — *Casimiro de Abreu.* »

(64) A redacção do *Acajá*, noticiando a sua morte, assim se exprime em 30 de Novembro de 1860 :

« Da republica das letras desappareceu um tão joven quanto denodado combatente. A perda foi por demais sensivel! Não lamentam seus companheiros sómente o passamento d'um irmão d'armas, tambem sentem a perda d'um amigo fiel e dedicado.

« Por isso o chefe da republica, d'accordo com os membros do conselho superior das letras, expediu as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteiam, ficassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, lhe fosse erguido um monumento.

« O nome d'esse guerreiro? — Casimiro d'Abreu. — Seus feitos? — As producções em prosa e em verso impressas separadamente, e as flores das suas *Primaveras*, reunidas n'um volume de poesias. — Qual será o monumento? — As suas composições ineditas offerecidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

« Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso! Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro d'Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *Primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobejamente illustrou a corporação commercial á qual pertencera.

« Pertencendo os fundadores e sustentadores d'este jornal em sua quasi totalidade ao commercio, e desejando desenvolverem-se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na prestação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

« E como elle, cumpre-nos exclamar :

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente
Pr'a que...

« Pobre arbusto! Apoz o florescer e quando os fructos já despontados começavam a amadurecer, veio o impio furacão arremessal-o por terra. É mais uma esperança perdida! Pranteêmol-a! »

(65) V. *Memoria historica e documentada das aldéas de indios da provincia do Rio de Janeiro*, p. I, cap. VII, *Rev. trim. do Inst. hist.*, t. XXVII, p. 218.

(66) Veja-se a descripção que d'ellas faz o Sr REINALDO CARLOS MONTÓRO no seu artigo transcripto n'esta *Introducção*. Farei ainda menção de dous factos.

Na cidade de São João da Barra, descansa ha muito o poeta repentista, compatriota e discipulo de Bocage, Eugenio Maria de Azevedo, de quem se recorda a cidade de Nictheroy, testemunha de admiraveis e enthusiasticos improvisos. Vi-o em a noite de 25 de Março de 1831 tomar tres sonetos por mote e glosal-os, compondo sem pausa, sem folego, a bagatella de 42 sonetos! São d'elles aquelles tam famigerados versos:

> Os Tropicos pulando as palmas batem,
> Em pé nas ondas o Equador dá vivas!

Duas tragedias, ambas en cinco actos e en versos heroicos, *Zulima*, e *Emilia, ou os Cavalleiros da cruzada*, foram dictadas de improviso ao Sr commendador Luiz José de Murinelli, que lhe servia de tachygrapho. Incitando a imaginação com libações de cognac, e fumando sem cessar, era poeta, e os versos corriam-lhe naturalmente.

Não tam distante de Casimiro de Abreu, repousa o distincto litterato Manuel Antonio de Almeida! Seu tumulo cavado nas arêas do mar, é beijado pelas vagas que o Oceano joga ás praias.

O vapor *Hermes*, na manhã de 28 de Novembro de 1860, em viagem de Macahé para Campos, foi levado pela furia do mar e bateu em pedra até então desconhecida, e que hoje tem o seu nome. Abrindo agua, teve o commandante, de encalhal-o na praia de Carapebut. Primeiro, porêm, que o fizesse, morreram muitos passageiros, e entre elles fanou-se na flor dos annos o escriptor fluminense! Reconhecido o seu corpo, quando veio á praia, foi sepultado n'aquella solidão.

(67) J. D. RAMALHO ORTIGÃO. V. *Juizo critico dos authores nacionaes e extrangeiros* n'essa *Introducção*.

(68) Prologo do *Camões e o Jáu*.

(69) Como as seguintes, entre outras muitas :

Na primavera, na manhã da vida
Deus ás tristezas um sorriso enlaça.
Primaveras.

Ama a luz que o sol exhala.
A. J.

(70) Como estas :

As ondas beijando a arêa,
E a lua beijando o mar.
Meus oito annos.

E quando o peito suspira,
Suspira o peito por quem?
Sonhos de virgem.

A poesia *Assim*, tem repetições lindissimas. O poeta repete o primeiro verso de modo que fórma sempre o quarto de cada estancia.

(71) Como o presente :

Alegre e verde se balança o galho;
Suspira a fonte na linguagem meiga;
Murmura a brisa : — Como é linda a veiga!
Responde a rosa : — Como é doce o orvalho!
Primaveras.

(72) *Augusto*, é epitheto obrigado do silencio, como nas obras em prosa, *A virgem loura* e *Camilla*, e na poesia *Hontem á noite* e outras. Tambem o seu amigo Macedo junior o empregava a miude.

Palpitar, é o seu verbo predilecto :

Tremo e palpito como treme o mar.
***

Ouvindo-a, eu pobre, palpito.
No leito.

O teu piano palpita.
A. J.

Se soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por nim palpitasse
Desejos.

Tremem as folhas e palpita o lago.
Primaveras.

A alma virgem, n'esta festa immensa,
Canta, palpita e se extasia e gosa.
Primaveras.

(73) Como *hastil* por hastea :

Pender no fraco *hastil.*
A morte.

Só quiz tirar-te do *hastil.*
Perdão.

É triste ver a flor que desabrocha,
Ou quer no prado ou na deserta rocha,
Pender no fraco *hastil.*
A morte de A. M.

Anil por mar :

E leve o bote resvalou no anil.
***

Frisos por... . ?

Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos *frisos.*
Primaveras.

Fitar por olhar :

A primavera é a estação dos risos
Deus *fita* o mundo com celeste afago.
Primaveras.

Agora como um louco eu fito as turbas,
Sempre a ver se descubro as faces lindas.
Visão.

E eu fitando-a abençoára a vida
jardim.

(74) Taes considero estas

Eram centelhas, mas dormindo *ás soltas.*
A G. Braga.

Ai, bem cedo o tufão despiu-me os *galhos.*
Item.

Quanto pranto se engole e quanta augustia.
Dores.

(75) Como o seguinte:

Uni meus labios aos teus
Que abrazavam de calor.
Lembra-te.

(76) Apontarei estas:

E *a ti*, meu anjo a quem a vida devo,
Hei de adorar-*te*, come adoro a Deus.
***

Oh protegei-*a* com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa.
Senhor livrae-*a* da raja da dura
A flor mimosa, que desponta agora.
Cujo nome.

O tivesse nos labios e na mente.
De joelhos.

(77) Cito as presentes:

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o *Amazonas ao Prata,*
Do Rio Grande ao Pará.
Minha terra.

La ouvirá *os gorgeios,*
Os cantos do sabiá.
Suspiros.

E se o peito lhe *ondulasse*
Em suave *ondulação.*
Desejos.

(78) Na scena dramatica *Camões e o Jáu* encontram se muitos

solecismos, que procurei fazer desapparecer em parte, da presente edição, taes como estes :

Em que louco pensas*eis* sempre, sempre,
O tivess*eis* nos labios e na mente;
Escripto o visseis na corrente brando.
. . . . plagas maldictas
Que presenc*eas* n'um só dia a quéda.
Assassin*os*, assassin*aste* o vate!

Na poesia *Hontem á noite*, encontram-se estes versos :

Eu disse aos astros : — Dae o céo a ella,
Disse a teus olhos : — Dae amor p'ra mim.

Nas *Palavras a alguem*, leem-se as seguintes :

Agora *corres* nos charcos
Em vez *das* alvas arêas.

(79) Exemplos :

Se podesse! Inda sou rapaz, sou forte,
De noite e dia trabalh*ava* sempre
E do trabalho o lucro *era* para elle.
Camões e o Jáu.

Hontem sósinhos, eu e tu sentados
Nos contempl*amos*, *quando* a noite veio.
Hontem á noite.

Dorme-se moço e despert*amos* velho.
Dores.

Na poesia *Desejos* leem-se estes versos :

S'eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna paixão,
Do peito cal*ára* as magoas,
Bem feliz eu *era* então.

(80) *Gazão* :

Descuidosa no *gazão.*
Desejos.

De azul :

Vê, vê se apanhas
A borboleta *de azul.*
Infancia.

Por doces veigas, por um céo *de azul.*
***

(81) Raramente, mas não sempre. V. estes :

Esquece esse fogo, esse amor, um delirio
Que aqui te cavava profundo jasigo;
Ao mundo de novo, termina o martyrio,
A fronte reclina n'um peito de amigo.
A amizade.

A fronte, que ardia em brazas,
A seus delirios deu fim,
Sentindo o rigor das azas
O sopro de um cherubim.
Anjo.

(82) Exemplos :

Ter*ão* no c*é*o *é*ccos m*a*is santos.
A Macedo junior.

É perda d*u*ra d'*u*m fut*u*ro inteiro.
Qu*an*to pr*an*to se *en*gole e qu*an*ta *an*gustia
Dores.

Embora *d'e*sta es*tra*da nos espinhos.
A morte de A. M.

Imp*á*vi*das* h*as*te*adas* n*as* mur*alhas.*
No exilio amargo t*anto* pr*anto...* t*anto.*
Por ti, *por Por*tugal eu soluçava.
Cam. e o Jáu.

(83) N'esse caso estão as seguintes :

De noite a harmonia
Melhor que a *do di*a.
Poesia e amor.

Como estás h*oje zanga*da.
Sc. intima.

Quan*do de* amor me per*de*ste.
P'ra poupar.
Scena intima.

E bebo o pran*to* que banhou-*te* a *tez*.
Canto de amor.

Dir-*me meu* louco *o que* mais tinhas.
O que?

Sim, meus amores, que os que tive outrora.
Ai quan*do d'es*se *di*a me recór*do.*
De um poeta immortal a ri*ca c'ro*a.
Cam. e o Jáu.

*Per*dão *p'r'*o *pobre* demente.
Perdão.

Um amigo, uma mão que nos affague.
Mocidade.

Sua alma pura *na no*vel vertigem.
De joelhos.

Dado com *tanto te*mor.
Lembra-te?

Este trouxe gargalhadas.
A Faustino.

A per*da du*ra *d'um* futuro inteiro.
Tam candidas de fé.
Dores.

Minh'alma triste *vae va*gando atoa.
Minha alma.

A gloria é u*ma mu*lher e tu bem sabes.
A G. Braga.

Na terra uma mulher muito formosa.
Camões e o Jáu.

(84) Como os que se seguem :

Torra*da do* calor.
Pepita.

Um amigo, u*ma mão* que nos affague.
Mocidade.

Dorme a floresta, meu amor *só vêla!*
Noivado.

Oh quantas vezes *a prendi* nos braços!
Minha alma.

Eu *por cada* illusão vivi dez annos.
Por cada canto eu tive offensas duras.
A G. Braga.

(85) D'entre muitas citarei estas:

Era um anjo, foi *p'r'o* céo.
Rosa murcha.

Mas se forçoso *t'é* deixar a patria.
A voz do Rio.

Minha mãe a sorrir olhou *p'r'os* céos.
Deus.

E perto ou longe quiz beijar a *s'reia.*
Minha alma.

Feliz tu que me accenas *p'r'o* futuro.
A G. Braga.

P'r'as sempre fortes vencedoras quinas.
Peço pão, não *p'ra* mim mas *p'r'o* poeta.
Camões e o Jáu.

(86) A rima *alas,* offerece uma prova d'essa pobreza ou falta de variedade. Vem na I, II e III estancias do *Baile,* e repetem-se nas duas primeiras os consoantes *galas* e *salas.* O mesmo acontece em *Minh'alma é triste,* Moreninha, *A valsa, Queixumes,* etc.

Nas, *Palavras no mar,* os consoantes ou antes palavras *virgem* e ver*tigem,* se duplicam, bem como *alma* e *acalma;* esse consoantes figuram, sem variação, nas poesias *Amor e medo, De joelhos, No baile,* ****, *Queixumes, No leito,* etc.

Na *Voz do Rio* as palavras *azul* e *sul* rimam sete vezes entre si, bem como na *Poesia e Amor,* na *Infancia,* em ****, etc.

Nas composições *Amor e Medo, A uma platéa, A uma menina,* A**** e outras vem sempre *galho* obrigado a *orvalho,* etc.

E assim outros muitos.

(87) A miude emprega a rima *em* para a palavra *mãe*, que não tem consoante, como nas poesias *No leito, A vida* e *Suspiros.*

Em *Elisa* rima *anjo* com *archanjo*, forçadamente.

Em, *Pois não é?* traz bond*oso* rimando com rep*ouso*. No *Canto de Amor* f*oge* e h*oje*. Na *Minha terra* p*ovo*, n*ovo* e f*ogo!* Nos *Meus oito annos* n*us* e az*ues !* No *Lar*, cr*ença* e aus*encia*. No *Amor e Poesia* br*éjos*, b*eijos* e baf*ejos*. Nas *Primaveras* manc*ebo* e enl*evo*. Em *Pepita*, cryst*aes* e rein*arás*. Em *Perdão*, p*és* e t*ez*. Em *** *ais* e atr*az*.

Nos *segredos* não teve consoantes para *virgem, rôsto* e *minto*, e deixou de rimar os versos.

(88) Como, por exemplo, na *Poesia e Amor :*

A tarde que expira
A flor que suspira
O canto da lyra;
Da lua o clarão
Dos mares na raia,
A luz que desmaia
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão.

E bem assim na *Minha terra, Saudades, Lembra-te? Elisa*, e outras.

(89) A scena dramatica *Camões e o Jáu*, alem de um fragmento do *Livro negro* , e o *Balsamo* dos *Canticos*, é a unica poesia escripta em versos soltos, e no entanto muitos versos rimam, sem fallar na semi-rima dos toantes, a que certos padres mestres da metrificação dão tanta importancia, occupando-se com essa criancice hespanhola tam repugnante á gravidade do idioma portuguez, e com o que tam malgastou o tempo o Sr conselheiro Miguel Maria Lisboa, versificando tam desastradamente. É pena que se desnorteiem talentos com semelhantes tentativas de resurreição. As letras tem tambem o seu Lethes.

(90) Taes são os seguintes, que ficaram aquem da medida :

Sorri-me, era o sonho de minh' alma.
Visão.

Vem! A noite é linda, o mar é calmo.
Noivado.

Eu olhava extasiado,
Eu soffria calado.
Lembras-te?

Da amargura o fel.
A M. Junior.

Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos annos.
Rosa murcha.

Eu soffro e esta dor me atormenta.
Horas tristes.

Não; a dor sem cura, a dor que mata,
Carregando a cruz.
Dores.

A longa estrada da vida
Que é toda escabrosa.
Os meus sonhos.

(91) Como os seguintes, que excedem a medida:

Quando o peito é um alaúde.
Tres cantos.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspirava.
Suspiros.

A dor immensa da perda do futuro.
Sempre sonhos.

Amor é a fonte que nasceu nas pedras.
Porque não havemos p'ra acalmar as dores.
Mocidade.

Qual reza o irmão pelas irmãs queridas.
Ou a mãe que soffre pela filha bella.
Que daes voz ás brisas ou perfume á rosa.
De juelhos.

Tambem suspira
Por Elisa bella.
Elisa.

Vendo a noite pura e a ti tam bella.
Hontem a noite.

Vive, e canta e ama esta natura.
A M. Junior.

Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.
No jardim.

Quando terna outrora a mulher que amei.
E Laura jurava que quando apartados
Viver não queria, morreria de dor.
A Amisade.

E o desfolhar sentido das gentis corôas.
Para aclimar-se apertada n'uma estufa.
Esquecimento! Mortalha para as dores!
Dores.

Porque eu sei perdoar.
A gloria é uma mulher e tu bem sabes.
A G. Braga.

Ou estridor pelos eccos repetido.
Ricos sonhos do poeta, meus amores.
Sim, sois malvados; o perdão do poeta.
Dom Sebastião, monarcha temerario.
Desferir o canto funebre, saudoso.
Meu Antonio, para mim não trazes nada.
Ó senhor, o pobre Jáu não terá nunca.
Uma inspiração celeste e radiante.
Camões e o Jáu.

Alguns dos versos aqui notados foram emendados na presente edição, sempre que me foi possivel, sem que modificasse o pensamento do author e a versificação.

(92) Entre outros, citarei os seguintes:

E de quem são estas saudades? — D'ella!
O que?

Filha do céo, ó flor das esperanças.
Noivado.

Vós protegestes com o manto augusto.
De joelhos.

(93) Erra nos versos saphicos compostos como os heroicos de 11 syllabas, mas que se differençam, como se sabe, pelas pausas das syllabas IV et XIII, deixando de attender a essa regra e variando sem systema para as pausas das syllabas VI e X.

A *Juruty*, não tem nos versos saphicos de que se compõe, as necessarias pausas; os versos quebrados não tem cinco syllabas como deveriam, mas sete, o que faz variar o accento saphico para o heroico, não sendo muito sensivel essa falta systematica.

No lar, escripto em quartetos saphicos e heroicos, compõe-se de duas partes; na Iª os versos são saphicos e peccam por inharmonicos. Na IIª quasi todos os versos tem as pausas do verso heroico, mas essas mesmas erradas.

Amor e medo, composto de versos saphicos tem apenas errado o I° da IIIª estancia.

O Noivado, começa por um verso heroico, passa para um saphico, depois para um heroico e depois para um saphico, e segue até ao fim ora com versos ora de um ora de outro genero. A *Voz do Rio* vae pelo mesmo theor.

O *Canto de amor*, consta de quatro partes. Na Iª são os versos heroicos e tem o necessario rhythmo, e na IIª passa para saphicos, bem como na IIIª, descahindo, porêm, para heroicos. Na IVª são todos saphicos.

Erra nos versos de oito syllabas com pausas na Iª, IIIª, Vª e VIIIª, como na *Scena intima*, em que as pausas passam inadvertidamente ao poeta para a IVª e VIIª; e assim na *Borboleta*, que logo na Iª estancia tem versos errados, e assim outros muitos; Nos *Queixumes*, ha igualmente defeitos em varios lugares, etc., etc.

Errou menos em versos de tres syllabas, apezar da sua difficuldade e n'esse poemasinho a *Valsa*, só ha digno de reparo quanto ao rhythmo a ultima estrophe, em que vem um verso grave de duas syllabas disfarçado pelo precedente que é exdruxulo e rima *pallida* com *pallida!*

A extrema e delicadissima cadencia dos versos de doze syllabas assaz concorreu para que, *Na rede*, apenas se lhe note como errado um verso da VIIª estancia.

(94) Prologo das *Primaveras*.

(95) Diz assim na *Moreninha:*

Co'as flores no *samburá*.
A fresca sombra do til.
Vae seguindo a juruty.

Ou na *Poesia e amor :*

A gota do orvalho
Tremendo no galho
Do velho *carvalho,*
Nas folhas do *ingá*

Ou nas *Primaveiras :*

Canta a calhandra, a juruty suspira.

Ou em *Lembras-te?*

Ora do choupo a folhagem.

Já de nada servem a Casimiro de Abreu esses reparos ; mas sim aos estudiosos e jovens escriptores que devem procurar evitar semelhantes descuidos. Não são erros que envergonhem, porêm são nodoas que mancham a nitidez dos escriptos.

FIM DA INTRODUCÇÃO.

OBRAS COMPLETAS

DE

CASIMIRO DE ABREU

PRIMAVERAS

La vie du vulgaire n'est qu'un vague et sourd murmure du cœur : la vie de l'homme sensible est un cri ; la vie du poëte est un chant. LAMARTINE.

A F. OCTAVIANO

São as flores das minhas primaveras
Rebentadas á sombra dos coqueiros.
TEXEIRA DE MELLO, *Sombras e Sonhos.*

Um dia — além dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancholica do cahir das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceu-me ouvir o eco das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — *As Ave-Marias :* — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu déra em troca este volume inutil,

que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era enthusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude vêr realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite — cahem pela manhã como as flores cheirosas das larangeiras!

Flores e estrellas, murmurios da terra e mysterios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção de imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente se explica: — era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahiram conforme os logares os iam despertando. Um dia a pasta, pejada de tanto papel, pedia que se lhe désse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — *Primaveras;* — depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude vêr o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretenções.

Todos ahi acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancholico das nossas noites.

Meu Deus ! que se ha-de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos *homem serio*, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sêde que a devora, decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o tracto dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — *Tymbiras* — e acordar os Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — *Yuca-Pirama* — nós, cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra; ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — *Primaveras* — não passam d'um ramilhete das flores proprias da estação, — flores que o vento esfolhará ámanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio, 20 de agosto, 1859.

A***

Fallo a ti—doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flor da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
—Marinheiro de amor—no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte—no regaço flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tut lar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flores!
Ai de mim—se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De santas illusões, de crenças cheio!
—Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lêr o *meu livro:*—adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma—aberta em flor—sonha comtigo.

Se entre as rosas das minhas—Primaveras—
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor—são todas tuas!

Agosto 20, 1859.

LIVRO PRIMEIRO

> Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée des fêtes de l'étranger, et qui ne se sont assis qu'aux festins de leurs pères!
>
> CHATEAUBRIAND.

CANÇÕES DO EXILIO

EXILIO

> Oh! mon pays sera mes amours
> Toujours.
>
> CHATEAUBRIAND

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabia!

Oh! que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céu de claro anil!

Que seiva, que luz, que galas,
 Não exhalas
Não exhalas, meu Brazil!

Oh! que saudades tamanhas
 Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céu de saphira
 Que se mira,
Que se mira nos cristaes!

Não amo a terra do exilio,
 Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
 E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
 Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
 Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
 Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
 Doce e terno.
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

Lisboa, 1855.

MINHA TERRA

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
G. Dias.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha;
—Hei de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;

—É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—É uma terra encantada
—Mimoso jardim de fada—
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas—a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha frемente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
Á sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brazileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na larangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade;

Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando
—Mancebos e anciãos—
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
—Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os eccos da montanha
Ao longe diziam—guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brazileiro eu nasci
Brazileiro hei de morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Pos esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar—suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura:—não tem rival!

Lisboa, 1856.

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gósto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dor,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então—proscripto e sósinho—
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dores:
—Saudades—dos meus amores,
—Saudades—da minha terra!

1856.

MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gôsos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe!

Dá me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil:
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brazil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero vêr esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!

E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores,
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa, 1857.

MINHA MÃE!

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.
V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
—Minha Mãe!—

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
—« Oh filho querido do meu coração! »—
—Minha Mãe!—

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
—Minha Mãe!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
—Minha Mãe!—

Feliz o bom filho que póde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
—Uma Mãe!—

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
—« Oh filho querido do meu coração! »—
Minha Mãe!—

Lisboa, 1855.

ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor!

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de novembro:
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes,
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
—Hei de ir junto aos mausoleus,
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...

Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa,
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céo
Envolta em mystico véo
Nas azas d'um cherubim;
Já dorme o somno profundo,
E despediu-se do mundo
Pensando talvez em mim!

Oh esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!
Em troca de seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

Lisboa, 1855.

JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,
A jurity suspira;
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
Á beira do caminho;
—Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar;
—Flor dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
Á pomba faz o tiro...
A bala aceita e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dórmir no meu jazigo.

E—morta—a pomba nunca mais suspira
Á beira do caminho;
E como a jurity,—longe dos lares—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

Lisboa, 1857.

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
—Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor;
O mar é—lago sereno,
O céu—um manto azulado,

O mundo – um sonho dourado,
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nús—
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,

Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
—Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa, 1857.

NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar:—saudade!

Lisboa.

TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos de innocencia,
Nos delirios de criança ;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura —
N'essa contínua ventura
É toda um hymno : — esperança !

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor ;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella —
Idolatrando a donzella
Soletra em trovas : — amor !

Mas quando a crença se exgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade ;
Então a alma cansada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto : — saudade !

Fevereiro, 1858.

ILLUSAO

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos eccos envia,
E que o peito que em mágoas anceia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece n'um leito de flores
Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas,
Sinto o pranto que manso deslisa
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,

E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo vêr sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pòpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado : — não fujas, — espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo vêr essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando!
E uma voz em accentos plangentes
Vem de longe um — adeus — soluçando!

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
É carpindo uns amores que eu tive!

Lisboa, 1856.

SUSPIROS

Á minha terra formosa,
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vai brincar pelas campinas,
Pelos vergeis do Brazil.

Lá verás um céu mais lindo,
Como tão lindo não ha;
Lá ouvirás os gorgeios,
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa, pensando em mim.

Ó brisa linda e travêssa,
No teu mais doce bafejo
Em seus labios côr de rosa
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto de amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspirava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho extremoso
O mesmo affecto inda tem,
E que contrito e fervente
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto,
Da noite na magestade,
Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor,
Que sua lyra, gemendo,
Dizia : — Brazil e amor ! —

1856.

BRASILIANAS

NO LAR

> Terra da minha patria, abre-me o seio
> Na morte, ao menos...
> GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira á tarde!

No mar — de noite — solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorára n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
— O filho prodigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado!

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais secca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece!... e esquecer quem hade?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Fal'a-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora

Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as salas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Ó primavera! ó minha mãe querida!
Ó mana! — anjinho que eu amei com ancia
Vinde vêr-me, em soluços — de joelhos
Beijando em choros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exilio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gôso de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella,
Que eu, Senhor! não vivi — dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas,

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os labios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
— Sósinho — e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! Quero vida! Os labios ardem...
Preciso as dores d'um sentir profundo!
— Soffrego a taça exgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! Quero vida! Um rosto virgem,
— Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! Quero amor! — Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa,
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Ó céu de minha terra — azul sem mancha —
Ó sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte:

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,

Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillas que morreis na areia :

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiás da praia,
— Cantai, correi, brilhai — minh'alma em ancias
Treme de gôso e de prazer desmaia !

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura — modulai-me a lyra!
— Seja um poema este ferver de idéas,
Que a mente cala e o coração suspira.

Ó mocidade, bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
— Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gôsos do meu lar querido...
Bemdito sejas! — vou viver c'os meus!

Inday'assú, 1857.

MORENINHA

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,

Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia:
— « Mulher mais linda não ha!
« Ai vejam como é bonita
« Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá! —

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena — não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
Á fresca sombra do til;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity;
Mas tão pura ias bricando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então : — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguem t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas tambem a voz:

— « Oh! quem me compra estas flores?
« São lindas como os amores,

« Tão bellas não ha assim;
« Foram banhadas de orvalho,
« São flores do meu serralho,
« Colhi-as no meu jardim. »

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!..

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse antão: — « Meus amores,
« Deixa mirar tuas flores,
« Deixa perfumes sentir! »
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te — rosa da aldeia —
Como mais linda não ha.
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Inday'assú, 1857.

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
— O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim;
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
D doce e sereno n'um magico anceio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor;

Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na reda córando e sorrindo...
Beijou-me — a sonhar!

Junho, 1858.

A VOZ DO RIO

N'UM ALBUM

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
— Ai porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras azas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...
— Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul!?

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinho viverás no exilio
— Garça perdida n'esse mar que é verde!

Nossas campinas, como doces noivas,
Vivem c'os montes sob o céu azul!
— Ha vida e amores n'este patrio ninho,
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!...
— Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas: — "Essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha!"
Quem dar-te póde este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?

Eu — Guanabara — no meu longo espelho
Reflito as nuvens d'este céu azul;
— Ó minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!..

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras,
E o sol medroso s'esconder nas agoas,

Teu pensamento, como o sol que morre,
Ha de scismando mergulhar-se em mágoas!

Mas se forçoso t'é d'eixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Ó minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços — ao voltar do exilio —
Saudando o berço que teu labio diga:

« Volvo contente para o patrio ninho,
« Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
« Tinha saudades d'este sol de fogo...
« Não deixo mais este meu céu azul! .. »

Rio, 1858.

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

Foi um dia de gloria! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brazil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria :
— Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou ecco no peito dos valentes
No campo e na cidade ;
E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soaram hymnos populares
Á voz da liberdade!

Annos correram ; — no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou ;
E franca e leda, a geração nascente
Á copa altiva da arvore frondente
Segura se abrigou!

Á roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
Ás glorias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...
Era o vosso, Senhor!

Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio, 1858.

CANTICOS

POESIA E AMOR

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das agoas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os tremulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;

As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgeio
D'algum sabiá;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gôsos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão ;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singela
Do seu coração ;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada,
Qual berço de fada
N'um céu todo azul;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul ;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus !

Os tremulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,

Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia !
Tudo isso é — amor!

Inday'assú, 1857.

ORAÇÕES

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas azas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circundam anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho, ó cherubim !
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças — tembem resa por mim !

Rio, 1858.

BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubára d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
— Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!
O esqualido coveiro p'ra dous corpos
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote — fronte branca
Pelo gelo dos annos — a seu lado
Tentava consolal-a.
A mãe afflicta
Sublime d'esse bello desespero
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

« Ó padre! — disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma:
« — Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
« O allivio á minha dor?! »
Grave e solemne,
O padre não fallou — mostrou-lhe o céu!

Rio, 1858.

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
« — Que dura orchestra! Que furor insano!
« Que póde haver maior do que o oceano,
« Ou que seja mais forte do que o vento? »

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os ceus
E respondeu: — « Um Sêr que nós não vemos
« É maior do que o mar, que nós tememos
« Mais forte que o tufão! Meu filho, é — Deus! »

Dezembro. 1858.

LIVRO SECUNDO

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!
V. Hugo.

CANTOS DE AMOR

PRIMAVERAS

Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.
Metastasio.

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a fronte de aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a creação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa : — Como é linda a veiga !
Responde a rosa : — Como é doce o orvalho !

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo,
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem de seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera — na manhã da vida —
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida — a mocidade é crença,

E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e gosa.

1° de julho, 1858.

SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
— Óra diz-me : esses queixumes
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
N'um sorrir?
Agora em cólera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
— Sem querer —

Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gòsos infindos,
Só dos ceus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Esses lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdoa um erro innocente,
Minha flor!
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou ;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui 'stou !

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel ;
Ai ! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
O infiel :

Prende-me... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão ;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
Essa mão !

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só !

JURAMENTO

Tu dizes, ó Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como has de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá! — Sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera: — inclina essa fronte...
Assim!... — Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
— Agora, se em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado:

« — Eu juro sobre estas tranças,
« E pelas chammas que lanças
« D'esses teus olhos divinos;
« Eu juro, minha innocente,
« Embalar-te docemente
« Ao som dos mais ternos hymnos!

« Pelas ondas, pelas flores,
« Que se estremecem de amores
« Da brisa ao sopro lascivo;
« Eu juro, por minha vida,
« Deitar-me a teus pés, querida,
« Humilde como um captivo!

« Pelos lyrios, pelas rosas,
« Pelas estrellas formosas,
« Pelo sol que brilha agora,
« — Eu juro dar-te, Maria,
« Quarenta beijos por dia
« E dez abraços por hora! »

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora — por vida minha,
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Rio, 1857.

PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor ;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus, nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor,
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelo do feliz cantor :
— « Meu Deus, nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes — e não falta amor! »

Junho, 1858.

SEGREDOS

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha,
Que digam, que fallem em regra geral.
　　— A flor dos meus sonhos é moça e bonita
　　Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
　　Mas onde ella mora, que casa ella habita,
　　Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacchante,
O pé de criança, cintura de annel;
　　— Os olhos rasgados são cor das saphiras,
　　Serenos e puros, azues como o mar;
　　Se fallam sinceros, se pregam mentiras,
　　Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céo!

Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahiu-lhe do rosto seu candido véo!
    — Que noite e que baile! — Seu halito virgem
    Queimava-me as faces no louco walsar,
    As fallas sentidas, que os olhos fallavam,
    Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bella rendida ao cansaço,
Morrendo de amores em tal languidez!
    — Que noite e que festa! e que languido rosto
    Banhado ao reflexo do branco luar!
    A neve do collo e as ondas dos seios
    Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — Tem longos queixumes,
Mysterios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me mataram, de amor suspirei!
    — Agora eu vos juro... Palavra! não minto!
    Ouvi-a formosa tambem suspirar;
    Os doces suspiros, que os eccos ouviram,
    Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta: — « Nas noites d'estio
O céu tem estrellas, o mar tem amor! »
    — E a voz maviosa do bom gondoleiro
    Repete cantando: — « viver é amar! » —

Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os labios se tocam no ardor da paixão!
— Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis me enganar;
Aqui faço ponto; — segredos de amores
Não quero, não posso, não devo contar!

Rio, 1857.

A WALSA

Tu, hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas —
C'oas faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,

Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Walsavas:
— Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No collo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,

Os olhos
Perjuros
Volvias;
Tremias;
Sorrias
P'ra outro,
Não eu!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,
Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho,
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso,

Tão liso,
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Calado,
Sósinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz!
Eu triste

Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Na walsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida
Então;

Qual pallida
Rosa
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Rio, 1858.

BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,

Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já tens amores bellos,
P'ra que vaes dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciumes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?..

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecem!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sopro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella — a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor.

Tu tambem, minha inconstante,
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vaes vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vaes beijar outras flores;
Esqueces os que te amam...

Por isso todos te chamam :
— Borboleta dos amores !

Rio, 1858.

QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornam mais bello o cristallino pranto.

Oh ! n'essa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso :
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora :
— Similha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas com um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — tão feliz amante !
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto :
— Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto !

Rio, 1858.

CANTO DE AMOR

Eu vi-a e minha alma antes de vel-a
Sonhára-a linda como agora a vi ;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz !

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé ;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é !

No silencio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir ;

E era bella, meu Deus, assim sósinha
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

*
* *

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'affago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista espairecendo vaga,
Quasi indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Aindo a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véo!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céo.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhára assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Qne em vão buscava e que encontrei por fim!

*
* *

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares, choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus braços um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores se erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguem te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

Se tu, ó linda, em chamma igual te abrazas,
Oh! não me tardes, não me tardes, — vem!
Da phantasia nas douradas azas
Nós viveremos n'outro mundo — além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;

E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão,
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Creará poemas d'immortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e bello como é grande o mar,
É doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lyrio que já murcho cahe!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vai!...

Rio, 1858.

VIOLETA

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta!
— Se eu deixo a rosa do prado
É só por ti — violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa
Vive de sol e de flores...
— Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta!

4 d'abril.

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra? — A infancia!

Que sombra, que phantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente e folhear os dias idos
Que nome te recorda agora? — Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades? — D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo,
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma
Diz-me, poeta — o que escolhias? — Flores.

E se ella, farta dos aromas doces,
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas? — Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta? — A vida!

Rio, 1858.

SONHOS DE VIRGEM

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem? — amor?

Que céus, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores

Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada,
N'um scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?!

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh sonha! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'aguas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz ó flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

Rio, 1858.

ASSIM!

Viste o lyrio da campina?
        Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lyrio da campina?
        Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nnnca ouviste a voz da flauta,
        A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
        Como o nauta
É tão triste o meu cantar!

Não viste a rôla sem ninho
        No caminho
Gemendo, se a noite vem?
— Não viste a rôla sem ninho?
        Pois, anjinho,
Assim eu gemo tambem!

Não viste a barca perdida,
        Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
— Não viste a barca fendida?
        Pois, querida,
Assim vai meu coração!

Rio, 1858.

QUANDO?!...

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?
— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeois,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?
— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabellos?
— Bellos!

Como tremias, ó vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora!
— Ora!

E diz-me : não te recordas
— Dabaixo do cajueiro,
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro?
Ia o dia já findando...
— Quando?

Rio, 1858.

SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão;
E atirára p'ra longe — sem saudade —
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrára de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha fronte, que pende soffredora,
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo, que queimou Gilbert e Dante,
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dor immensa da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz tas turbas
E esta ancia infeliz de gloria vã;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella — minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormiu:
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim boliu!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalára, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergeis;

Nossa vida seria um doce affago,
Nós — dous cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos bateis!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixára este amor da gloria vã ;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã!

1858.

PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me désse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece!...
Oh! se eu podesse
Hoje — sequer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher!...
Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor ;

Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
— Harpa vibrada
Por mão de fada —
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amára a virgem
Cantando a Deus!...

Avon, 1857.

PEPITA

A toi! toujours à toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge' — ilha perdida —
Em lagos de cristaes;
Vem, Pepita, — Colombo dos amores, —
Vem descobril-a, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
Á sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sósinho a pipilar;
— Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...
Qual do penedo que Moysés tocára
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas em setim;
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil;
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos
— Soltas as velas — despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão;

— Vem ser da primavera o sopro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco,
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer ;
— Vem, Pepita; das tardes no remanso,
Da rede dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh vem! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez da mágoa...
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,
— Eu quero o teu amor!

Rio, 1858.

VISAO

Uma noite... Meu, Deus, qne noite aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me; — era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
— Talvez que essa alma dos amores puros
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou; — talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E — sonhando — a criança se recorde
Do moço que ella viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cansei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a vêr se descubro a face linda...
— Os outros a sorrir passam cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te vêr, louca suspira!

— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra? !...

Setembro, 1858.

QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
        Só minh'alma
        Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
        Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
        Nos meus lares
        Sem pesares
No socego só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
        Por ti! por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
        É meu canto
        — Todo pranto,

Qual a voz da jurity!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu podesse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
Como ás flores
— Seus amores,
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,
Desfolhado mogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
Diz na lousa:
— « Elle repousa,
« Coitado! descansa aqui! » —
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
Por ti! Por ti!...

Junho, 1858.

AMOR E MEDO

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores :
« — Meu Deus, que gelo, que frieza aquella ! »

Como te enganas! meu amor é chamma,
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella — eu moço ; tens amor, eu — medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremoço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,

Diz : — que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra,
Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla, a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz : — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pisar descalça ;
— Criança louca, — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras : — qu'é da minha c'rôa?...
Eu te diria : — desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês : trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bella — eu moço ; tens amor, eu — medo!...

Outubro, 1858.

PERDAO!

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima cristallina
Banhou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeu?!

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura,
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz do alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto,
Que te rolou sobre a tez!
Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,
— No sonhar da phantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

. . . .

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, — innocente —
Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão, ó flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!

— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

. . . .

Eu sei, devera sósinho
Soffrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!
— Devera, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
— Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de mágoas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me, e — morrer!

. . . .

Não pude! — A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna a voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto

E do delirio no pranto
Morri de amores — por ti!

. . . .

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flor d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração!
— Será enorme o peccado,
Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indifferença,
Do teu labio a maldição!...

. . . .

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho, 1858.

MOCIDADE

Ninon, Ninon, que fais-tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour!...
MUSSET.

Doce filha da languida tristeza,
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!

Quando a terra sorri-se e o mar suspira,
Porque te banha o rosto essa amargura? !

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
— Não foge a rosa quando o sol a busca
Antes se abraza nos gentis fulgores.

Não ! — Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas mágoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce ou viração calmante ;
— Amor — é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos ! — disse Deus creando o mundo,
Amemos ! — disse Adão no paraizo !
Amor ! — murmura o mar nos seus queixumes,
Amor! — repete a terra n'um sorriso !

Doce filha da languida tristeza,
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha !

Amenos! Este mundo é tão tristonho !
A vida, como um sonho — brilha e passa ;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo! — E que te importa o mundo?
— Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rôlas gosam no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida — hymnos e flores;
De azul se veste o céo... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

. . . .

Doce filha da languida tristeza,
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
— Como a flor indolente da campina,
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro, 1858.

NOIVADO

Filha do céu — ó flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

. . . .

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anceio,

Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta — meu amor só vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual ecco fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céo tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cansada a terra adormeceu sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado...
— Sósinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
O' filha do sertão, sobre o meu peito!
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

. . . .

1858.

DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãe que soffre pela filha bella,
Eu — de joelhos — com as mãos erguidas,
Supplico ao céu a felicidade *d'ella*.

— « Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que daes voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem, como a tenra planta,
Nunca floresce sobre terra ingrata;
— Bem como a rôla — qualquer folha a espanta,
— Bem como o lyrio — qualquer vento a mata.

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra...

Senhor, amai-a! — a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
— Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida;
Fazei-lhe, oh! Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora! —

Dezembro, 1858.

SONHANDO

Um dia, ó linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,

Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
— Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro!

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E prêsa de vago anceio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
Á flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Ás aguas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados
Sob a copa do arvoredo,
Fallei-te d'esse soluço
Que os labios abriu-te a medo...
— Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!...

Agosto, 1858.

LEMBRAS-TE?

Diz-me, Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor;
Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas,
E tuas faces córadas
De virgindade e pudor?...

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria!
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,
As horas... essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam;
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura;
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura,
Cada rosa — uma illusão,
Nos labios uma canção,
Aqui no peito — um vulção,
Em ti, Julia — a formosura!

Maz diz-me : tu não te lembras
D'aquella tarde de abril,
Em que eu mirova gostoso
Esse teu rosto gentil?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

N'um jardim todo florido,
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorvia anhelante,
Quasi louco, delirante,
O sorrir interessante
De teus labios tão córados?...

Os teus olhos eram — chammas,
A tua bocca — um portento,
As tuas faces — mimosas,
Tua expressão — sentimento,

Eu olhava extasiado,
Eu soffria calado
Esse sentir abrazado,
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então fallavam
Uma sublime linguagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as aguas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus,
Que abrazavam de calor.
Como córaste de pejo
Ao matar esse desejo...
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor!...

Diz-me, Julia, não te lembras
D'aquella tarde de abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?...
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

1856.

DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as mágoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que cahissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dous pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um vulcão;
Por ella tudo daria...
— A vida, o céu, a razão!

1857.

ELISA

O rouxinol
Que na balseira
Do rio á beira,
Canção fagueira
Que tão bem sôa.
Cadente entôa
Ao pôr do sol
E no arrebol
D'uma manhã
Fresca e louçã,
No doce canto
Cheio de encanto
Que eu amo tanto
Soletra — Elisa.
E a mansa brisa
Que beija as flores
Fallando amores,
E seus odores
Trazer-nos vem,
Diz-me tambem,
Mas muito a medo,
Quasi em segredo,
Que — Elisa é bella.
E mesmo a estrella
Que em noite escura
No céu fulgura
Radiante e pura,

Dizer parece
Na falla muda
Que d'aquelle anjo
A voz d'archanjo
Maviosa canta
Belleza tanta.
Tambem espanta
Que a mesma rosa
Que é tão vaidosa,
Conheço emfim
Córadas rosas
Bem melindrosas,
Muitas, infindas,
Nas faces lindas
D'um serafim!
E a corrente
Que brandamente,
— Quasi indolente,
Por sobre o prado
Bem matizado
Já se deslisa...
Murmura — Elisa.
E o quieto lago,
Espelho mago
Que com affago
Da branca lua
A fronte nua
Mostra na sua
Face tão lisa,
Retrata — Elisa.
E minha lyra

Tambem suspira
Por — Elisa bella,
Dos olhos d'ella
Por um volver;
Em seus sorrisos
Mil paraizos
Eu sonho vêr.

. . . .

Aos pés d'um anjo
Um homem chora,
Perdão implora...
Ria-se o mundo,
Ria-se — embora,
E a mulher
Que o poeta adora.
Dá-lhe seus cantos,
Risos e prantos,
E uma alma ardente.

Quando eu morrer,
Da minha campa
Na pedra lisa,
Oh venha a brisa
Dizer — Elisa!
Que venha ella,
Meiga donzella,
Triste e chorosa
Dizer saudosa,
Em voz sentida
— Aqui descansa

O meu cantor. —
Talvez que então
Pela sua dor
Chamado á vida
Repita — amor!

1855.

HONTEM Á NOITE

Hontem — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplámos, quando a noite veio :
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros : — dai o céu a ella!
Disse a teus olhos : — dai amor p'ra mim!

1859.

LIVRO TERCEIRO

Nascer, luctar, soffrer — eis toda a vida!
GONÇALVES DIAS.

POESIAS DIVERSAS

O BAILE!

Se junto de mim te vejo,
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras!
Deixas amor — pelas galas
E vaes ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão! — Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcizos,
— Bonecos que a moda enfeita,
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella,

E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dor conforta;
Ao concertar tuas tranças,
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo : — « Qu'importa?...

« Era um louco, em noites bellas
« Vinha fitar as estrellas
« Nas praias, co'a fronte nua!
« Chorava canções sentidas,
« E ficava horas perdidas
« Sósinho, mirando a lua!

« Tremia quando fallava,
« E — pobre tonto! — chamava
« O baile — alegrias falsas!
« — Eu gósto mais d'essas fallas
« Que me murmurão nas salas
« No ritornello das walsas. — »

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres,
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão.... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia,
No meio de tantas galas,
Dos prazeres na vertigem,
A tua c'rôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho, 1858.

PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travêssa e louca
Sem euvires meu lamento;
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento;
Mas olha que essa grinalda
Bem póde murchal-a o vento!

Ai que louca! Abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escripto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E... quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos,
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias...

Mas eu te fallo e te aviso :
— « Olha que tu te enlamêas! » —

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho :
— « Olha que a morte não tarda!
« Mariposa dos amores,
« Deixa a luz, embora arda.

« A chamma seduz e brilha
— « Qual diamante entre as gazas —
« E tu no fogo maldito
« Tão descuidosa te abrasas!
« Mariposa, mariposa,
« Tu vais queimar tuas azas! »

Conchinha das lisas praias
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!...
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlamêas!...

1858.

FOLHA NEGRA

Sinhá, um outro mancebo
Alegre, poeta, e crente,

Soltára um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Qne a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,
É vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina,
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as agoas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas magoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rola,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro,
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
De mãe que embala o filhinho!...

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

Setembro, 1858.

BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposíto um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — Quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Trlvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos!

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,
E n'esse ramo, que o sepulchro implora,
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

Junho, 1858.

INFANCIA

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Ó anjo da loura trança,
És criança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,
Não descansa
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,
    A dor lança
Em nossa alma agro descrer.
— Que não encontres na vida
    Flor querida,
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,
    A onda é mansa
O céu é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
    Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,
    Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
— Correm brisas das montanhas...
    Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Rio, 1858.

A UMA PLATEIA

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergontea nasce o galho;
E a flor p'ra ter mais vida,

Para ser — rosa querida —
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo :
Quando timido elle adeja,
— Qual ave que se espaneja —
Como a flor, tambem precisa
Em vez do sôpro da brisa
O sôpro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos — flores.
E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgeio primeiro;
Vós, que viste o seu começo,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e... brazileiro !

Setembro, 1858.

NO TUMULO D'UM MENINO

Um anjo dorme aqui : na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
— Rosa tocada do cruel graniso —

Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céo!

Maio, 1858.

A J. J. C. MACEDO JUNIOR

Poëte, prends ta lyre ; aigle, ouvre ta jeune aile ;
Étoile, étoile, lève-toi !

V. Hugo.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledo
Aperto a tua mão :
Cantor das açucenas, crê-me agora,
Este canto que a lyra balbucia
É pobre ; mas de irmão !

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
De glorias e de amor :
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arrebato
E pasmo ante o cantor !

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornam n'alma
Canções de cherubim !
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças,
E tu serás assim !

O' mocidade, como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte
Similham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidas cecens,
Pódes, criança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento — estuda e pensa —
É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores,
Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas,
E adormeças a scismar quimeras
Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
Das longas saturnaes;

Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas, minha pomba casta,
E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirrha-se a grinalda
E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia,
Que engana com sorriso de feitiços
— Tão pallida Rachel!
Não encostes na taça os labios soffregos...
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz!

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios d'este sol;
Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céu azul, o mar sereno,
A veiga que seduz;
E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu eccos mais santos,
Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
A estupida mudez!
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos snrgirá brilhante
Millevoye — talvez!

Maio, 1858.

UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa:
— « Dá, fosmosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flor!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar! » —

E a rosa dizia á brisa:
— « Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais! » —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella! — Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou!...

Novembro, 1858.

POIS NÃO É?!

Ver cahir o cedro annoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar á terra
O pobre velho bondoso,
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade,
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu côr e vida,
De manhã — flor do vallado,
De tarde — rosa pendida!...

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sôpro da viração;
Mas vel-a depois lascada
Em duas cahir no chão!...

Mas vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vêl-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
— Captivo dos olhos d'ella —
Na voz que balbuciava
De amores fallava a medo;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dor de mais — pois não é?!...

Inday'assú, 1857.

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
D'um carvalho ao pé;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
— Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrhada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
— Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra,
Sem responder, passou!
O pobre recolheo a mão vasia. .
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas — Satanaz folgou!

Rio, 1858.

NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!
V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,

E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul — como os olhos grandes d'ella —
A doudejar gentil passou bem junto,
E beijou-lhe da face a rosa bella.

« — Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla,
Mamãe me ralha se eu ficar cansada
Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a! »

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flores,
E a — flor dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Ião, vinhão, á roda das acacias,
Brincavão no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia : » — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!... »

Dezembro, 1858.

CLARA

Não sabes, Clara, qne pena
Eu teria se — morena
Tu fosses em vez de *clara!*
Talvez... Quem sabe? não digo...
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára!

A tua cor é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve,
O teu sorriso é delirio...
És alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintão archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra,
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo!

A cor morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delirio...
És alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

Rio, 1858.

O QUE É SYMPATHIA?

A UMA MENINA

Sympathia — é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração;
São dous olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica attracção.

Sympathia — são dous galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gemeas
Que riem no mesmo riso,

Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dous amantes,
Duas lyras similhantes,
Ou dous poemas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens d'um céu d'agosto
É o que m'inspira teu rosto...
— Sympathia — é — quasi amor!

Inday'assú, 1857.

A ROSA

Como ostentas seducção!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bella e caprichosa,
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!
Sobre as aguas da corrente,
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sopro da viração!
O teu perfume tão brando
Os ares embalsamando,
De gôsos me embriagando,
Como falla ao coração!

Oh! como fallas de amor,
Mimosa, purpurea flor!
Mas eu não te colho, não!...
Quando te vir outra vez,
Amanhã mesmo — talvez
Já não inspires paixão.
Já estarás desbotada,
Pallida, murcha, coitada,
Com tua fronte inclinada,
Com tuas folhas no chão!...
E eu direi : ella vivia...
Longa vida promettia
Essa rainha d'um dia :
Depois veio o furacão,
E, ai! deixo-a cahida,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem côr, sem vida!
— Uma rosa, uma illusão!

1856.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais :
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,

Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça
Andava a gente a fugir :
Agora calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz :
Os outros trazem cebollas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe gargalhadas,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos *Maneis* :
Os barões andam ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel :
Ou quer na prosa ou no verso,
Dál-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão :
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais,

Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

1860.

A AMIZADE

Já farto da vida, dos annos na flor,
O peito me rala pungente saudade;
Trahido nas crenças, trahido no amor,
Meu canto recebe, celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei
Repleto de gôsos, um mundo ideal,
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu, meu amigo, permitte que um pouco
A fronte recline n'um peito d'irmão;
Enxuga, se pódes o pranto do louco,
Que em paga de affectos só teve a traição!

Em tempos felizes, n'um dia formoso,
Na relva sentados, bem juntos, unidos,
No peito encostado seu rosto mimoso,
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente, eu beijava seus labios córados
Com beijos ardentes, com beijos de amor,
E Laura jurava que quando apartados,
Viver não queria, morreria de dor!

Partir foi preciso... abracei-a chorando...
E Laura chorou!... eu de dor solucei...
Mas tempos depois que contente voltando
Julgava beijal-a, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras
Que em prantos me déste diante de Deus!
Mas tu não te lembras que as faces impuras,
Que os labios córados roçaram os meus?!..

Poeta e amante eu um mundo sonhei
Repleto de gozos, um mundo ideal...
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,
Como flor tombada por um vendaval.

Errante vagando por vales sombrios
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade;
A morte buscando nas agoas dos rios,
Me disse uma voz : — Inda resta a amizade!

« Esquece esse fogo, esse amor, um delirio
« Que aqui te cavava profundo jazigo;
« Ao mundo de novo, termina o martyrio,
« A fronte reclina n'um peito de amigo. »

— Ao mundo voltei, esqueci os amores
No peito apagando uma forte paixão;

Agora a amizade mitiga-me as dores,
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

Agosto, 1855.

NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

Tudo muda com os annos :
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!
— Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si!
— Essas duram ; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui?

1860.

LIVRO NEGRO

. . . . O livro
Da minh' alma, livro santo,
Escripto em noites de augustia,
Regado com muito pranto.
C. DE ABREU, *Pal. á alg.*

POESIAS ELEGIACAS

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas,
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dor me atormenta,
É um supplicio atroz!
E p'ra contal-a falta á lyra cordas,
E aos labios meus a voz!

Ás vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil phantasmas,
Que aniquilo outra vez!

Doe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pae que as bellas filhas
Viu languidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço.
Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu devera folgar n'esta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,
Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz!

Os outros, — os felizes d'este mundo,
Deleitam-se em saraus;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
P'ra mim são todos maus!

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo d'um paul!

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas phantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bella,
— A pudica vestal
Que eu creei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim:
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio affagar a minha fronte
— Tão férvido vulcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!..

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E podesse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor!

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
— Bemdito seja Deus! —

Abril, 1858.

DORES

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola
Ou suspeita sequer!

Mágoas maiores do que a dor d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvidio de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bolir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É vêr que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro.
Que vôam para Deus!
É vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co'o riso dos atheus!

É assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
É vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

É viver, flor nascida nas montanhas,
P'ra aclimar-se, apertada n'uma estufa
Á falta de ar e luz!
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dor é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,
A alma nos desfaz!

Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem;
Um véo nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murchar-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte joven que o pesar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento! — mortalha para as dores —
A qui na terra é a embriaguez do gôso,
A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
É doce então morrer!

Depois o mundo diz : — « Que libertino!
A folgar no delirio dos alcouces
As azas empanou! » —
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou!...

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer!
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Rio, 1858.

---

* * *

Pobre creança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vès,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençoe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste gôso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura: — Como o canto é lindo! —
Sorri-se um poco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, ó anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha,
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares,
Á beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer tambem!
— Roto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
D'ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou,

Tu foste a gotta de bemdito orvalho,
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derraman n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce, que teu labio exhala,
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei de adorar-te como adoro a Deus!

1858.

FRAGMENTO

. . . .

O mundo é uma mentira, a gloria—fumo,
A morte —um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que se esváe na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,

Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois — louco sublime — elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, lucta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
— Menino louro que se cansa e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...

. . . .

. . . .

Dezembro, 1858

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,

Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão : — coitado !

Junho, 1858.

ANJO !

Sub umbra alarum tuarum

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr ;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só ;
Tu disseste : — Ergue-te, Lazaro ! —
E o morto surgiu do pó !

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é ;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amor tenho fé.

A fronte, que ardia em brazas,
A seus delirios pôz fim
Sentindo o rigor das azas,
O sopro d'um cherubim

Um anjo veio e deu vida
Ao peito de amores nú :
Minh'alma agora remida
Adora o anjo — que és tu!

Julho, 1858.

MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein — je veux pleurer !
LAMARTINE.

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios qne murchou o estio.

Dizem que ha gôsos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porquê—mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gôsos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.

—Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato;

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a probresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos chorámos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gôsos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem :
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gôsos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores — a minh'alma é triste!

12 março, 1858.

Á MORTE DE AFFONSO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCÓLA CENTRAL

Who has not lost a friend?...
M.

É triste vêr a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!

É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de vulcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto,
E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto
Ás vezes no embryão?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No socego do val?...
—Não veriamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre
E n'essa fronte que o sepulchro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descansas,
E comtigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
Nas nevoas da manhã!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
Á voz de sua irmã!

E mudo aquelle a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deu;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeu nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceu!

Era bem cedo! —na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorriu!
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternaes carinhos,
Cansado succumbiu!

Era bem cedo! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;

E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
Bemdizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
— Nã tarda a minha vez!

Maio, 1858.

NO LEITO

Se eu morresse ámanhã!
A. de Azevedo.

Eu soffro ; — o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino!
Quem sabe? — A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face;
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Véla á minha cabeceira.
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!
Teu riso a febre me acalma;
— Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a eu, pobre, palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
— Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol!

Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
Á beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.
Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
— Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos criei!

Ao menos, n'esse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãe!

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abençôo o leito
Que tantas mágoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — viverá!
— Que ás vezes na cruz singela
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade!
— Que de noite, ao teu piano,

Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — *Traviata*
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias de tanto amor!
—E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
Á memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bemdita, bemdita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
N'essa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu — o filho da poesia —
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

Que tem a morte de feia?!
—Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dor anceia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no teu regaço —
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos véla;

E nós — os filhos do erro —
Libertos d'este desterro,
Vamos comtigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...
Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
— Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
Á sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

Assim, — se ámanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sopro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;
— Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao dosprender-se da vida
— Toda saudade e amores —
Vai dizer-te o extremo — adeus!...

Agosto, 1858.

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste — quem nega?
— Nem vale a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabello!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora — é toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
— A dor das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infancia tem risadas!

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio, 1858.

A VIDA

Nunca vistes uma rosa,
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois, vaidosa,
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gottas tão brilhantes
Que similham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Toda garrida e louçã,
De abril em fresca manhã
Pompeando lindas cores,
Pelo zephiro embalada,
Sobre a lympha debruçada
Formosa fallando amores?

Não vistes depois á tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flor está tão triste,
Co'a bella fronte pendente,
E como a tepida aragem,
Que sussurra na folhagem,
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flor que se sorria

Cheia de graça e de vida,
Não a vistes vós pendida,
Co'a viva cor já perdida,
E que a brisa caprichosa
D'essa tão pallida rosa,
Uma a uma as folhas todas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando,
E que essas folhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdiam?...

Olhai, assim é a vida!
Na infancia somos felizes,
Temos da rosa os matizes,
Quando se abre em botão;
E as puras gottas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que ellas são
Os prantos de nossa mãe,
Que cahem silenciosos,
Eloquentes, amorosos,
Quando no berço deitados,
Com nossos olhos cerrados,
Ella nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos céus
P'ra o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida
— A primavera da vida,

Quando alegres e contentes,
Descuidosos, innocentes,
Nós trepamos ás collinas,
Nós corremos pelo prado,
Colhendo as frescas boninas
Que vegetam no vallado,
Comparai-a vós á rosa
Córada e bella a florir
Quando as auras vespertinas
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor
De tarde, no valle ameno,
Por entre os choupos annosos,
É esse brilho sereno,
Cheio de mago fulgor,
Dos olhos negros, formosos,
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus labios risonhos
Nos dizem fallas d'amor,

E as folhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,
São as nossas illusões,
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma cahindo,
E na corrente dos annos,
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa,
Murcha e cahe no seu rosal,

Não resistindo — mimosa,
Ao sopro do vendaval,
A vida tambem se extingue
Quando estala o coração
Pela perda d'uns amores!...
—A derradeira illusão!...

A J...

Minh'alma dorme, indolente
A tudo o que é grande e bello,
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
De balde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e gloria tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões!

Mas é docil a teus dedos
O teu piano, palpita,
Se derramas teus segredos
N'essa harmonia infinita,
N'essa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta.

D'esse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,

Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que falla
Soletra um hymno de amor!

Mas se tamben indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
— Como a criança dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E — sem ti — dorme outra vez!

1859.

OS MEUS SONHOS

Como era bello esse tempo
De tão doces illusões,
De tardes bellas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrellas vivas e puras;
Quadra de riso e de flores,
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,
Que me mostravas á mente,
N'esse viver innocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida,
Que é toda escabrosa!

E eu, inexperta criança,
Que tinha fé no porvir
Por vêr o mar em bonança
E minha mãe a sorrir!...
E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risonhos!...
Illusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem douradas e bellas
Como o fulgor das estrellas...
E morrem no mesmo dia!...

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matizado
Das flores do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gôsos entrelaçada,
De gôsos que não tem fim.

Esses sonhos de magia
Criei-os na phantasia
Á meiga luz do luar,
E quando conta segredos
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes
N'aquelles doces instantes
De silencio e de oração;
Quando as estrellas seduzem

E quando os labios traduzem
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada
D'uma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca illuminou ;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me : — Sou tua, sou !

N'uma noite mui fagueira,
Como visão prasenteira,
Por entre beijos de amor,
Eu vi surgir uma estrella
Linda, linda, muito bella,
Com doce e meigo fulgor.

Na perdida phantasia,
De luz, de amor, de alegria,
Arilhantei o porvir,
E segui, qual mariposa,
Aquella chamma formosa,
Que eu via ao longe luzir !

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... illusões!
As cordas da minha lyra
Já não soletram canções,
A mente já não delira,
E se louco n'um momento
Revolvo no pensamento
Esse passado de amores...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um ecco da terra
Bradar-me com voz que aterra:
— Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram!
E d'esses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
D'essas noites tão formosas
Em que os sonhos despertaram,
Só lembranças d'esses sonhos,
D'esses sonhos que passaram!...

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte pendida
Calado e triste a scismar,
E n'essa immensa tristeza,
N'essas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que toda a natureza
É silencio, amor e paz;
Eu sinto a alma saudosa

Perguntar com voz queixosa :
— Lindos sonhos, onde estaes?!

Então um ecco medonho
Responde por cada sonho
C'um gemido... e nada mais!

A minha signa cumpriu-se,
A signa que Deus me deu!
O ecco responde triste :
A linda estrella — sumiu-se!
A tua Helena — morreu!

1858.

AO AUTHOR

Como André Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!
C. D'Abreu.

Poeta! Derramou-te Deus na fronte
A luz da inspiração omnipotente,
Ensinou-te a sentir;
E marcou ao teu genio um horisonte
De crenças e esperanças no presente,
De glorias no porvir!

E tu, co'a fronte ungida e radiante
Firmaste o pé na estrada do progresso,
Modulando canções!

Caminha! Ergue o alaúde triumphante,
Despresa a geração que adora um Cresso,
E que olvida um Camões!

Sobre a escabrosa estrada do futuro
De encontro aos passos teus, mais de um espinho
Irá teus pés magoar;
Não voltes, que renegas! vai seguro,
Caminha, que no fim do teu caminho
Louros has de encontrar.

Caminha, e deixa em seu prazer mundano
A esses, que aos poetas estão-vendo
Com escarneo sem fim;
Encara-os como Byron lusitano,
E dize-lhes: « De vós eu nada entendo,
E vós nada de mim! »

A elles o destino deu por sorte
O fogo da ambição, que os incendeia,
A nós a lyra e a cruz!
Elles teem das riquezas o transporte,
Que aviventa a materia e mata a ideia,
Mas nós temos a luz!

Oh! poeta da fronte pensativa,
Recebe na alma, candida, inspirada
A saudação do irmão!
Eu me arrebato, ouvindo a lyra altiva,
Mas a tua poesia enamorada
Me falla ao coração!

Nos perfumes da timida innocencia,
Como as houris nos banhos do Oriente,
Tu'alma se banhou;
E por entre o sorrir da adolescencia
Logo dos labios teus pura, indolente,
A poesia brotou!

Depois o amor, doce mysterio d'alma,
Por entre o medo, a que ninguem resiste,
Tu'alma surprendeu;
Tambem cingiste do martyrio a palma,
E o doce canto da tu'alma triste
Minha'alma entristeceu!

Como choras no leito dos teus sonhos,
Prostrado pela horrenda enfermidade,
Ao teu anjo a rogar
Que os seus olhos, outr'ora tão risonhos,
Sobre o frio portal da eternidade
Por ti fossem chorar!...

Mas tu porque tão cedo desesperas,
Deixando dos teus labios, inda ardentes
Amargura correr?
Tu, mimoso cantor das *Primaveras*,
Do *Livro Negro* as paginas descrentes
Porque foste escrever?

Ah! não vás, meu poeta dos amores,
Manchar a c'rôa á virgem da poesia,
Que tão pura te amou!
Não te illudam do *Goethe* os esplendores,

Que esse deus da sublime zombaria
O coração matou!

Inspira-te do céu da patria tua
Ante o qual ninguem ha que não se incline
Pela manhã gentil;
Canta a aurora ao nascer, á noite a lua,
E assim darás tambem um Lamartine
Ás musas do Brasil!

Poeta! Crê no amor das almas puras,
Canta a patrio, o futuro, a liberdade,
O puro amor e Deus!
Eu te antevejo a aurora das venturas,
E o teu Brazil, com as palmas da amizade
C'roando os cantos teus!

F. GONÇALVES BRAGA.

Setembro de 1859.

MEU LIVRO NEGRO

A GONÇALVES BRAGA

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam: — « Inda é longe,
Muito longe o porvir? »

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
O que é nuvem talvez!
Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
Á porta do meu lar,
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
Tu pódes caminhar.

Escuta: — Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,
Aos goivos — um jardim!
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
O tronco d'um jasmim!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
De vago e de ideal!

Eram centelhas! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
— Estupida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo,
Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não póde sonhar! Meu Deus, é tarde!
A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
Nem lyrios as manhãs.
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
Não ha odio, mas fel!
— Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
— Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala — amores,
Perfumes — o jardim!

Cupiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
Ás garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos — o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!
A lagrima a cahir se muda em riso,
E póde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
— Na fronte a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor!

Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador!

Pódes ir; eu te abraço e te abençôo!
Volta e traze comtigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é nma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama — a valla,
Por mortalha — o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a gloria: — eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
Sósinho e bem feliz!
Dor noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
Ha silphos pelos céus!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz beixa ergue os hymnos de ventura,
E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
Como é fundo o sentir!
Do seu amor — que é perola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
— Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil?

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantar! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão!

Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma :
« Oh! obrigado, irmão! »

Eu da porta da tenda te abençôo!
Pódes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
— Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

ULTIMA FOLHA

Meu Deus! Meu Pae! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Ouve estas preces e me cumpre o voto
— A mim que bebo do absyntho a taça!

— « Feliz serás se como eu soffreres,
« Dar-te-hei o céu em recompensa ao pranto » —
Vós o dissesteste — E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubão meus crueis tyrannos :
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas magoas duras;
— Minh'alma off'reço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assemelha ás flores...
O vento a quebra no seu verde ninho,
— Velai ao menos pelo pobre anjinho,
— Pagai-lhe em goso o que me dais em dores!

Maio, 6.

CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

Representada pela primera vez no theatro D. Fernando na noite de 18 de Janeiro de 1856.

PERSONAGENS :

CAMÕES.	Sr. Braz Martins.
ANTONIO.	Santos.

A acção passa-se em Lisboa, 1578.

CAMÕES E O JÁO

PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor « Olinda, » transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pae e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noutes quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noutes da minha terra, quando os raios da lua

brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldêa. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora; era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingoa que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu.., mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos? Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh! eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado, ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das floresta, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plaintai-a na

Europa : ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o vio nascer! Feliz aquelle que póde receber todos os dias a benção e os affagos maternos? Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasphemia atroz : não creio em Deus !... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões ; arde-me no peito o fogo dos meus dezesete annos ; creio em Deus do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descançarei na mesma terra que me vio nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro D. Fernando a scena dramatica *Camões e o Jáo*, primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumeros defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio dos bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendi-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospita-

leiro, que bradavam — « ávante! » ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes : ávante? Bem ; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabroxar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escripto e como actor ; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria : foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.^{mo} sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro peço que, quando ler o *Camões e o Jáo*, vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto *Freese*, rogo de me recommendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março, 1856.

SCENA UNICA

CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO : EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA ; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

SÃO DEZ HORAS DA MANHÃ.

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longiquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquel'es sons que pouco a pouco se esvaécem, depois assenta-se.

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO

CAMÕES.

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar macio?
Julguei ouvir o ruffo dos tambores,
Ou o estridor pelos eccos repetido
De bronzeas bòccas a rugir nas vagas.
(Erguendo-se)
Ribombo do canhão! signal de gloria
P'r'as sempre fortes vencedores Quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,
E tremulando na soidão dos mares,
Que ao jugo luzitano a cerviz curvam!

Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.
(Com enthusiasmo)
Meu Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terrá de magia,
Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim meus amores, que os que tive outr'ora...
Calla-te coração... já não existem!
(Caminhando com custo para a janella)
De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso
No exilio amargo tantos annos... tantos!
(Commovido)
Ó quantas vezes de Macáu na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!
(Retirando-se da janella)
Para que me hei de recordar do exilio?
(Assentando-se na cadeira)
Passado é já. Vejamos o futuro.
(Curva a fronte)

ANTONIO.

(Entrando e aproximando-se de manso — á parte)
Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES.

Quem entra do mendigo na choupana?
(Reparando)

É Jáo, meu pobre, meu sincero-amigo.

ANTONIO.

(Á parte)

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES.

Antonio, para mim não trazes nada?

ANTONIO.

Fui buscar pão... nem um seitil me deram!

CAMÕES.

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO.

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?
Tão pallido vos vejo e tão mudado!
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES.

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO.

(Á parte)

E tornou-me a chamar o seu amigo!
Igual affecto, quem pagal-o póde?

CAMÕES.

Dizes que tenho a palidez no rosto?
Não repares; a côr fugiu ha muito.
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.
É a vida a soltar o arranco extremo
Já prestes a findar, como no templo
Á mingoa d'oleo, ao despontar da aurora,

A lampada que ardeu durante a noute
Pallida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO.

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES.

Se eu a sinto chegar a passos largos!
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sob a terra descançar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperança extincta...
Ó de que vale o prolongar-se a vida?
Sim, brevemente cerrarei os olhos,
Morrerei pobre, velho, despresado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO.

(Cahindo-lhe aos pés)
Ó meu senhor!

CAMÕES.

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,
Uma lagrima derramar saudosa,
E dizer expirando o nome d'ella!
(Erguendo com doçura a cabeça do Jáo)
Antonio, diz-me cá; tu nunca amaste?

ANTONIO.

(Erguendo-se)
Se tenho um coração!... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java:

A meus paes eu amei como bom filho
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES.

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda?
Por quem sentisses attracção immensa?
Em que louco pensasses, sempre, sempre,
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, emfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivesses nos labios e na mente;
Escripto o visses na corrente branda
Que sobre seixos se deslisa quieta,
N'um céu d'anil, na flor do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores,
O murmurar da fonte cristalina,
No firmamonto o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesses terno?

ANTONIO.

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma cor que tenho,
Ella tinha tambem; era de Java.
A infancia ambos passámos sempre juntos
Brincando alegres pelos campos lindos.
Passaram-se os folguedos, e sósinhos
Á fresca sombra dos gentis palmares

Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil fallas de ternura lhe fallava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou-se!
O que eu chorei! E a dor pungente e amarga
Até á morte sentirei n'esta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
Senhor, o pobre Jáo não terá nunca.

Camões.

Pois escuta : eu amava com excesso
Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega colocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome,
Não podia off'recer-lhe a mão d'esposo!
Ai loucos! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?
Quem é que ao coração jámais deu regras?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saudoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha;
Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha d'esta terra,
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,
D'estas flores mimosas, d'estes ares!
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.

Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Uma inspiração celeste, radiante!
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noute bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as agoas do lago socegado;
Lá não ouvia a gemebunda rôla
Gemer saudosa... que entristece tanto!
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,
Que nunca mais soltára hymno festivo!
Tudo alli respirava só tristeza!
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natercia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...
Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que no entr'abrir final, balbuciaram
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacilante os cabellos apartava
Com a tremula mão da fronte em gêlo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta... na flor da vida!... ella era um anjo!
Desde esse dia então morri p'r'o mundo.
As lagrimas de dor verti-as todas,

Depois... não chorei mais, soffria mudo
De rojo junto á cruz, contricto orava,
Orava toda a noute só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céu vel-a queria,
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam d'ella separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que fallam de Natercia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas cahidas
Sobre o papel quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, Lagrimas de sangue,
Acrancadas por uma dor immensa.

(Beijandor-os)

Oh! quero lêl-os, lêl-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste
Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai! quando d'esse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra.
Mais uma fibra que do peito estala,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
— Derradeiro estertor do agonizante —
Um gemido que diz: além a — campa!

(Assenta-se e lê;)

« Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'este mundo descontente ;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste. »

ANTONIO.

(Á parte)
Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate d'esto mundo !
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solia nem um só que seja !
Callado soffre, soffre, e não murmura!
Só eu é que conheço o que padece :
Com fome ha tantas horas e não tenho
Em casa, nada que lhe dê agora !
Se podesse passar sem mim ao lado...
Se podesse ! inda sou rapaz, sou forte,
De noute e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento.
Tão fraco ; até lhe custa a dar um passo !
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos fallo,
Ninguem attende á supplica do pobre !
De dor eu choro quando peço esmolla
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal, ó portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos
Sem vos lembrar que na miseria triste

Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;
Mas dos sec'los futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezivel,
E a voz de Deus vos bradará severa:
« Assassinos, assassinaste o vate! »

(Ouvem-se salvas repetidas, ao longe)

CAMÕES.

Antonio?

ANTONIO.

Senhor!

CAMÕES.

Saberás dizer-me
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO.

É a saudação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que entregues aos ventos inconstantes
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da cruz em terras d'Africa.

CAMÕES.

(Erguendo-se, agitado)
Sim, elles vão... mas é buscar a morte.
Quem antevera que d'um povo a ruina
Pelo seu proprio rei cavada fosse?

Ó campas nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco :
Decerrai-vos, surgi ! Que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,
Depressa venham sustentar a patria
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre !

(Caminhando para a janella e fallando para fóra)

Dom Sebastião, monarcha temerario,
Parai ! parai ! que não ireis mancebo,
Sepultar nas arêas africanas,
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,
Oh ! escutai, senhor, o pranto amargo
Do pae, da mãe, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pae, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha.
Mas ah ! sois surdo ; vossas náos já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta d'essas victimas.

(Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado)

Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noute?!..
Que campo é esse que se allaga em sangue,
Theatro horrivel onde impera a morte?!...
O d'Alcacer-Quivir plaga maldicta
Que presencêas n'um só dia a queda
Da nação entre todas a mais nobre!

Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da ligeira espada
E o alfange, como anjo de exterminio,
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas imigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rolla..,
Calcada está de Portugal a c'rôa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...
E dom Sebastião ouzado e joven
Eil-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!
Elle, nobre dos nobres luzitanos;
Ao lado do peão lá geme, expira!
— A morte nivelou o throno e a choça!
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria...
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno
Que contentes os eccos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cubrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!
A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
Sãs grilhoes que nos vem lançar Castella!!

Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez responde — nunca !

ANTONIO.

(Á parte)
A febre do delirio que o devora!

CAMÕES.

Eu á patria sobreviver? Não quero.
Quem d'este Portugal cantou as glorias
Não póde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, hei de morrer com ella.
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Oh ! que a mesma mortalha nos envolva ;
E o canto d'alma apaixonado e terno,
Em que humilde exaltei a fama tua,
Que as chammas o consumam ; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma trova de seus dias...
Bem poucos de prazer, de dor bastantes!
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslisado em bagas.
Eia, coragem !

(Lança ao fogo alguns manuscriptos e vai buscar os Luziadas)

ANTONIO.

Os Luziadas, nunca !
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço ;
Que não se queima assim n'um só momento

D'um poeta immortal a rica c'rôa,
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.
Oh! vou salval-os.

(Corre para Camões)

CAMÕES.

(Lançando-os ás chammas)

Jáo, nem mais um passo.

ANTONIO.

(Tirando-os)

Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES.

Que fizeste?!...

ANTONIO.

(Erguendo o poema)

Se é verdade que tua patria é morta,
Este poema lembrará ao mundo
Que houve outr'ora um Portugal gigante,
E — Camões — fôra seu cantor sublime,

OBRAS EM PROSA

A VIRGEM LOURA

PAGINAS DO CORAÇÃO

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flores e perfumes, e tudo que vêmos falla e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos d'esse tempo, quando a nossa alma cheia de decepções e despoetisada pelas miserias da vida se recorda melancholica do passado!

Pelo menos a mim aconteceu-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de criança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gósto d'essa lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensivel que o lodo do mundo não póde manchar.

Por isso eu gósto de chorar, e apraz-me ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento n'esse passado que já

vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e góso tudo que vi, senti e gosei n'essa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em... não, não digo o nome do logar onde eu nasci.

Para quê?... Hoje, na casa em que vi a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava n'essa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que me viu nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantára no canto do jardim!

Oh! se eu entrasse agora n'essa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma, trasbordando de saudade, havia de romper em um d'esses choros prolongados e sentidos que revelam uma dor profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então, sanctas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o ecco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancholico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina!

Não quero entrar n'essa casa; far-me-ia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faxas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e, infante ainda, senti a brisa da praia

brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella! Como eu corria por aquelles prados! Que colheita que fazia de flores! Que destemido caçador de borboletas!

Ah! meus oito annos! Quem me déra tornar a tel-os!... Mas... nada, não queria, não; áos oito annos ia eu para a escóla, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo que vos quero contar, é uma cousa que de certo tem acontecido a todas as crianças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se aos nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da falla.

Apesar do tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as cores esmorecidas, desculpem-me; a minha palheta não é variada, e ao tocar n'essas paginas do coração, a mão treme e o pincel ennodôa a tela.

V

Já lestes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Thalberg? Se o lestes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal?

— Seria! mas seu rosto divinamente bello, nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade, outras faiscavam de colera.

N'aquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, prêsos na frente por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Trajava roupas talares, tão alvas, e tão alvas, que todos nós temiamos manchal-as quando as tocavamos.

Era muito linda; mas o que eu sobretudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a cor do céu. Como eram bellos! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasis; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes frescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantico da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos presos a esse doce gorgeio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

— Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem? D'onde tinha vinho?

— Adivinhem. Veio do céu, e quando Deus concluiu o

mundo, ella achou-se de pé no meio da criação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento : de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada d'um sorriso de Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden debruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Criador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia ; chamava-a unicamente — a virgem loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de crianças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa — virgem loura — a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza d'este céu braziliero, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iamos folgar á beira do riacho. Ahi cada qual colhia flores ; um traz a rosas, outro açucenas, outro boas-noites ; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flores da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a — virgem loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flores, parecia um verdadeiro jardim ! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flores, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes iamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerisado bramia e recuava ; de-

pois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino — Ave-Marias — ella orava comnosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a virgem mãe sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes acordando de noite achei a — virgem loura — á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras crianças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, sancta e profunda, que nada póde apagar; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos d'elles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos, que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e sanctos, como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos?

Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôra uma mulher, ha de ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flor pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti; amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

N'essa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que nunca havia aberto; n'essa época em que a minha alma cheia de enthusiasmo nadava em ondas de harmonia; n'essa época a — virgem loura — esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz, muito feliz!

Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumecida de tanto gôso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguem que me chamou poeta.

X

Mas depois... a — virgem loura, — voluvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia .. lembro-me perfeitamante, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdade

n'um unico pensamento, o — dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia, negra hora!

Desde então fugia-me a — virgem loura — e debalde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flores do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gèlo: — *Nunca mais has de encontra-la!*

— Mas quem era a — virgem loura?
— A de olhos azues?
— Sim.
— Aquella que eu amava?
— Sim.
— Pois não adivinharam?!...
Era a — poesia!

CAMILLA

MEMORIAS D'UMA VIAGEM

FRAGMENTOS

Decididamente estamos na epoca dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, deleitam pela suavidade do estylo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade póde elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

É verdade que incommódo horrivelmente os pacificos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciencia: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

I

Era uma noite de...

Ah! é verdade; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sósinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro, eu estudava.

O relogio acabára de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça a uma das mãos e comecei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noute chuvosa foi-me pouco a pouco intorpecendo o espirito até que cahi n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu?

No Brazil, em minha mãe, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração!

Abri maquinalmente a minha pasta e comecei a folhear distrahido os pobres manuscriptos que a enchiam. Aqui era uma copla apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, intertenimento das minhas horas vagas.

Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões!

E qual é o rapaz que á noite no meio d'um silencio augusto, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras criações defeituosas da sua imaginação ardente?

Nenhum.

E o proscripto?

Oh! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o céu sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.

De repente entre os meus papeis deparei com um numero

já antigo do *Braz Tisana*. Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar, era o estylo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes que vinha arrancar-me das soturnbaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos d'esta sociedade enfatuada, continuei a remecher na pasta, que—sem ser preciso abrir parenthesis—era um bazar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Cousa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tisana*!

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama—*O Genio do mal.*

Li o folhetim com avidez e daria tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou a publicar no *Braz Tisana*, seguiu-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso author, e ora pensando no corpo airoso e flexivel de Maria a namorada de Filippe, ora sohando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas d'esse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas collinas, e o Douro que lhe banha os caes, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Foz. Subi, no pensamento, a rua de Santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio das Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lasaro, vi a praça Nova, entrei no Guichard, orei em Santo Ildefonso, debrucei-me na ponte pensil... e finalmente depois de muito cançado instalei-me na Aguia de Ouro!

E o vapor sahia no dia seguinte! E se eu fosse de passagem n'elle, como saudaria com alvoroço essas muralhas veneraudas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com enthusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara!...

Estava com estes pensamentos quando o relogio batia onze e meia.

Maldito relogio, vieste desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e... com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cahir, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso só quebrado pela queda da agua, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noute de chuva! Dorme-se que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, tambem não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar, tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir.

II

Era uma bella manhã. O rio estava formoso, o sol brilhava vivido, e o *Duque do Porto*, coroado por um pennacho de fumo, prompto a sahir, balançava se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aproado direito ao vapor. Eu tambem ia para o Porto; ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e

S. Julião barra fóra, affrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á prôa.

Gósto muito de estar embarcado: satisfaz-me o contemplar o occeano em toda a sua vastidão e isolamento; acho poesia immensa no céu profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas: é-me grato ao ouvido o canto monotono do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjôo.

Ora, não sei se sabem, o enjôo é a molestia mais estupida do mundo; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus beliches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle momento — se é que realmente eu pensava!

A meu lado estava um sugeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O sr. vae para o Porto, não? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A pergunta era tola. Para onde diabo havia eu ir senão para o Porto! Só se me levasse a breca, porque n'esse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi-lhe affirmativente inclinando a cabeça.

— É a primeira vez que lá vae? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

— Pois o sr. nunca foi ao Porto?!..

Signal negativo da minha parte.

— Pois olhe, admira.

Eu fiquei immovel.

— O Porto é uma bouita cidade.

Encolhi os hombros.

— Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebolas, raparigas lindissimas, etc. etc. etc. e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contas com um minhoto; era preciso ser um santo para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

— Meu caro Senhor — disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor, — — queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença...

— Ah! ah! disse elle, rindo-se com um modo aparvalhado, já está enjoado, hein? é falta de costume. Olhe — continuou elle em quanto eu descia a escada da camara — a gente estar deitada é ainda peior; coma bem, beba melhor, passeie e o enjôo vae-se.

— Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei — forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, ali é o pharol de N. S. da Luz; e quando entrei a barra accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor *Porto* cruzou-se-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as fórmas graciosas d'essa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia

não tem o Douro rolando impetuoso! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca!... E ao fundo d'esse painel soberbo, a serra do Pilar com todas as suas recordações gloriosas!

E eu, de braços cruzados, contemplava mudo o theatro d'uma lucta gigante, fratricida sim, mas em que a liberdade havia campeado; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirára ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahi que não saiba de cór o — *Ave Cesar* — e que em frente do Porto não saúde com enthusiasmo

> Esse berço de muralhas
> Que fez livre Portugal?!

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu que tinha quasi a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

— Ernesto!

— Casimiro!

Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

— Já cá estás ha muito? perguntou-me elle.

— Agora mesmo desembarco; e tu?

— Ha mais d'um mez.

— Em que hospedaria?

Na Aguia de Ouro.

— Na Aguia de Ouro?!

— Sim, na Aguia de Ouro. Porque diabo te espantas?

— Com a fortuna! É justamente para onde vou, e encontro-te logo por companheiro! Na verdade, se tudo aqui me correr assim, sou feliz, não ha duvida.

— Vens tratar d'algum negocio?

— Não, vim passear; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto.

— Então deixa estar, hei de mostrar-te o Porto por dentro e por fóra. Enfia o braço; vamos á Aguia de Ouro.

— Pois vamos.

— E a tua bagagem?

— Já lá vae adiaute.

— Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo:

— Ora que ratice!... Encontramo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação!

E ambos soltámos uma gargalhada de rapaz estouvado.

III

É rara a hospedaria de romance que não se chame Aguia de Ouro, Leão de Ouro, Urso Branco, Urso Vermelho, ou outra cousa similhante; no entanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da Aguia de Ouro.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estavamos a contas com o estalajadeiro qne a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia: mudava de toilette.

Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a major seriedade, em quanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

— Dou-te os parabens, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

— Espero da tua amisade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

— Essa é boa! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não; estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha?

— Vinte e seis annos.

— Bonita ou feia?

— Linda como os amores.

— E chama-se?

— Camilla * * *

— Ora essa! disse eu, deixando cahir insensivelmente uma bota que ia calçar.

— Tu conhecel-a? perguntou-me Ernesto.

— De nome.... de nome; tenho ouvido fallar muitas vezes n'essa mulher...

— Romantica, não?

— Romantica, sim, romantica; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

— Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

— Por amor?

— Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é palavra que não ha no meu diccionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No entanto, accrescentou elle pensativo, ha uma cousa que me intimida. Esta mulher tem querido esposar tres rapazes e todos tres morreram horas antes da festa nupcial; da quarta vez dizem que morre ella, mas póde muito bem suceeder o contrario, e se a cubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me recuar atterrado.

Ernesto estava pallido quando acabou de fallar e tinha-se deixado cahir sobre uma cadeira, brincando com a corrente do relojio.

Eu, encostado á commoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficado gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem : não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era quasi impossivel ; mas enfim sempre era uma esperança.

Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

— Olha, disse-me elle apontando para a commoda, abre essa segunda gaveta de cima ; hade ahi estar.

Abri a gaveta, e peguei n'um retrato cravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

— Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te casares estimarei que sejas feliz ; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

— Então porquê?

— Ora, Ernesto, se tu amasses uma mulher de certo não irias assistir ao seu casamento com outro.

Esnesto levantou-se e travou-me da mão.

— Amas Camilla ! ? perguntou-me elle.

— Amo-a, sim.

— E ella?

— Não sei ; ou para melhor dizer : nem me conhece, porque lhe fallei unicamente uma vez.

— Oh ! Oh ! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica? ! Estou com vontade de saber essa historia.

Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu ; mas o que talvez ninguem fez, fiz eu : amei a : Crusei um seguudo os meus olhos com os d'ella, e aquelle olhar

terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi pensei só n'ella, segui-a por toda a parte porque tinha necessidade de a ver, era um iman que me attrahia.

Escuta, Ernesto, era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no divan em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervallo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu estava extatico quando ella fallava; cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.

— O senhor já amou? perguntou-me ella.

— Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.

— E o que daria a essa mulher que ama?

— Todos os meus pensamentos por um beijo seu.

— Oh! disse Camilla, como duvidando.

— Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.

Ella guardou silencio.

— A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.

Camilla sorriu-se e respondeu-me: é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa:

— Eu se amasse um homem, dava-lhe..... o meu amor.

E correu a platéa inteira com o seu oculo de marfim.

Desde essa noute, Ernesto, nunca mais a vi.

Mal tinha acabado estas palavras quando uma carruagem parou á porta do Hotel.

— Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.

— O que? A carruagem?

— Sim; é o trem de Camilla que vem buscar-me.

— Deixas-me já?

— Pelo contrario, levo-te comigo.

— Estás doido!...

— O que! Pois recusas acompanhar-me?

— A casa d'ella, recuso.

— Mas é que nós não vamos agora lá.

— Então acompanho-te.

Decemos a escada, e dois minutos depois rodava a carruagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

INDICE

PRIMAVERAS

LIVRO PRIMEIRO

CANÇÕES DO EXILIO

BRASILIANAS

CANTICOS

LIVRO SEGUNDO

CANTOS DE AMOR

LIVRO TERCEIRO

POESIAS DIVERSAS

LIVRO NEGRO

POESIAS ELEGIACAS

SCENA DRAMATICA

OBRAS EM PROSA

FIM DO INDICE

PARIS. — TYP. SIMÃO RAÇON ET COMP., RUA DE ERFURTH, 1.